



CIDADE DE  
SÃO PAULO  
EDUCAÇÃO

*Memórias*

**REVELAR-SE  
AUTOR**



**CIDADE DE  
SÃO PAULO  
EDUCAÇÃO**

**PREFEITO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO**

Ricardo Nunes

**SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO**

Fernando Padula

**SECRETÁRIA EXECUTIVA MUNICIPAL**

Malde Maria Vilas Bôas

**SECRETÁRIO ADJUNTO DE EDUCAÇÃO**

Bruno Lopes Correia

**CHEFE DE GABINETE**

Omar Cassim Neto

**CHEFE DA ASSESSORIA DE ARTICULAÇÃO  
DAS DIRETORIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO – DREs**

Sueli Mondini

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO

# **REVELAR-SE AUTOR**

*Memórias*

São Paulo - 2022



## COORDENADORIA PEDAGÓGICA - COPED

Simone Aparecida Machado - *Coordenadora*

## NÚCLEO TÉCNICO DE CURRÍCULO - NTC

Aparecido Suter da Silva Junior - *Diretor*

### Equipe NTC

Amanda Ferreira Rodrigues  
Ana Katy Lazare Gabriel  
Anna Luisa de Castro  
Carlos Alberto Mendes de Lima  
Carolinne Mendes da Silva  
Claudia Abrahão Hamada  
Clodoaldo Gomes Alencar Junior  
Eduardo Murakami da Silva  
Eva Aparecida dos Santos  
Guilherme Cunha de Carvalho  
Jonas Ribeiro dos Santos  
Juliana Bauer de Oliveira Pimentel  
Karla de Oliveira Queiroz  
Lisandra Paes  
Luciene Aparecida Grisolio Cioffi  
Regiane Paulino  
Regina Célia Fortuna Broti Gavassa  
Renata de Lara Pereira Tamasi  
Samir Ahmad dos Santos Mustapha  
Selma Andrea dos Santos Silva  
Thais Blasio Martins

## ACADEMIA ESTUDANTIL DE LETRAS - AEL ACADEMIA DE LETRAS DOS PROFESSORES - ALP

Guilherme Cunha de Carvalho  
Samir Ahmad dos Santos Mustapha

## CENTRO DE MULTIMEIOS

Ana Rita da Costa - *Diretora*

### Núcleo de Criação de Arte

Angélica Dadario - *projeto e diagramação*  
Cassiana Paula Cominato  
Fernanda Gomes Pacelli  
Priscila da Silva Leandro  
Simone Porfirio Mascarenhas

### Revisão Textual

Roberta Cristina Torres da Silva

Imagem capa: David Schwarzenberg-Pixabay

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica.

Revelar-se autor : memórias. – São Paulo : SME / COPED, 2022.

160 p.

Volume III resultante da 11ª edição da Semana de Incentivo e Orientação ao Estudo e à Leitura, instituída pela Lei Municipal nº 14.999/09.

1. Literatura brasileira. 2. Escolas municipais. I. Título.

CDD 22. ed. B869



Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remix, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido.

Disponível também em: <<http://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br>>

Consulte as obras disponíveis na Biblioteca Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação.  
Disponível em: <<http://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/centro-de-multimeios/biblioteca-pedagogica>>

E-mail: [smecopedbiblioteca@sme.prefeitura.sp.gov.br](mailto:smecopedbiblioteca@sme.prefeitura.sp.gov.br)

Código da Memória Documental: 113/2022

Elaborado por Patrícia Martins da Silva Rede – CRB-8/5877

# Carola) Leitor(a)

A memória guarda o que bem entende

**Marina Colasanti**

É com muito orgulho que apresentamos os textos literários produzidos pelos educadores da Rede Municipal de Ensino de São Paulo – RME.

Neste ano, os professores, membros da Academia Estudantil de Letras – AEL e da Academia de Letras dos Professores da Cidade de São Paulo – ALP foram convidados a partilhar suas memórias.

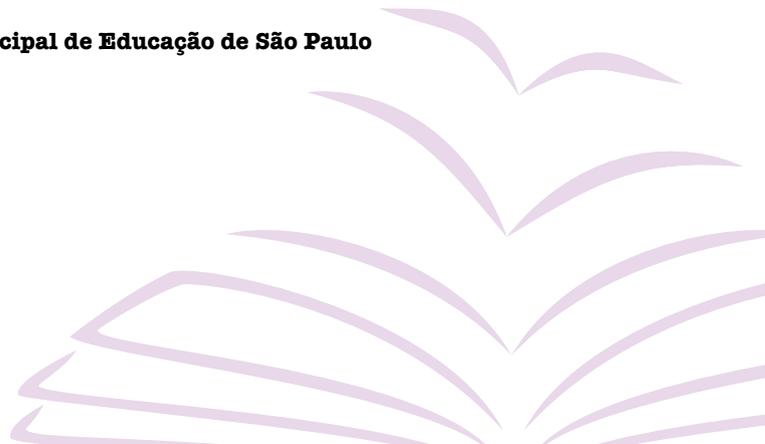
Encontramos nos textos aqui publicados momentos de alegria, tristeza, reflexão... uma miríade de sentimentos que mostra como as lembranças podem provocar o escritor, e nós leitores, de diferentes maneiras.

Gabriel García Márquez disse que “a vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda e como recorda para contá-la”. Assim, o que temos nessas páginas é a partilha da vida desses educadores.

O livro Revelar-se Autor é parte integrante das ações realizadas na Semana Municipal de Incentivo e Orientação ao Estudo e à Leitura, criada pela Lei nº 14.999/09, de autoria do professor vereador Eliseu Gabriel.

Boa leitura!

**Secretaria Municipal de Educação de São Paulo**



# *Memórias caleidoscópicas de um passado presente*

Os rostos vazios de expressão presos aos pedaços de panos, os sorrisos escondidos, as espontaneidades presas e algemadas, toucas na cabeça, não sorriem mais.

Depois de um tempo longe do espaço que lhes pertence, a escola, demoram a tê-la como sua novamente. Olhares perdidos, pés inquietos, mãos ansiosas. Esqueceram-se do gosto doce e curioso do aprender. Olhos ao teto.

Não compreendem o que digo, o que faço, o que proponho. Não estão aqui. Ficaram na pandemia, no isolamento, no esquecimento. Corações e emoções congeladas no limbo da quarentena. Quando voltarão?

Aprendizados passaram, angústias passaram, curiosidades passaram, sonhos passaram, projeções passaram, mestres passaram, o viver em si e para si se foi.

A espera de um novo tempo com sorriso aberto, mente aberta, escola aberta. Vontade de ser e crer, ânsia pelo futuro com poder nas mãos. Conhecimento poderoso e libertador. Olhos com foco, pés firmes, mãos concentradas, o cheiro pairante do aprender envolvendo todo espaço escolar novamente, sorrisos gargalhantes, presentes no presente, livres da prisão dos panos e protocolos paralísantes, com a sensibilidade ao viver.

Estudantes, voltem pra nós! Seus mestres os esperam!



# *Férias incríveis*

Todo ano era a mesma coisa. As aulas acabavam e as férias começavam.

Mamãe e papai já tinham tudo planejado. Iriam levar eu e meu irmão Tato para a casa dos nossos avós paternos.

Vovô e vovó moravam no interior de São Paulo, numa vila militar, lá era tudo muito engraçado, as casas eram todas iguais e não havia portões.

Mais que depressa, fazíamos nossas malas e íamos para a rodoviária do Tietê. Lá era um lugar cheio de gente. Nossos pais apertavam nossas mãos com força para não nos perder naquela multidão.

Ao chegar ao nosso destino, mal desfazíamos as malas e corríamos para rever a garotada. A bagunça estava garantida!

Sempre que vovó ia nos chamar, estávamos pendurados no pé de Jambolão. Lá não precisávamos ir à feira para comer frutas, havia um pomar com várias espécies frescas e deliciosas.

Nos dias mais quentes, vovô pendurava uma mangueira no pé de abacate, estendia um plástico no chão com sabão. Era a nossa maior diversão.

De tardinha, quando a fome batia, vovó fazia saborosos bolinhos de chuva passados na canela e no açúcar. Que delícia!

Ao anoitecer, podíamos apreciar o céu limpo e enfeitado com milhares de estrelas enquanto fazíamos comidinha na fogueira.

Na vila, nos sentíamos como um passarinhos fora da gaiola, livres para voar.

Mas o que era bom passava rápido e nossos pais estavam de volta para nos buscar.

A despedida era sempre a pior parte. Enquanto esperávamos o ônibus de volta, o peito apertava e as lágrimas rolavam, mas no nosso coração sabíamos que em breve estaríamos de volta e que teríamos outras férias incríveis.



# Amigo secreto

Era dezembro...

Cheiro de pinheiro pela casa...

Casa da vó...

O primeiro contato da manhã: olhar vagando pela janela, cotovelos na carteira. Toda manhã, havia a sensação de que lá fora as coisas aconteciam. A Professora pede silêncio!

Quem seria meu Amigo Secreto? O bilhete caprichado diz: “— Gosto muito de você. O que gostaria de ganhar?”

A possibilidade de escolher! Mas o receio, a vergonha! E se o meu Amigo Secreto achasse graça do meu pedido?

Os olhos insistem em procurar a janela. As cores, amo as cores. Depois eles se voltam para o estojo de madeira (seis pequenos lápis se destacam: amarelo, azul, vermelho, verde, preto e marrom: era isso!). Naquela época, vendia-se caixa de lápis de cor com seis cores, com 7 centímetros cada um. Como alguém poderia pintar as figuras e os desenhos somente com aquelas cores? E se quebrassem as pontas? Duas passadas no apontador e pronto “já era aquele lápis”, virava um “cotoco” e doía a mão para usar e doía também o coração. Colorir era para poucos e minha mãe não tinha condições de comprar “os grandes”!!!

Que inveja do “verde-água”, do “azul celeste”, ou do “cor de maravilha” que desfilavam nas mãos de alguns colegas. Era um sonho!!!

Dia 16 de dezembro: bolo de chocolate, guaraná, coração acelerado, pois ia começar a troca dos presentes secretos... dos sonhos secretos. Os nomes um a um vão se revelando. Até que um sortudo tira a professora Lourdes. Poxa, devia ser mesmo o máximo tirar a professora!!! É a vez dela... olha para todos procurando seu Amigo. Com voz firme e sorriso no rosto, pronuncia:

A D R I A N A L E M O S , ainda ouço aquela voz nos dezembros que se seguem...

Fiquei paralisada. Ela me deu um abraço, me entregou o embrulho e disse baixinho, só para que eu escutasse: “— Nunca me deparei com um pedido tão lindo, tão especial. Espero que goste”. Fiquei tão emocionada que até havia me esquecido do que tinha pedido. Abri o pacote e lá estava o maior dos tesouros, uma caixa de lápis de cor de 36 cores (ainda sinto o cheiro daqueles lápis novinhos). E junto ainda uma caneta esferográfica azul, incrível! “Para eu usar na 5ª série”, segundo a Professora.

Queria que tivessem durado para sempre, apontá-los era sempre um drama. Infelizmente, eles acabaram. Resta a lembrança e o bilhete que os acompanhava: “— Vai Adriana, colorir sua vida. Hoje agradeço a Deus por crianças como você, que me fazem acreditar num mundo melhor” - Professora Lourdes 4ª série A.



# Educar e machucar

Antigamente éramos educados  
Ou educados éramos, sei lá  
Na escola, aprendi de A a Z e o bê-á-bá  
Professora gostava de me ensinar  
Que “legar” era poder brincar

Mas escrever era sofrência  
E o ler decadência, o sucesso, ah  
Esse viria pela frequência  
Quanto sonhos, quantas vidas  
Queria passar minha demência

Que mundo irreal, a fome lá fora  
E a professora ensinando a beleza da aurora  
As guerras acontecendo, a política um desastre  
Mas a professora estava firme, era quase um contraste  
Educar era seu alastre, até que um dia

Por melhores salários, ela teve que brigar  
Uma greve ferrenha foi realizar  
E a palavra resistir eu aprendi  
Educar era ensinar  
E os interesses do grande machucar  
Meus amigos imaginários, só que não  
Naquele tempo aprendi a ler  
Brincar era diversão, mas ler gibi era emoção  
Em minha casa, antigamente, ninguém lia  
Lia revista de fofocas, telenovelas, jornais  
Mas literatura jamais

Até que um dia, fiz amizade com Assis  
Me ensinou que Bentinho era terrível  
Um triângulo amoroso descobri  
De quem é o filho Assis não diz  
Ai, ai, meu amigo se contradiz

Uma bela tarde conheci Lispector  
Que mulher, que encanto  
Conversávamos baixinho no canto  
Pensava como pode uma barata  
A uma mulher encantar, mas a mim enojar

E um tal de Bandeira, que apareceu lá em casa  
Quis me levar a Pasárgada  
Dizia ele que lá eu seria amigo do rei  
Que lugar, que pegada  
Queria fazer parte de sua grei

Tantos amigos importantes  
Tanta conversa interessante  
De Barreto ao Assis  
De Lispector ao sensato  
E tinha um amigo até que se chamava Lobato

Mas eles foram embora  
Partiram por aí  
Fazer novas amizades, novas conversas  
Hoje tenho suas cartas, minha alma assim versa...



# *Casa de Vô*

O cheiro do café.  
As flores na latinha.  
A colcha de retalhos.  
A panela velhinha.  
O retrato preto e branco.  
A cocada fresquinha.  
O terço na cabeceira da cama.  
A máquina de costura mais linda.

Ai, que saudades eu tenho  
Da casa da minha senhorinha.

A casa das lembranças mais ternas  
E mais bonitas desta vida.

*Para Maria do Socorro Pereira da Silva*



# Porque escrevo

Um dia, aos cinco anos, estava desenganada. Não pelos médicos, mas não precisava da confirmação deles. Minha mãe afirmava que eu não tinha febre e que o raio-x do pulmão, que eu precisei implorar que tirassem, estava em ordem. Mas eu sabia algo que eles não.

Entre melhoras e recaídas, entrei na pré-escola. Evitava contato excessivo com os colegas, pois tinha em mim incubada a doença que determinava o breve fim de meu corpo. Em março – lembro-me da proximidade com meu aniversário - senti uma piora crescente, diagnosticada como “resfriado”. Naturalmente mentiam para mim, por conta de minha pouca idade.

Numa madrugada conturbada por pesadelos, acordei minha mãe para me despedir. Eu estava séria, mas não trêmula ou chorosa. Minha mãe, porém, riu. Talvez seja mais justo dizer que gargalhou. Disse que eu fosse dormir, antes que acordasse meu pai.

Naquela semana, porém, o sexto sentido de minha mãe provou-se mais sábio do que o meu. Havia, devido ao meu isolamento, destacado-me nos estudos das letras e, antes de todos os outros, comecei a ler e escrever. Minha professora Anne, surpresa, emprestava-me livros (lembro em especial de um poema, de brincar com as rimas que batiam no ritmo do meu peito). Em resposta aos estudos, meu corpo pareceu fortalecer-se.

Hoje, e desde então, pela dívida que tenho com as palavras, escrevo.

Não sei se faço jus ao que elas fizeram por mim, mas multiplico-as e divido-as com outros, que adoecidos como eu, podem injetar, beber ou tomar - e curarem-se.



# Lembranças

o que ninguém sabia  
era que do tempo gostaria  
um dia, fazê-lo voltar

ainda que na infância  
na imaginação de criança  
ver da inocência florar

numa plantinha encontrada  
num cantinho brotada  
ver suas pétalas voar

era de uma brincadeira  
simples, de qualquer maneira  
o sorriso vinha se manifestar

contar estrelas no céu  
desenhar o sol no papel  
correr das ondas do mar

tomar banho de chuva  
mascar chiclete de uva  
fazer tudo que imaginar

um dia a gente cresce  
sem querer, até esquece  
da alegria que era brincar

lembranças são como ouro  
nosso pequeno tesouro  
guardado em algum lugar.



# Memórias

fui visitar livros, ontem  
quantas saudades daquele cheirinho das folhas  
de papel

misturado com poeiras  
senti entre dedos a textura das páginas  
cheias de vida...  
lembranças das florestas  
lembranças das sementes  
que brotaram florestas  
lembrei com melancolia das ruas  
daquela vontade de sair, de correr livremente  
e encontrar gente de verdade  
ultimamente a tela fria  
esquenta as emoções humanas  
recorri aos livros  
viajei em alguns deles  
fiz pesquisa  
revi  
reli  
refiz  
tentei equilíbrio  
achei um artificial  
as distâncias  
nos adoecem

as saudades também  
mas por enquanto  
aqui estamos  
sentindo medos  
angústias  
incertezas  
e  
refletindo no caminhar de novo  
como será?  
fui buscar numa história  
alento para estar menos intacta possível.  
Será?



# Brilhante

Sua presença só era justificada nas comemorações. Ninguém a chamaria para um café com leite e pão com manteiga, às 16:45 de uma terça-feira. Uns diriam que ela não aceitaria pela falta de tempo, outros pela sua elegância. Mas, na verdade, todos, incluindo ela mesma, sabiam que era pela falta de afinidade. Ninguém desenvolve afinidade apenas em comemorações anuais.

Na maior parte do tempo ficava presa, sentia a poeira ocupando seu espaço, e quando se questionava se tudo havia acabado, eis que chegavam. Chardonnay, Malbec, Cabernet Sauvignon, Branco, Tinto, Espumantes, não se importava com o que era servido, muito menos se era em uma situação intimista ou grandiosa, apenas com a sensação de liberdade e alegria em estar vendo e sendo vista.

Desses momentos quase nada ficava. As lembranças das falas evaporavam junto com o álcool. Nas fotos nem sempre aparecia. Às vezes, as rolhas escritas e guardadas relembavam o que havia sido bebido e discutido.

No término, voltava para seu lugar de sempre, no qual nunca sabia ao certo quando seria a próxima vez. Não sabia explicar o motivo, mas nos últimos tempos não havia saído do lugar. Angústia, medo, receio, ansiedade tomavam conta de suas expectativas. A música se tornou silêncio, as gargalhadas apenas um riso mudo ao olhar o espelho e dar-se conta da vida. O que teria acontecido? Por que não teriam mais vindo? Cansava-se da monotonia.

E como num conto de fadas, eis que tudo saiu do lugar, inclusive a poeira que mascarava a sua forma. Seu brilho foi motivo de alegria para aqueles que não conseguiam mais enxergá-la. Será que tudo ia voltar como antes?

Ouviu o barulho da rolha, timidamente observou a garrafa, sentiu o odor do vinho. Sim, as coisas iriam voltar como eram, ela estava ali, como nas antigas comemorações. Mas não voltaram. Bebeu pouco, dançou muito, riu de si mesma, gritou para o nada, e depois de satisfazer os desejos alheios, teve sua superfície tocada e banhada com delicadeza.

Esperou que os raios do amanhecer a secassem. Sua transparência era inebriante. Naquele momento único da maior felicidade de sua existência, um transeunte despercebido não enxergou os limites entre seu corpo e ela. Num movimento rápido, rodopiou na pia e espatifou no chão. Ali, em cacos, jazia a sua brilhante despedida.



# Partículas suspensas

O que a memória faz com o hoje?

Aqueles cacos do copo quebrado que ocultei para não apanhar, hoje me trazem a culpa da omissão

Meu pai me ensinando a tocar violão aos gritos fez de mim uma musicista medíocre

Traumas

O que fazer com essas memórias?

Ressignificá-las? Como?

E o grande amor que nos abandonou mesmo querendo ficar? Como superar?

Como superar todas essas passagens iluminadas por um feixe de luz que entra pela janela da sala, em uma tarde de quarta-feira, em que faltamos da escola para ver TV e estamos de ponta-cabeça no sofá com a boca suja de achocolatado a observar as poeirinhas bailando no ar?

A resiliência vai sugerir que ergamos um castelo com as pedras que nos foram arremessadas.

O psicólogo abre a agenda e marca terapia para quinta, às 14h.

A espiritualidade pede que mergulhemos em nosso íntimo e que encaremos de frente o que nos machuca...  
haja chá!

Às vezes, a vontade é só de esquecer, formatar.

Ah, mas e as memórias boas?

Dessas já esqueci.



# Inspetor Santos

O rádio, em minha opinião, é uma mídia revolucionária que resiste há quase 100 anos à espiral de desenvolvimento tecnológico e, nas últimas décadas, sobreviveu com mérito à avalanche das mídias digitais e redes sociais. Apesar disso, a escassez de “espaço” de frequências, que limita o número de emissoras, e as mudanças no perfil dos ouvintes transformaram muito a forma como o rádio foi sendo ouvido ao longo do tempo.

Apesar dessas metamorfoses, o rádio não deixou de lado sua essência de transmitir informações e entreter o público ouvinte. Ainda assim, os canais de transmissão se alteraram radicalmente. Um aspecto paradoxal – que deixaria nossos avós perplexos e confusos – é que, nos dias de hoje, não se necessita mais de um aparelho de rádio para ouvir estações de rádio! Nos primeiros tempos, o sistema de difusão usava ondas eletromagnéticas, hoje é possível o ouvinte usar um simples celular para desfrutar do mesmo serviço fazendo uso de redes 5G ou wi-fi. O ruído tão peculiar da estática deu lugar ao som límpido, estéreo e digital. De um grande meio de informação de massas, o rádio se transformou na última cidadela para a comunicação com quem não tem acesso a tecnologias de ponta.

Posso dizer que hoje já não faço mais uso do rádio. No entanto, essa mídia tem um lugar especial em minha história pessoal. Foi um companheiro que sempre me estimulou na busca de conhecimento ao me proporcionar uma via de acesso à informação. Acredito que, ao lado do livro, o rádio foi sempre muito importante para o desenvolvimento mental do ser humano ao estimular nossa imaginação.

O rádio foi uma mídia poderosa: foi decisivo para alçar líderes ao poder, fomentou revoluções, foi arma de guerra, foi instrumento de resistência, democratizou o universo musical. Por tudo isso, eu não poderia deixar de registrar alguns eventos de minha vida relacionados à caixinha mágica de fazer sons.

Conservo comigo um aparelho velho guerreiro, aposentado e com minha idade. Meu pai comprou um ABC Canarinho para ouvir a Copa do Mundo de 1970 e, até hoje, ele está em minhas mãos. Nele comecei a ouvir os “hits parades” da “dance music”, na década de 1970, na saudosa Rádio Difusora AM. Depois, ganhei de minha mãe o meu primeiro radinho CCE. Ouvi muito jogo de futebol naquele aparelho – na época, transmissão de futebol só pelo rádio.

A partir de 1988, por dois anos, tive o hábito de ouvir ondas curtas no ABC Canarinho, principalmente “A Voz da América”. Com a Primeira Guerra do Golfo (1990-91), abandonei esse hábito. Só em 1999 voltei a ouvir ondas curtas, sintonizando a “Voz da Rússia” por causa dos ataques à Sérvia pela OTAN. Em casa, havia vários aparelhos, o principal era um rádio automotivo adaptado para ouvir fora do carro – uma coisa típica daqueles tempos. Naquela mesma época, comecei a ouvir FM com seu som mais definido e de melhor qualidade do que o AM.

Uma coisa que me irritava na casa em que vivia nesses tempos eram os malditos rádios amadores, cujas transmissões interferiam até nas televisões. Mas a grande praga que surgiu na década de 1990 eram mesmo as “rádios piratas”. Nada contra elas, em princípio. O drama era quando sua frequência acabava se sobrepondo à minha rádio de preferência.

Em 1998, tive minha briga particular com uma “rádio pirata” evangélica. Sua sintonia estava praticamente na mesma frequência da Rádio Cultura FM. Entrei em contato com a Cultura, mas disseram que não poderiam fazer nada e sugeriram denunciá-la à Detel (Delegacia de Telecomunicações). Entrei em contato com a Detel e me orientaram a fazer a denúncia por escrito. Foi o que fiz; aguardei e... nada.



Próximo das eleições, os “caras-de-pau” estavam fazendo campanha aberta para um pastor candidato a deputado estadual. Novamente, fiz uma denúncia por escrito, relatando o fato à Detel e citando nome e número do candidato. Passados três dias das eleições, descobri que o sujeito não fora eleito e, ao tentar sintonizar a Cultura... milagre! Não se ouvia mais os picaretas. Fiquei feliz por poder ouvir a Cultura FM novamente sem interferência e, dias depois, veio a maior satisfação: recebi pelo correio uma notificação da Detel sobre o fechamento da “rádio pirata”. Por um momento, pensei ingenuamente: “As instituições deste país funcionam”.

Também trabalhei, várias vezes, em sala de aula, com a temática do rádio. Uma coisa que fazia sucesso antes do surgimento da televisão eram as radionovelas. Em 2011, no final do ano, a escola em que trabalhava realizava uma semana cultural. Sugeri que os alunos do terceiro ano montassem uma radionovela, e a ideia foi aceita.

Pedi para o professor de língua portuguesa fazer a adaptação do conto “A Cartomante”, de Machado de Assis; a professora de inglês cuidou do cenário e eu fiquei com a parte técnica: sonoplastia, prefixo, propagandas e a direção dos radioatores. No momento da apresentação, o aluno que interpretaria a personagem principal simplesmente se recusou a fazer o papel e eu tive que substituí-lo. Fizemos três apresentações, e os alunos gostaram muito da experiência. A única coisa que lamentei foi que ninguém da direção esteve presente para apreciar e apoiar nosso trabalho.

Ao ouvir uma radionovela, a imaginação do ouvinte é aguçada, muito mais do que no caso das telenovelas. E isso ficou claro em nossa montagem.

Em outra ocasião, nas aulas da Educação de Jovens e Adultos, em outra escola da prefeitura de São Paulo, apresentei para meus alunos um capítulo de uma radionovela que havia baixado na internet. Deixei os alunos chateados, pois eles queriam ouvir a continuação da história, tão envolvidos que estavam com a trama. Mas era impossível! A série tinha doze episódios e, para que pudessem saber como a trama se desenvolvia, eu teria simplesmente que abrir mão das minhas aulas em favor da radionovela.

Há muitos programas antigos de rádio disponíveis na internet, e para todos os gostos: programas humorísticos, musicais, jogos de futebol e programas em geral. Recentemente, um amigo compartilhou comigo uma série de programas de rádio. Um deles era uma espécie de rádio teatro, o “Teatro de Mistérios”, como o programa se intitulava. Era um programa policialesco produzido pela Rádio Nacional AM do Rio de Janeiro, uma emissora pública até aquele momento. O programa foi ao ar por quase 23 anos e, nos registros que foram conservados, um dos protagonistas era o inspetor Santos.

Os episódios preservados são do período entre 1975 e 1981. Uma coisa que impressiona os ouvintes de hoje como eu é a aceitação, pela sociedade da época, de uma série de preconceitos como se fosse algo natural. Qualquer ouvinte sensível dos dias atuais consegue notar nos programas do “Teatro de Mistérios” referências favoráveis à xenofobia, ao racismo, ao moralismo barato, ao autoritarismo e à misoginia.

Os poucos episódios que ouvi foram suficientes para notar essas peculiaridades. Ouvi-los foi chocante. Mas não se pode ser anacrônico. Afinal, o país vivia o período sombrio da ditadura, havia censura, a rádio era do governo federal e tinha de propagar uma mensagem de lei e ordem para a população. E para minha surpresa, descobri que, talvez por conta dos tempos vividos pelo país, a Rádio Nacional está reprisando os programas da década de 1970 atualmente.

Penso que os programas de rádio não desaparecerão, mas sua difusão pelas ondas no ar e os próprios aparelhos em breve deixarão de existir. Tudo vai depender do acesso de massa aos meios de informação digitais. Enquanto houver pessoas privadas desses meios e de redes de telefonia mais sofisticadas, o rádio ainda terá uma missão importante, como nos velhos tempos. No entanto, já existem muitos jovens que não sabem o que é um aparelho de rádio. Por estes dias, comprei pilhas e mostrei a minha pequena Ilana o antigo ABC Canarinho do meu pai que aposentei em 2016. Aos olhos dela, aquilo era uma coisa exótica.



# *O silêncio!*

A sirene tocou às nove horas e trinta minutos, como de costume.

Parei de lavar a louça para ouvir o barulho que me remetia ao da fábrica de quando eu era criança. Tocava às 7 horas, quando os trabalhadores entravam, e às 18 horas, quando eles saíam, na hora da “Ave-Maria”.

Com um prato na mão, cheio de espumas, esperei o barulho da sirene cessar e aguardei pelo próximo barulho, gostoso, festivo, que eu não ouço já há algum tempo, quase um ano. Ainda com a esperança aguçada, ativei a minha audição em direção à rua, baixei o volume do rádio e, com a mão na orelha, fiz uma concha, e mais uma vez... nada!

Mais uma vez...

O meu coração apertou. Era uma vez? Ficou para trás? Será que era uma vez? Não haverá mais?

Às 7 horas eu tinha ouvido a sirene, mas estava frio; continuei deitado. Se fosse no ano passado, eu pularia da cama e iria à janela. Tentei ouvir alguma coisa, mas fechei os olhos e acabei cochilando, não havia ninguém lá fora...

Os gritos de incentivo da moça de cabelos pretos, pelo menos da última vez em que a vi de minha janela, eram pretos. Eu já tinha visto os seus cabelos loiros, ruivos, rosa... Os gritos estridentes eram sempre os mesmos.

Os gritos que me incomodavam, que me irritavam e que também me faziam rir pela forma engraçada no tom da voz, impondo autoridade com toques de carinho e cuidado.

Saudade!

Também me lembrei da mocinha, com cara de criança, que sempre vinha pelo outro lado da rua de mãos dadas com o irmãozinho. Acredito que era irmão. Era muito mocinha para ter um filho... Era filho?... Poderia ser a babá!... Não! É muito novinha para já estar trabalhando...

Seria babá? Acordando cedo... com responsabilidades...

Não! Não é mãe e nem babá. É irmã! O menino é o irmãozinho dela! Com certeza!!!

Eu achava bonita a maneira como ela conduzia o garoto com o seu olhar carinhoso, mesmo quando ele saía correndo ao ouvir os gritos da moça de cabelos pretos: às vezes, corria para encontrá-la e abraçá-la; às vezes, querendo voltar para casa. De minha janela eu achava graça do “drama” do menino; ele ficava abraçado ao poste do semáforo, sem querer atravessar a rua. A sua irmã abaixava-se, acariciava-o, conversava um pouquinho e os dois atravessavam de mãos dadas. Um dia a escutei chamando a Tia Gláucia para ajudá-la. Gláucia é a moça de cabelos pretos, loiros, ruivos... Alegres!

Saudades!!!

No ano passado, neste horário, eu já estaria na janela, olhando o corre-corre, ouvindo os gritos alegres dos meninos e meninas e, entre eles, os felizes, amorosos e imperativos gritos da Gláucia: Tia Gláucia!

De longe eu a admirava. Eu a via brincando e brigando. Às vezes, ela jogava a bola para eles continuarem a brincadeira; às vezes, entrava no jogo; às vezes, tomava deles, tirava com o pé e saía driblando, punha embaixo do braço e, logo em seguida, aos 10 para as 10, a sirene tocava.

Acabava o recreio e acabava a minha visão preferida de mim mesmo quando criança, gritando no início do recreio e saindo emburrado ao final, e sem barulho.

A “Tia Gláucia” da minha infância também apontava o caminho e nós já íamos para a fila.

Não vejo a hora que a vacina chegue! Não vejo a hora que este silêncio acabe.

Saudades!!!



# Vem tomar café

Para ser sincero, eu gosto também do calor, mas me resignifico nos dias frios. Entendo os dias quentes como mais expansivos e tendenciosos a agirmos com maior influência do contexto. Já no tempo ameno, não há disfarce e demonstramos o que realmente somos. Sinto para mim que no tempo frio os afetos são realmente verdadeiros ou falsos. Não há meio termo. São também nesses dias que o acolher torna-se um atributo dos corações fraternos e terrivelmente humanos.

Foi numa dessas tardes frias do inverno que a frase “Vem tomar café” repousou no meu inconsciente carregada de afeto e acolhimento. Ainda criança, vivendo sob a única referência de amor personificada na imagem materna, brincava pela casa em reforma enquanto minha mãe e minhas tias preparavam o café daquele domingo.

Desse dia, lembro-me com saudade estonteante, cujo exato momento não me permitia o olhar amplo de hoje. Foi a sensibilidade do tempo que me sacolejou para reconhecer o mais belo possível das coisas simples e tenho garimpado detalhes na memória para desacelerar o futuro. Desacelerar o futuro que não é meu, mas de vocês que andam assustados. Que sorte a minha crescer rodeado do feminino, da divina mãe transbordando toda luz em ninfas humanas; irmãs, longa vida, feitiços e bençãos. Que triste a brutalidade masculina ter adoecido tanto toda a humanidade.

Entre risadas do encontro, aquele momento era o mais íntimo de todos que já tenho vivenciado. Pela lembrança, em êxtase, conecto-me a diversas estações e posso ver, perfeitamente, outros tempos em que nos reuníamos. Fico envolvido numa paz incompreensível carregado de uma certeza que não saberia traduzir em palavras. Ah, se possível fosse explicar do que aquela tarde me enche. O seu significado ganhou mais força quando ela partiu repentinamente. Já não tínhamos mais os cafés da tarde de domingo, porque a brutalidade do mundo másculo e o materialismo burro da vida tem nos transformado em belas máquinas imundas. É nessa dureza que não podemos incorrer no erro novamente.

Quando menos esperava, ela nos chamou “Vem tomar café”.

A sequência de três palavras é a mais comum em nosso cotidiano. Palavras curtas e bem objetivas evitam o desgaste de se prolongar e deixar o interlocutor cansado, evitando que, ao final do enunciado, tenha esquecido o início. Não haveria nada de novidade se, fora total do meu domínio, essas palavras não retomassem sentimentos intraduzíveis para o meu baixo intelecto ainda nos dias de agora. Elas retomam uma conexão que não habita, somente, o meu inconsciente. É impossível. Aqui se trata de um lugar no qual a ciência ainda não consegue explicar.

Toda palavra remete ao seu signo linguístico. Cada pessoa cria a sua imagem do “café” quando escuta essa palavra. O que fazer quando a mente, ou seja lá o nome que se dá, desperta, além dos sentidos básicos, outros *starts* que nos reconectam a outros sentidos intraduzíveis? É como descobrir que vivemos uma mentira e toda luta, carregada de apressamentos, é uma doença engastada em cada átomo do nosso corpo que clama por tantos outros milhares de átomos adoecidos. É uma pressa sem graça. É uma pressa natimorta. É uma pressa fracassada. É apressar-se de morrer e morrer e morrer e morrer

Desde aquele instante, o signo linguístico foi desconstruído assim como tudo que é feito pelo ser humano. É um eterno construir e desconstruir; morrer para nascer. Vamos nos resignificando para esquecer da saudade e preparar os próximos para um menor sofrimento. “Vem tomar café”, porque a vida deve ser leve e descomplicada. “Vem tomar café” e acalmar a sanha da alma. “Vem tomar café” para que esse dia nunca morra dentro da gente. “Vem tomar café, meu filho”...



## Papai virou poesia

Pensei em começar esse texto com “era uma vez”, mas minhas memórias não são como contos de fadas embora tenham magia, o que você vai ler é sobre um homem, um homem que virou poesia. Partiu. Transcendeu.

Dizem que quando eu cheguei aqui eu era tão pequenininho, mas tão pequenininho que na palma da mão eu cabia... Na palma da mão dele. Quem é ele? Você deve estar se perguntando. Ensinaaram-me a chamá-lo de pai, mas eu resolvi chamá-lo de Pinho... É... resolvi. Sozinho.

O Pinho era um tipo de médico, consertava carros, aprendeu a fazer isso lendo, mexendo, esperto esse Pinho, vai vendo! Se eu for escrever um livro de memórias, com todas que eu tenho na minha cachola, isso aqui ia virar um oceano de pensamento... Mas umas eu posso contar, pelo menos para começar...

Preciso iniciar com a história do “Pai arruma”, essa não dá para esquecer e nem deixar de fora, ela é digna de um livro de memória. Minha bicicleta foi atropelada por um vilão, André - meu irmão -, na verdade ele nem era de toda vilania, mas como irmão mais novo, eu meio que sofria. Mas era tão legal brincar de lutinha mesmo que eu sempre perdia, enfim, acho que foi sem querer, mas no dia eu falei que ele fez porque queria, passou de carro em cima da bicicleta, e a coitadinha ficou toda torta, tipo Guernica, e o Pinho diante daquilo soltou a frase que até hoje deixa a gente rindo:

— Pai arruma!

E o que isso tem de engraçado? É que passou um ano, dois, três, quatro e a bicicleta estava lá, parada, sem arrumar. O “pai arruma” que era promessa virou piada porque o pai não arrumava era nada! Só carro. A bicicleta ficou lá, triste, largada, uma pobre coitada, bicicleta estropiada. O meu irmão para me afrontar dizia, engrossando a voz, “pai arruma” e gargalhava, eu ficava bravo por fora, mas por dentro, lá no fundo, eu também ria.

Eu tenho cada história com o Pinho, ele me proporcionou cada memória... Ele pedindo a “purtuguês” que era sua pizza favorita. Os “te amo” seguidos de uma risadinha meio tímida, fosse cara a cara ou por telefone. Ele me ensinou a dirigir, uma das coisas que eu mais gosto de fazer na vida, lembro-me daquele jeitão dele me xingando quando eu deixei o carro morrer na subida. Ah, pai, hoje eu dirijo tão bem quanto você e que bom que você esteve aqui para ver!

E por falar em xingar, como não lembrar? Meu Pinho vendo TV era um show à parte, ele brincava com cada uma das personagens! Se dependesse dele, as tramas se resolviam em um dia. Descomplicado como só ele sabia!

Meu pai era muito sabido, ele me ensinava tudo! Como uma vez que ele veio me ensinar o significado de uma palavra que eu tinha visto na televisão... Vi, não entendi, perguntei para minha mãe que logo me mandou falar com meu pai, meu sabichão! Lá fui eu, perguntar pro Pinho, a pessoa mais descomplicada que conheci, mas nesse dia ficou todo vermelhinho.

— Pinho o que é...? (No espaço vazio estaria escrita a palavra que eu não vou contar, fica a vontade para imaginar).

É... É... Como eu vou dizer? Gaguejava ele. Foi a primeira vez que eu o vi sem saber o que dizer! E continuou ele continuou:

— Mais ou menos isso...

E falou e falou e falou, enrolou na real! E eu saquei o que era.

É isso? Falei. E ele respondeu:



— É.

Ah!

Então! E deu um soquinho em minha mão.

Assim, sem responder, ele respondeu. Ele era bom mesmo. Sabia de tudo, tudo, tudo. Até quando não sabia explicar direito, ele conseguia.

Passamos por tantas coisas, até que chegou o dia de enfrentarmos os dias mais complicados de nossas vidas.

...

“Cada um trava suas próprias batalhas, negão”, mais uma lição ensinada. Lembro-me de nossa conversa quando essa escuridão iniciou - o pior ciclo de todos. A gente junto, frente a frente, olho no olho, mão na mão e alma na alma, CONECTADOS, falando de nossos sentimentos, medos, mas ali, juntos, como sempre. Aquele dia eu me senti um pouco seu pai, sabia? Porque eu via você em mim, sua força, sua coragem, seu jeitão descomplicado, suas características que, na verdade, também são minhas, pois eu sou parte de você, Pinho! Você me ensinou a ser eu. Obrigado!

Foram dias navegando no oceano inóspito e, mesmo assim, durante a tensa viagem eu ouvi o quanto você era querido. Mais uma vez, ouvi falar da sua coragem, aquela com a qual tive a honra de conviver... Houve mais um procedimento, o que seria o último, você disse:

— Então, manda bala!

Sua cara pai. Sério. Descomplicado até no momento mais complicado de nossas vidas.

De você tenho orgulho, de você já tenho saudades (assim no plural), por você eu sinto um amor que não cabe em palavras ou em uma só existência. Sinta meu amor, Pinho. Fica em paz!

“TE AMO” com aquela sonoridade que só a gente sabe e que vai ficar ecoando em mim até que chegue o meu dia de te encontrar. A Fé não termina aqui. O Amor não termina aqui. Você vive em mim por toda a eternidade, porque o amor é um laço indestrutível.

Te amo, Pinho, do seu moleque, seu negão, seu filho, seu fã. Bruno.



## *Da amora ao Iran*

Nunca pensei escrever minhas memórias, mas por incentivo de amigas, grafo aqui algumas passagens que são muito significativas para mim, enquanto pessoa e profissional.

Sou de uma família humilde, simples; pai e mãe não sabiam ler e nem escrever – eram carpideiros de café na roça. Quanto me orgulho disso, pois a educação que nos foi dada é algo que não se aprende nos bancos escolares ou universitários – a lição da vida.

Quando penso em meu pai, uma lembrança me traz tanta alegria. Como disse, família simples e com nove filhos – isso! Tinha oito irmãos e eu era o caçula da turma, o mais paparicado. A diferença de idade não me propiciou o desejo de jogar travesseiros um no outro. Mas, voltando ao meu pai, lembro-me que trabalhava muito numa fábrica e, em uma ocasião, teve tempo, pegou-me pela mão e levou-me para passear: ver o trem passando e apanhar amoras no pé. Que passeio delicioso e com tanta qualidade, pois era o que ele podia me oferecer naquele momento. Guardo essa passagem até hoje e sempre guardarei, pois foi muito significativa para mim. Deveria ter seis ou sete anos.

Somente aos oito anos, ganhei um presente de meu pai, um carrinho de polícia de fricção – nossa! Parecia que havia ganho algo tão valioso, pois sabia o quanto teria custado aquele presente, ou ao menos imaginava, pois a vida não era fácil.

Brincava quase o dia todo com o meu carro de polícia de fricção. Meu amigo me mostrara o presente que havia ganho de seu pai, um forte apache – uma caixa enorme cheio de cenas: índios, soldados, canhões etc., mas eu adorava o meu carro de polícia. O Iran era meu amigo. Deixava-me brincar com os seus brinquedos e também eu o deixava brincar com o meu carrinho. Éramos grandes amigos.

Ele era meu vizinho. Eu brincava na casa dele e ele na minha. Não se tinha muitos amigos naquela época. Um dia, o Iran disse que iria se mudar para o Mato Grosso – seu pai era militar e fora transferido para lá. Fiquei triste, pois ia perder o meu amigo das brincadeiras.

Vi carregar o caminhão de mudanças com bastante tristeza. Nunca mais soube do Iran, meu amigo das brincadeiras de infância, mas logo aprendi que amigos vão e outros vêm.

Enquanto isso, brincava sozinho na rua – que não tinha movimento algum; apenas montes de terra vermelha, pois iriam asfaltar a Rua Desembargador Rocha Portela – Arthur Alvim – Zona Leste – São Paulo.

Um dia, choveu tanto que o carro de botijão de gás atolou e isso foi o nosso entretenimento até o entardecer. Havia já as guias e um pouco de pedregulhos para o asfalto.

Adorava as festas juninas, todos os vizinhos iam para minha casa. Minha mãe preparava umas delícias e meus irmãos preparavam a fogueira, pois o quintal era enorme – músicas juninas, conversas, batata doce na fogueira, pinhão, etc. Minha mãe sempre dizia:

– Olha! Não fiquem perto da fogueira por muito tempo que faz xixi na cama. Sabíamos que isso era só uma advertência para não chegarmos tão próximo ao fogo. Era uma forma de orientação.

Era uma festa, quando todos se reuniam. Quantas histórias ouvíamos. As crianças vinham, então, brincávamos



até: pião, bolinha de gude, amarelinha, pega-pega, cavalinho etc. Nos divertíamos muito à luz da fogueira e ao som sertanejo, e as histórias que prendiam a nossa atenção – parecia um evento cultural e gastronômico. Além do que, nos proporcionava muita diversão.

As brincadeiras ficavam naquele dia. Naqueles tempos, tinha uma orientação de não se perturbar os vizinhos. Então, cada qual ficava brincando na sua casa ou em frente dela, sem, no entanto, nos tornarmos amigos de frequentar a casa um do outro. Assim como era a do Iran que se mudou para o Mato Grosso – lembra-se?

Há amizades que nos marcam pela sua cumplicidade e pela sua fidelidade e criam em nós a confiança verdadeira que andamos por diversos caminhos, mas nunca esquecemos aquele que tinha uma amizade tão significativa e importante para as nossas vidas.

O Iran não estava na festa junina, já tinha se mudado. Que pena! Era o meu amigo, amigo! Desde que iniciei a minha vida estudantil, muitos “Irans” se achegaram e se tornaram amigos grandes e fiéis na nova etapa da vida.



# De verdade

Carta para a Vó Amélia,

Você já nasceu, vó? Uma vez já lhe fiz essa pergunta e você riu de corpo inteiro. Uma risada sonora, de olhos apertadinhos e de bochecha rosada. Balançou-se demoradamente em uma gargalhada e explicou, com palavras simples, a grandiosidade do ciclo da vida. E que não “se nasce”: torna-se.

Sua passagem por aqui, porém, não foi nada ordinária. Desde sua infância no Nordeste até o dia que nos despedimos. E que bom que pudemos nos abraçar antes de sua partida. Seria doloroso demais não ter sentido seu cheiro doce (e de doce) e seu cabelinho de nuvem pela última vez.

Lembro-me, ainda muito bem, das histórias do Saci quando releio as cartas que trocávamos. *Sou professora agora, sabia?* Não deu tempo de te contar... Nas incontáveis vezes que me ponho a ensinar o alfabeto, recordo-me que era o seu ofício e que, mesmo sem graduação, você o exerceu na juventude para ajudar seus conterrâneos a ler. *A, Bê, Cê, Dê, Ê, Fê, Guê...*

As letras, que uso para colocar os sentimentos neste papel, não seriam nada se não tivessem vindo acompanhadas de toda sabedoria que você, gentilmente, lecionava. *A de “arame”* (cuidado que espeta!), *B de “boca”* (palavras têm poder!)... e todas as outras coisas que não cabem apenas na escrita.

Sempre que estávamos juntas, a leitura da palavra vinha recheada com a leitura do mundo. Porém, nada me preparou para entender e aceitar o quão frágeis somos, independentemente da idade. Nem as infindáveis histórias que me contava incansavelmente até eu adormecer. Eu era a princesa, a cozinheira, a domadora, a professora, a corajosa... A protagonista! Não as escuto mais... Contudo, ainda consigo ouvir sua voz baixinha, quase chorosa, e tento lembrar de cada um de seus ensinamentos, na esperança de encontrar em mim a fortaleza que via em você. Você foi vó de verdade.

*“Amélia nasceu com metade do coração paralisado.”* Foi o que descobriram perto do fim. Tarde demais. Mas quem poderia imaginar isso!? Era um coração enooorme, que batia muito bem compassado e completamente capaz de abrigar gente, bicho, planta, lugares, lembranças, memórias...

A ciência diz que guardamos essas informações no cérebro, entretanto é difícil aceitar isso. Eu guardo minhas recordações em todas as partes do meu corpo. Na cicatriz do joelho, que você curou com ervas; na cor dos meus olhos, quando “me-vejo-você” no espelho; e nas receitas de bolachinhas de goiabada ou do creme assado.

Meus amigos ainda riem de mim quando sou apresentada a alguém e minha primeira pergunta é: *“Você tem vó?”*. Todos estranham, mas para mim é uma questão muito importante! Nessa simples indagação eu quero saber: *“Você já conheceu o maior amor do mundo?”* O verdadeiro, o incondicional, o atemporal.

Enfim, sem tristeza posso afirmar que muitas coisas não são mais as mesmas desde muito tempo. O leite já não é ordenhado na hora, o casaco de lã não é mais tão quentinho porque não foi você quem emprestou, a sopa é insossa e a carambola tem estado muito azeda. Sempre falta alguma coisa para ser igual ao que já foi. Falta você.

Quando parte uma avó, muitos corações são partidos.

Sua fofinha, professora-aluna, nascida e criada neta:

*Cynthia (Krayuska de) Araujo*



# Reunião de planejamento: minha versão em versos!!!

**Dia 1.** E iniciamos um novo letivo ano,  
mas acho que “só” zeraram o cronômetro “se não me engano”.  
Começamos num encontro online e ela diz: cadê vocês?  
E o pessoal animado foi se achegando e fomos pouco mais de vinte e seis!

Uma pauta invertida para atender à necessidade, porém,  
seja dia 1 ou dia 3, o que não falta é o Currículo da Cidade!  
Alguns pontos para pensar: e o parque, como faremos?  
Das contribuições significativas à melhor forma chegaremos!

**Dia 2.** Foi motivo de muita alegria participar de um encontro presencial.  
Acolhimento, trocas, calor, humano: (quase) vida normal!  
Músicas, memes e a lenda do tsuru: ações que visam à mente e coração.  
Aqui todo recurso humano importa: terceirizado e servidor, recém-chegado e gestão!

**Dia 3.** A legislação assegura, e consulta médica e exames nunca deram errado,  
desde que, para melhor adequação, sejam previamente informados.  
E falando em saúde, a pandemia ainda está a todo vapor,  
atender aos protocolos é uma atitude de respeito, segurança e amor!

Também lemos e tivemos as primeiras aproximações ao PPP.  
É nele que encontramos a história, os planos, as concepções, muito além de um clichê.  
E por falar em concepção, para nós é indispensável tê-la sempre à mão,  
pois direciona a prática e afirma que é para o Ser integral que se faz a educação.

**Dia 4.** Café, bolo, variedade de pães, patês, requeijão e coxinha!  
Fica tudo lindo sobre a mesa, mas pode me deixar gordinha!  
Alimentar o nosso corpo também diz sobre educação,  
É um belo momento para conversas, convivência e muita interação!

Um destaque para o momento da mais pura emoção,  
risos, lágrimas e aplausos se misturaram com aquela leitura que acelerou o coração!  
Meu desejo nesses versos é expressar o que eu vivi,  
do primeiro ao quarto dia e as múltiplas emoções que senti!

À Educação o meu respeito, seja aqui ou em qualquer parte do Brasil  
Enquanto isso, sigo firme, promovendo e qualificando a Educação Infantil!



## *Colecionadora de lembranças*

Sou colecionadora de lembranças. Sei que não sou a única, mas as minhas estão guardadas em gavetas que abro sempre que a tristeza tenta se instalar ou se sobressair.

Coleciono saudades, pessoas, lugares e momentos. Cada qual guardado em uma gavetinha, armazenado de forma a se tornar acessível sempre que for preciso. São como capítulos de um livro ou como um álbum de fotografias que somente são revistos quando queremos recordá-los.

Quando criança, morávamos em um quintal bem grande, na verdade eram dois quintais, mas como não havia muro para separá-los tornava-se um só. Morávamos em quatro famílias, todos parentes e com muitas crianças. As casas dividiam paredes, era possível ouvir até mesmo os cochichos da casa ao lado. Também ficava difícil esconder as cheirosas comidas que adentravam as casas, se alguém fizesse bolo então, corríamos todos para aquela casa, o cheiro doce nos atraía feito formiga. Tudo naquele quintal era partilhado, até mesmo nos momentos tristes. Não tínhamos água encanada, adultos e crianças captavam água com um balde de um poço que havia no quintal. Meus bracinhos magros rodaram muito sarilho fazendo esse trabalho. Certa vez, meu pai, amarrado por uma corda, desceu o poço para buscar um balde que havia ficado por lá, a corda arrebentou, ouvimos o barulho que seu corpo fez ao bater na água, minha avó gritava desesperada, saí chorando pela rua na esperança de encontrar alguém que pudesse ajudar, quando retornei com um vizinho, ele já estava do lado de fora, abatido, quase sem fôlego e todos do quintal em sua volta chorando de felicidade.

Felizes também eram nossos natais, não ganhávamos presentes do Papai Noel, nem costumávamos fazer ceia na véspera, mas fazíamos um belo almoço no dia 25, quando as mesas das casas eram postas no quintal e cada família colocava sobre elas o seu melhor prato. Era bonito de se ver. Havia frango assado, macarronada, arroz ao forno, refrigerantes e vinho de garrafão, daquele baratinho. Minha memória olfativa ainda é capaz de reviver o cheiro daqueles instantes. Se, no Natal, os presentes eram escassos, o Ano Novo prometia. Logo cedo, corríamos pela vizinhança cada qual com uma bolsinha de pano desejando “Boas Festas” aos parentes e amigos do bairro, na expectativa de ganhar doces e algum dinheirinho. A meninada se entendia, e cada um dava dica aos demais, onde encontravam bons doadores.

Tempos depois, com muito esforço, meus pais compraram um terreno, nele havia uma pequena casa com apenas um cômodo. Nossa família agora contava com 4 filhos além de meus pais, então tivemos que nos espremer naquele espaço, mas o fato de não pagarmos mais aluguel motivou a compreensão de todos.

A nova casa tinha um quintal grande, o antigo proprietário havia plantado vários pés de mandioca, nunca comemos tanta mandioca cozida, frita, na sopa e graças a isso não passamos fome. Quase tudo que meus pais ganhavam ia para as prestações da casa. O banheiro era do lado de fora e não tínhamos chuveiro, para os banhos recolhíamos madeiras pelas ruas para acender um fogo no quintal e ferver água.

As dificuldades eram imensas, todos tinham que colaborar. Com 12 anos, comecei a trabalhar na casa de uma vizinha para cuidar dos filhos dela. O dinheiro também ajudava nas despesas da casa.



Mas o tempo é o grande senhor de tudo e segue seu curso inexorável. Assim as mudanças vão acontecendo indiferente às nossas alegrias e dores. Em cada momento da vida é preciso se dobrar, lutar e confiar que tudo pode sim melhorar.

Sempre acreditei no poder da educação como fonte de transformação de vidas. Dentro de mim, sabia que seria o caminho para uma vida mais digna. No ensino médio, fiz magistério, mais tarde faculdade de Publicidade e Propaganda, na época trabalhava em uma empresa têxtil e achei que esse seria o caminho para meu crescimento profissional, depois fiz Letras e ainda Pedagogia, o bichinho da educação me picou logo cedo, mas por motivos de força maior me desvirtuei por outras bandas.

Hoje quando estou triste e desanimada, vasculho uma das gavetinhas da memória buscando forças para superar a tristeza. Trago de volta a energia positiva e, de alguma forma, tudo fica bem e aquilo que me preocupa ou me entristece acaba voando para bem longe.



# Memórias

Amanheceu o dia. O cheiro do café passado na hora grita na cozinha, despertador olfativo.

Levantei-me, como de costume me arrumei, engoli o café, apanhei o casaco, livros, diários e três bolsas, tão comuns a professores. Passos rápidos e firmes me conduzem à direção da porta, onde ali mais a alguns metros depois do portão, o coletivo me levaria a meu destino, a Escola de Educação Infantil.

Passo pelo corredor de acesso. Fui atraída pelo espelho dependurado na parede lateral. E este contrapondo-se a minha pressa, oferta-me meu reflexo e, observando meus cabelos grisalhos, fazem-se absoltos meus pensamentos transladando-me ao passado.

Senti saudades da menina! Corpo frágil, baixa estatura, pele retinta e olhos grandes. Achava engraçado ser uma criança séria, e quanto mais os adultos comentavam a este respeito, mais séria ficava.

Morava num pequeno barraco de um cômodo, que comportava as sete pessoas da família, ela, seus pais e os quatro irmãos. Sete pessoas, sete sonhos.

No inverno, na coletiva cama com os irmãos, o seu lugar era o do canto, coberta pouca, pés congelados, coração aquecido. Dali dava pra ver, por entre as frestas do barraco, a luz brilhante e gélida da lua. Ali, tudo era partilhado: a comida, as dores, as vestes, os sonhos, a comida, a lida. Às vezes, as lágrimas silentes calavam os sonhos de criança. Anos 80...! Quem ali sobreviveu traz consigo um compêndio de resistência, resiliência, que perpetua a qualquer desagouro presente.

Tudo aquilo era lição da escola da vida, dos melhores mestres, a Tê e o Zé (pais da menina), que carregavam consigo a garra do povo da roça das Minas Gerais. A labuta era ponto de orgulho e honra, esmorecer não estava no vocabulário deles, e assim também forjavam a menina, que apesar dos anos difíceis, via voar no céu da esperança uma aura de fé e alegria impulsionando o coração a mirar no horizonte. A Vitoria lhe acenava de lá.

Com o pássaros voando no céu da história, foi lhe percorrendo a vida, que por troféu concedeu-lhe melhores dias, e dom de ser doutora de almas da infância, que encontra em cada uma, um pouca daquela que dorme no passado.

O barulho do coletivo lá fora me acorda, traz de volta ao presente. Perdi. Não. Ganhei! Observei de novo meu rosto. Meu ser. Minhas cicatrizes são lindas! São benditas, são minhas.

Respiro fundo e a gratidão pela vida invade minha alma.

Decidida, pego meus pertences, e realizada vou. Inspirar outras vidas, para que um dia contem também preciosas memórias.



# *História em versos*

À amiga Rosemary, que no dia de sua aposentadoria contava sua história, das memórias verdadeiras, de uma vida de professora. Saudosa e feliz, ela prendeu a todos de uma sala dentro de sua história, contou-nos sua trajetória até aquele seu último dia de trabalho.

O tempo, é tempo...  
Ela sempre foi responsável,

Professora impecável, com seu trabalho.  
Cuidou do filho de forma admirável,  
Tinha apoio do esposo e pais,  
para a vida ser vivida, de forma leve e aproveitável.

Foram anos de doação,  
sem arrependimentos,  
pois tinha sua razão.  
Durante a trajetória,  
Foi principalmente duas coisas:  
Mãe e professora.  
Mãe cuidadora e superprotetora.  
Professora competente, porque sabia que cuidava de gente.  
Continuará mãe e esposa, professora cessou,  
Pois agora a aposentadoria que chegou.

A mãe Gina preparava a sopa.  
Alimentar-se era preciso.  
Também levava a marmita, para dar de jantar ao pequeno.  
Arrumava a roupa do pequeno,  
Fazia o dever com o pequeno,  
Preparava aulas para os outros pequenos.  
O pequeno dela, se tornou grande,  
Grande em caráter e educação.  
Que realização.



Os pequenos da escola,  
ela encontrou alguns...  
De senhora a chamavam,  
quando já grandes a encontravam  
Bem ou não, em seu coração só há gratidão.

Nesse momento, a ideia é parar  
Descansar a cabeça das lições,  
Viver o aprendizado,  
Continuar o legado.  
Rever as razões.

Sabe que por incentivo de quem está perto,  
A sua doação sempre foi sua receita,  
deu certo.

Seu futuro eu já escrevi  
É clichê, mas é o que senti,  
Rosemary, o que é aposentar?  
“Aposentar é me ver viajando,  
Numa estrada dirigindo,  
Olhando a vista e curtindo...”

Quais seus planos, agora?  
Descrevi o que falou,  
A resposta em ultimato:  
“Talvez abrir um negócio,  
Com a irmã e cunhado de sócios!”

Morar no mato, ou na praia,  
Isto ainda está incerto.  
Ficar perto do meu filhinho,  
E mimar os meus netinhos,  
Isto já está correto.

Sonhos são muitos,  
O melhor deles  
É realizar.  
Realizar e sonhar mais,  
Realizar, ter saúde e tempo,  
O tempo, tempo e mais tempo.  
Para sonhar e realizar.  
Exatamente nesse ciclo.



# Dias e lembranças

Brigas, uma noite em claro, tosse, falta de ar, choro, dor, perdas, um aniversário no hospital... ingredientes para dias de tristeza e péssimas lembranças, só que não...

Durante a infância, décadas de 80 e 90: músicas animadas, viagens em família, farofa na praia, casa cheia, muita bagunça, carro abarrotado, com crianças até no porta-malas e colchões no teto (sim, no teto do carro, acredite, isso é uma loucura, mas é só uma pequena parcela), voltas de moto com a família toda na CB400, três crianças e um casal entre elas sem capacete, é claro (sim, colchão no teto do carro e crianças no porta-malas era o mais leve para a época).

Enfim, com tantas histórias “diferenciadas e interessantes”, é estranho acordar no meio da madrugada lembrando situações consideradas tristes pela maioria.

Durante a minha infância, mudávamos com frequência de casa, a cada briga dos meus pais nos mudávamos sempre com muitas opções, casa da vó Geny e casa da vó Maria, claro! Mas em todas essas mudanças, ele sempre estava lá, nunca nos deixava, poderia rolar a briga que fosse entre eles, não nos deixava, estaria sempre ao nosso lado e foi o que fez até o fim.

Por volta dos meus 8 ou 9 anos, morávamos na casa da vó Geny, uma casinha pequena, simples de três cômodos pequeninos, uma espécie de porão embaixo da casa dos meus avós. Eu era a única filha que herdara, até aquele momento, a bronquite do pai. Havia noites em que mal conseguia dormir com tosse, falta de ar e muito mal-estar. Noites em que ele passava acordado ao meu lado, tentando tranquilizar-me, fazendo gemada quentinha com leite em pó e achocolatado, falando carinhosamente ao meu ouvido que entendia o que estava acontecendo, que passaria logo, deveria tentar respirar devagar e calmamente.

Foram muitas as noites em claro, tossindo muito e com falta de ar, não importando se estava frio ou calor, ele estava lá, dando-me tanto amor que medicação nenhuma seria tão eficaz para aplacar o que sentia. E assim foi durante toda a vida, a cada situação ruim ou dolorida, ele sabia o que falar e como amenizar minhas dores com um abraço carinhoso, um “eu te amo” e um sorriso que acalentava a alma.

E assim ocorreu não somente em situações de saúde, mas em outras tidas pela maioria como frescura de adolescente.

Desde os quatro anos, todos, sim, todos os domingos assistíamos a corridas de Fórmula 1 juntos, deixava de brincar ou sair com amigas para estar ao seu lado assistindo às corridas. No primeiro domingo de maio de 1994, uma menina de 15 anos chorava copiosamente no colo de seu pai, como se houvesse perdido uma pessoa



da família. Era recriminada por ele? Claro que não, meu pai me acalentava como nas noites de crise de bronquite, acariciando meu cabelo e dizendo que entendia meus sentimentos.

O mesmo fizera ao término de meu primeiro namoro, com as preocupações com trabalho e qualquer outra decepção que a vida me apresentava.

E 22 anos depois daquela manhã de domingo e 28 anos após aquelas noites de crise de bronquite e após muitos e muitos dias de histórias e crises, ele não me decepcionou nem me deixou sofrer ao comemorar 37 anos dentro de um hospital consigo, mesmo sabendo que aquele era o último ao seu lado, me fez rir, me deu tanto amor que é impossível contabilizar. Comemoramos com bolinho de hospital, seu cappuccino diário comprado na lanchonete e meu café preto. Como sempre fizera, transformou mais um momento, tornando aquele o melhor aniversário da minha vida.

Brigas, uma noite em claro, tosse, falta de ar, choro, dor, perdas, um aniversário no hospital... ingredientes para dias de felicidade e ótimas lembranças.



# Carta a Pedro

Oi, Pedro. Espero que você esteja bem e com saúde.

Queria te contar uma passagem da minha história.

O ano era 1985. Mas não faça as contas porque me sinto uma menina e essa sensação é a que vale. A idade da gente é a idade que a gente sente.

Caminhava com a minha mãe até uma casa velha, uma garagem, na verdade. E, ao senhor sentado ali, minha mãe perguntava “chegaram os livros?”. Ela se referia à enciclopédia Conhecer, vermelha, capa dura.

A dificuldade em receber mais um exemplar pago em prestações me ensinava desde pequena a preciosidade dos livros e eu os tratava com delicadeza.

Quando completei 6 anos, minha madrinha me deu meu primeiro exemplar de Reinações, que formaria na estante o nome “Monteiro Lobato” em lombadas quadradas amarelinhas (Coleção viva em 2022, presente!).

No ano seguinte, em 1987, na lista de material da escola em que eu estudava, constava o paradidático “As aventuras do Malasartes”.

Os anos se passaram. Eu cresci, baguncei, pintei, li. Cursei Pedagogia, me formei professora. Concurso aqui, escola ali, curso acolá... Sala de Leitura... AEL.

Mais de trinta anos depois, eu me encontrava num salão de eventos, um seminário ou algo assim. Num intervalo entre lindas apresentações, notei um grupo de adolescentes que se apresentaria no palco soltando gritinhos e lágrimas. E nesse instante eu vivi uma das situações mais lindas que eu poderia presenciar. Perguntando-me o porquê daquela efusão sentimental e desenhando na minha imaginação um cantor ou atriz famosa, que é o que geralmente causa frenesi na molecada, meu olhar se deparou logo em frente com, nada mais nada menos que você, Pedro. Você: Pedro Bandeira.

O autor da minha infância sendo tietado por adolescentes, tirando fotos, limpando as lágrimas, sorrindo e agradecendo.

A cena encantou a minha alma, marcou a minha história e alimentou a brasa que motiva um professor a ir, a continuar, a acreditar.

E foi naquela bagunça boa que, por algum motivo que não me lembro qual, você recontou de memória a história que eu havia lido aos 7, aos 17, aos 27. De cor, Pedro contava. E de cor, a plateia emendava. Não era só eu que lembrava. Pedro também lembrava, todos aqueles professores lembravam. Escritor, leitor e Malasartes unidos no espaço-tempo de uma história, finalizada com um aplauso vivo que ecoava no meu coração, chacoalhava a minha memória e saía em forma de brilho pelos olhos. Que coisa louca o poder da literatura, não?

Ao final do evento, lá estava eu carregando no coração uma menina de 7 anos, encantada e muito grata, tirando *selfie* e abraçando você.

Eu estava emocionada e talvez meu “Obrigada” tenha parecido um agradecimento pela foto. Não, não consegui expressar minha gratidão a você, Pedro, e por isso ousou fazer agora. Você ajudou a me transformar, a me humanizar; fez-me rir, chorar; fez parte, ainda que indiretamente, da minha escolha profissional. E, por isso, sou muito grata a você!

Um beijo,  
Débora.



# Meu menino especial

Às 14h50min, do dia 26 de setembro de 1991, vinha ao mundo uma criança muito especial, nasceu grande e pesava 4,9 kg, seus olhos eram cinza, acho que toda criança tem os olhos acinzentados, mas logo escureceu, parecendo um par de lindas jabuticabas. Meu nome é Denise, e vou dividir com vocês um pouquinho da minha saudade.

Meu bebê foi crescendo, ainda nos primeiros meses de vida teve a primeira crise de bronquite e "com ela" a descoberta de dermatite atópica, rinite, sinusite, enfim as "ites" que lhe perseguiram durante toda vida. Mas os maiores problemas surgiram na escola, logo no maternal, com seus 3 aninhos apareceram problemas cognitivos, a hiperatividade e a dificuldade de se concentrar eram obstáculos diários, mas nunca atrapalharam seu aprendizado escolar, era inteligentíssimo e aprendia com facilidade, tinha o raciocínio lógico, pensamento rápido, gostava muito das áreas de humanas e biológicas, tinha uma facilidade incrível em se expressar verbalmente, no entanto, sua escrita era terrível.

Um menino muito alegre, fazia amizade com grande facilidade, todos eram seus amigos. Conforme crescia, seus problemas na escola evoluíam, muito agitado, desatento, feridas na pele pela dermatite, gordinho, pois constantemente fazia uso de corticoides que os deixava inchado "carinha de bolacha", isso lhe causava apelidos, perseguições e alguns conflitos na sala de aula, ora com colegas ora com professores. Aos 6 anos, descobriu-se que tinha ceratocone, uma deformação na córnea que o fazia "perder" aos poucos a visão, sempre vinha acompanhada de uma conjuntivite crônica que o fazia levar as mãos sempre ao rosto, pois os olhos coçavam e ardiavam muito, lembro-me de pessoas que se esquivavam como se ele tivesse uma enfermidade contagiosa. Certa vez, uma senhora me cedeu o lugar na fila dizendo: - Ele é especial, né?! Por fração de segundos quis corrigi-la e negar, no entanto, decidi calar-me, ele era muito especial para mim.

Muitos dizem que quando nasce um filho, nasce uma mãe, não acredito neste ditado, não é uma regra, conheço muitas mães negligentes, mas posso afirmar com toda a força do meu coração que quando percebi que meu menino precisaria muito da minha força para enfrentar a vida, ali nasceu uma leoa, que defendia seus direitos e buscava os melhores tratamentos para que ele tivesse qualidade de vida. Quantas outras etapas tivemos que vencer, a cirurgia de adenoide, algumas úlceras oculares, a botinha ortopédica para o pé "chato", o diagnóstico comprovado de TDHA (transtorno de déficit de atenção e hiperatividade) e ansiedade, os transplantes de córnea e a falta de compreensão de algumas pessoas, muitas vezes tive que deixar de lado a mãe e assumir a leoa para protegê-lo em vários espaços, inclusive na escola, garantindo seus direitos.

Lembro-me que na adolescência ficou deprimido, dizia que era cego e feio, por vezes tive que levá-lo à frente do espelho e erguer com força seu queixo pedindo-lhe que abrisse os olhos e percebesse o quanto era bonito, inteligente e que sua visão iria melhorar com o tratamento. Foi escoteiro, praticava judô, fez cursos de inglês e alemão, por todos os lugares por onde passou fez grandes amizades, foi muito querido por todos que o cercavam.

Sempre temia pela sua vida adulta, como seria se eu não pudesse estar por perto? Não gostava de terapias, pois ainda criança teve experiências frustrantes com psicólogas e fonoaudiólogas, desta forma, quando adolescente se recusou a dar continuidade a tratamentos alternativos, dizia que quando precisasse de ajuda procuraria. Esta criança especial se tornou um adulto especial, coração de ouro, amava dirigir e jogar videogame, este último



foi um vício que estimei para que preferisse brincar dentro de casa, já que sua inocência e deficiência visual o faziam sofrer muito *bullying*, o videogame lhe trouxe segurança, felicidade de poder vencer sem julgamentos.

Cresceu um homem muito prestativo, simpático e acolhedor, não havia quem não gostasse, muito amoroso, apaziguador e generoso. Falava de política, história, economia, tinha repertório para qualquer assunto, vaidoso gostava de ir à academia treinar, mas tinha preguiça. Empregos? Vários, todavia, não foram poucos os desafios que tinha que vencer diariamente, cursou Publicidade e Propaganda, amou o curso, mas o TDHA e a dificuldade de concentração atrapalhavam nas provas escritas. Algumas vezes, recorria a psiquiatras para retomar a medicação, dizia que não estava conseguindo trabalhar direito, enfim, um guerreiro sobrevivente desse mundo tão preconceituoso e estigmático. Algumas vezes, a depressão chegava, ficava ali trancado dentro de si, naquele quarto escuro, muitas foram as noites que dormi de joelhos ao lado de sua cama, clamando a Deus que lhe tirasse daquela escuridão.

Durante a gestação, fazemos planos, desde a escolha do nome à profissão, queremos filhos lindos e perfeitos, o melhor aluno da classe, o campeão de xadrez, o atleta da turma, quando isso não acontece nos culpamos. Nunca foi fácil, os reflexos de cada aprendizado às vezes só apareciam em longo prazo, cada conquista era muito sofrida, cada degrau era difícil. Mas entendi que ele veio para juntos ensinarmos e aprendermos e foi uma troca assertiva, pois ele se tornou um homem maravilhoso, confiante, sonhador, com muitos amigos e, mesmo com tantas adversidades, escolheu ser feliz.

Conhecia cada sorriso e cada lágrima e entre tantos prognósticos desanimadores posso afirmar que vencemos. Muitas foram as batalhas, muita conversa, muita força, muita fé e muita confiança que o fez conquistar alguns dos seus sonhos e assim comemoramos cada vitória, no tempo dele, do jeito dele. Sempre foi estimulado a ter opinião própria, a buscar seus objetivos, ser questionador, por vezes me via “encurralada” entre seus argumentos incisivos, que me deixavam até brava por alguma posição contrária a minha, mas sempre orgulhosa de sua oratória capaz de transmitir suas ideais com tanta credibilidade e clareza. Era ávido por viver cada segundo uma vida em que nada o atrapalhasse, pois sabia que eu sempre estaria ali.

Meu menino me ensinou a ser não só mãe, mas uma pessoa melhor e uma professora que confia na mudança, me ensinou que cada um tem seu tempo e seus desejos, que as pessoas são diferentes e tem opiniões diferentes e isso quer dizer que não há uma verdade única, que muitas vezes meus sonhos não eram os dele e tudo bem, mas precisávamos sonhar juntos, pois assim éramos mais fortes, e que a paciência é um dom que deve ser praticado diariamente... e só agora sei que eu precisava mais dele do que ele de mim, pois só sou quem sou por ele.

Espalhou tanto amor, tanta caridade que para muitos o sentimento guardado no peito não foi o suficiente, seus amigos o eternizaram fazendo tatuagens e até seu nome foi dado a um lindo bebê.

A saudade chega a doer no corpo, a alma chora, e o tempo não passa, embora muitos afirmem que sim, e quando isto acontece fecho os olhos e me recordo dos seus abraços, do seu sorriso largo, do dia em que dançávamos e quebrei seu dente de leite, sinto sua voz ecoando pela casa e chamando “mãeeeeee”, como eu te amo, sinto sua falta, e a única razão para estar aqui é que tenho outra joia no mundo, sua irmã, e juntas seguiremos nos esforçando para enxergar a alma de cada Danilo que passe por nossas vidas.



# *Janela da vida*

Memória, que palavra bela.  
Memórias são as janelas  
Na janela da vida recordações abrem as portas, portas azuis  
Abrem para fora as duas gaivotas a voar, pousar na areia  
Corria em direção da areia da praia ao encontro do mar  
Meus cabelos voavam com o vento  
Sol, areia, mar  
Saudades daquele olhar com as mãos entrelaçadas  
Num apaixonado observar



# Sapato

Meu pai andava um tanto esquecido, já deu até para trocar os nomes das coisas. Um belo domingo ensolarado, ele começou a ficar muito aflito e repetia:

— Sapato, sapato, sapato...

Todos paramos as atividades que fazíamos para procurar o tal sapato perdido. Minha irmã caçula, toda orgulhosa pegou um dos pares de sapato do esquecido Zé (apelido que minha mãe costumava chamar pelo meu pai) e o entregou achando que estava arrasando, resolvendo prontamente a questão.

Mas o Zé até se irritou e mandou um alto e sonoro:

— Nãããooooo!!!! Sapato, sapato, sapato!

Depois disso, ele ainda resmungou um tanto de frases que não conseguimos compreender bem, mas, pelo tom, tratava-se certamente de uma grande bronca.

Tentando disfarçar os risinhos baixos, aqueles de irmãs, quando uma leva a bronca e as outras escapam, continuamos na empreitada de encontrar o tal “sapato”, que sabíamos agora não era nenhum calçado, mas qualquer outro objeto.

Olhei fixamente para o rosto do meu pai todo agoniado, tentando explicar que o objeto desaparecido sumiu como numa mágica, algo repentino e inesperado, notei que estava faltando os seus óculos, esta descoberta sim já facilitaria um pouco mais a busca.

Aquela cena estava semelhante a uma comédia bonachão, então usei uma estratégia que sempre sigo quando perco algo, fato muito recorrente com a minha cabeça de professora estressada com mil afazeres ao mesmo tempo, e tentei refazer o caminho do Zé antes de perder os óculos.

Foi neste momento que percebi que ele estava no quarto, procurei nas gavetas, em volta da cama, no criado mudo, no guarda-roupa e nada. Parecia mesmo que tinha desaparecido como mágica.

Até que resolvi olhar embaixo da cama e nada, mas vi algo brilhando lá na frente, debaixo do guarda-roupa. Fui ansiosa pé ante pé e peguei já gritando:

— Achei, aqui estão os óculos.

O Zé ficou todo feliz e de forma muito atrapalhada tentou explicar como os perdera. Fiquei só imaginando ele pegando seus sapatos e deixando os óculos caírem e, sem perceber, ainda derrubando-os mais ainda para debaixo do guarda-roupa. Ao pegar os óculos e colocá-los no rosto ainda disse uma frase que sempre repetia quando ficava satisfeito com algo:

— Ficou joia!

E até hoje recordo daquele dia da busca implacável ao SAPATO, ou melhor, aos óculos do esquecido Zé.



# A deriva no colchão

Eduardo respirou fundo diante da porta de seu apartamento, com um olhar cansado de um longo dia de trabalho - três períodos, 10 aulas, além das reuniões pedagógicas -, separou a chave da porta do apartamento, introduziu na fechadura, respirou fundo mais uma vez, virou a chave e abriu a maçaneta, mas, desta vez, brotou um agradável e sensível sorriso. Abriu a porta...

- “Papaaaaai”? - uma doce voz infantil dominou o interior do apartamento.
- “Manuuuu”? - Eduardo respondeu com a voz cansada, mas muito contente.
- Pai e filha agarraram-se felizes.
- Eu te esperei.
- Estou vendo. Você já deveria estar dormindo. - cobrou o pai.
- Mas queria te dar um beijo de boa noite. - Manuela justificando-se.
- Entendi! E a mamãe?
- Está dormindo. - a filha respondeu.

No colo do pai, Manuela protestou, afinal, ele estava levando-a para dormir.

— Mas papai, eu ainda não falei com você como foi meu dia. Você está chegando muito tarde e não gosto de dormir sem te dar um beijo de boa noite. Queixou-se com uma maturidade incomum para uma criança de quatro anos.

- O papai tem que trabalhar para ganhar “tutu”, não é?
- Tá bom...
- Então, vamos dormir?

Manuela matreiramente olhou fixamente nos olhos do pai e o cutucando na bochecha exigiu:

- Papai, hoje está tão frio. Quero mingau!
- Já está tarde para comer mingau, Manu.

— Mas a gente poderia fazer juntos. A vovó disse que te ensinou, você não quer me ensinar? - Manuela persuadindo toda sentimental.

Com seriedade, Eduardo falou mais ríspido:

- Manuela, você deveria dormir! Além disso, você não tem idade para mexer no fogão. Já te falei isso muitas vezes.
- Eu sei, mas posso te ajudar! Adoro mingau quentinho, é tão bom para dormir.

Eduardo não resistia aos pedidos carinhosos da filha. Então, foi para a cozinha com a menina, abriu a porta da despensa para separar e entregar os ingredientes à criança:

- Amido de milho. - entregando a caixinha à menina.
- Não, é Maize...
- É a mesma coisa.
- A vovó chama de Maiz...
- Eu sei, filha. A vovó chama pelo nome da marca. Toma o açúcar, chocolate em pó.
- Nes...



- É a mesma coisa.
- A vovó gosta do Tó...
- Mas sua mãe gosta deste! Vai ficar muito bom também.
- E o leite, papai?
- O leite está geladeira. Vou pegar.
- Eu pegoi! Manuela antecipou-se disparada em direção à geladeira.

Ele gostava da proatividade da menina; a avó da Manu sempre comparou as feições e o comportamento de pai e filha nessa idade. Com todos os ingredientes à mesa, Eduardo acendeu o fogão em chama baixa e colocou cada item na caneca de alumínio, misturando e mexendo tudo com uma colher de pau.

— Voilà! – sentenciou o mestre cuca.

Sentaram-se no colchão da cama do quarto dela, cada um com pratinho esfumaçado do mingau e conversaram por alguns minutos. Manuela já tinha abandonado o prato no canto da cama e deitou-se no colo do pai e adormeceu. Ele deu mais um beijo e cafuné nos longos cabelos escuros dela, sentiu as pálpebras pesando e fechou os olhos...

Ao abrir os olhos, Eduardo sentiu a cama em movimento ondulado, parecia estar em um brinquedo de parque de diversões. Olhou para cima e notou, como há muito tempo não percebia, a beleza de um céu estrelado. Mas algo estava errado. Eduardo lembrou que pegou no sono ao lado de sua filha Manuela naquele colchão ainda no quarto da garotinha, e agora ele estava sozinho e no meio do...

— Mar? Meu Deus, Manuela? Estou no meio do mar? – gritava aos prantos.

Em meio ao desespero, uma onda enorme invadiu o colchão; bravamente e muito estabonado, o professor se segurou como pôde. As ondas estavam cada vez mais violentas e aquele lindo céu foi perdendo brilho, dando lugar às nuvens pesadas, carregadas, preparando-se para punir aquele forasteiro do continente com a mais severa das tempestades. Diante daquele terror, as ondas e a chuva torrencial que começou inesperadamente misturaram-se com as lágrimas do homem. Ele chorava, não do medo da partida certa, mas da tristeza de não poder abraçar e beijar sua filha uma última vez. Mesmo não entendendo como poderia desaparecer de sua residência e parar no meio do mar, Eduardo não conseguia se perdoar por dormir e deixar Manu desprotegida.

O choro caía, os gritos incessantes por Manuela cortavam o céu, e as águas salgadas quase desafiavam os poderes de Iansã e Iemanjá. Todo aquele vendaval, ondas, raios e trovões refletiam nos olhos escuros e na pele jumbo do pai entristecido, mesmo assim agarrado com uma força sobre-humana ao obstinado e heroico colchão. E como mágica ou piedade das divinas, o mar simplesmente descansou, as nuvens dissiparam, os raios cessaram, e os trovões resmungavam cada vez mais mansos; e o professor murmurava o nome de sua filha – Manuela, seguro no encharcado companheiro, o colchão.

As estrelas voltaram a surgir, Eduardo remava em direção ao oeste, sabia disso porque encontrou o Cruzeiro do Sul e deduziu para onde ir.

— Só falta eu não estar no litoral do Brasil, o que seria pior? - grunhiu.

Ao longe, surge uma longa e pontiaguda barbatana, sinuosamente avançava rápido em direção ao colchão salvador.

— Isso é bem pior! – lembrou Edu, o drama de encontrar o caminho correto ao litoral.

Em um salto ornamental, o gigante marinho pulou por cima do colchão numa tentativa de marcar território. A caça ao professor gordinho estava definida e não seria fácil para a sobrevivência dele. Aquela “coisa” não parecia um tubarão, nem uma baleia, era feio, com dentes pontudos e cortantes maiores que o próprio homem na balsa improvisada, com olhos esbugalhados brancos brilhantes, porém sem vida, seu corpo comprido e cheio de nadadeiras



com aspecto de facas de serra, tinha uma pele viscosa verde musgo cheia de manchas que pareciam óleo. A queda do bicho n'água fez Eduardo lembrar das intensas ondas da aventura recém-terminada.

— Sai, sai bichinho! – numa atitude desesperada de persuadir aquela aberração aquática.

E o bicho se foi, não por muito tempo! A cinquenta metros adiante do nosso audacioso formador, a barbatana emerge novamente. O frio na espinha subiu até o pescoço. O monstro verde nadava ainda mais veloz, não tinha como evitar o conflito. O pulo certo tinha direção certa com aqueles olhos e a boca aberta pronta para abocanhar nosso amigo tutor; mas, como mágica, um arpão em formato de desentupidor de banheiro certamente atingiu a narina única e putrefata do devorador de gente. Sem reação, o monstro submergiu derrotado. Também sem reação ficou Eduardo questionando-se como aconteceu aquele milagre? Seu devaneio durou até perceber uma bela e iluminada máquina amarela surgir das águas. Olhando fixamente para o submarino, notou o aparelho recolhendo o arpão emborrachado para o gatilho posicionado em sua proa. Foi então que a escotilha se abriu e saiu uma jovem e corajosa mulher de cabelos longos e olhos escuros em uma roupa de mergulho. Era a grande heroína!

— Não deveria estar dormindo na cama? Este colchão molhado e frio pode te dar um resfriado, sabia? – disse a destemida jovem.

— Oi, obrigado, moça! Me salvou! – agradeceu o náufrago indeciso.

— Você quase virou comida do Peixe Lixo.

— Aquilo é um Peixe Lixo? Perguntou o homem.

— Dizem que é um monstro que evoluiu do lixo que nós humanos mandamos para o mar. Bem, a natureza sempre acha um jeito de resolver os problemas do mundo, não é? – respondeu a mulher.

— É? – disse ele totalmente perdido.

— Sabia que eu te procuro há muitos anos? – perguntou ela.

— Eu te conheço, não é? – Eduardo emocionado.

— Primeiro, entre no submarino, troque essas roupas molhadas por uma sequinha, enquanto eu faço aquele mingau de chocolate que o senhor me ensinou! – disse Manuela já adulta, com lágrimas nos olhos.



# Memórias de algumas manhãs

Toca o alarme do despertador. Acordo sonolenta para mais um dia.

Primeira coisa que faço é colocar o modo soneca, que, de 5 em 5 minutos, viram 20 rapidinho.

Vem à memória um louco despertador que minha mãe comprou lá nos anos 90, para que eu e minha irmã não perdêssemos mais o horário de acordar. “Duas dorminhocas”. “Parece que nasceram primeiro que a cama”. “Vocês querem que o mundo acabe em barranco para encostar nele”, dizia minha mãe.

Já o despertador tinha um apelido “O louco”, como costumávamos dizer. Era aquele de barraquinha mais potente que já vi em minha vida, imaginem: aquele som chato, forte e de tão forte fazia o despertador pular, ele ia pela prateleira pulando e girando. Detalhe, a prateleira era aquela de aço, herança da assistência técnica do meu pai.

Sim, o dia começava assim, muito tranquilo.

Começávamos a nos arrumar para ir à escola. O cheiro do café preto fresco (que nunca gostei de tomar), a estação no rádio falando a notícia do dia, e a correria para nos vestir. A dificuldade e frustração para arrumar o cabelo, pois nunca ficava como queríamos e isso sempre acontecia.

Acredito que marcou a vida de muitas garotas negras de cabelos crespos que, como eu, tiveram a adolescência nos anos 90 sem condições de deixar o cabelo como queríamos (alisados a cada 3 meses) e sem um produto de qualidade, mas sempre saíamos arrumadas de casa como minha mãe dizia: “Negro precisa andar arrumado sempre”.

Minha mãe saía para trabalhar. Essa foi nossa rotina depois da separação de meus pais. Então, vinham os últimos recados, comida, a mistura que teríamos que fazer e não esquecer nossas obrigações com a casa, escola e, então, tocava a música:

“Vambora, vambora. Tá na hora! Vambora, vambora.”

E saíamos.

Hoje, minhas manhãs são diferentes, sem o beijo e abraço da minha mãe, sem o “bença mã” (sim eu falava mã) e a resposta: “Deus te abençoe e boa aula”. Sem o cheiro de café que nunca gostei de tomar. Sem discutir com minha irmã por ela estar usando alguma roupa minha sem permissão.

Crescemos, dissemos adeus para minha mãe e seguimos com cada palavra dela que às vezes me pego repetindo para meus sobrinhos. Foi uma época boa, guardada no coração.

O despertador durou quase um ano firme e forte. Hoje, só de ouvir o barulho em alguma barraquinha acho engraçado e lembro desses momentos, porém o maior carinho é com a música que até hoje me faz lembrar da minha mãe.

“Vambora, vambora. Tá na hora! Vambora, vambora.”



# A menina que não queria envelhecer

Era uma vez, uma menina que não queria envelhecer... Nasceria na década de 80 e era muito vaidosa, sua pele morena da cor de jambo, seu cabelo cacheado castanho-escuro, seus olhos fechados quando sorria e suas pequenas mãos gordinhas sempre foram muito características.

Esta menina cresceu e se tornou mulher, deram a ela o nome de Docinho. Era a filha do meio de um rei muito paciente e sábio e de uma rainha muito caridosa e solidária, e tinha mais duas irmãs e três irmãos.

Docinho fora criada num reino muito festivo e alegre e, embora sua mãe fosse a rainha, sempre gostara de cozinhar, aliás, dom que ela também desenvolveu. Será que era por isso que a chamavam de Docinho? Ou será que era por conta das Meninas Super Poderosas? Talvez um misto dos dois, eu diria! Seus doces eram incríveis, fazia tudo com muito amor e esmero. Uma vez, para cumprir um desafio e incentivar um grupo de garotas, fez 150 receitas em dois meses!!! Hummmmmmm!

Além da gastronomia, a música também era sua paixão! Tudo era regado à música, quando não estava cantando, estava ouvindo!

Mas Docinho, apesar de alegre, não queria envelhecer, chegou até a dizer que queria que a morte viesse buscá-la aos 24 anos. Sempre olhava para suas pequenas e delicadas mãos que dizia que não queria vê-las enrugadas.

Essas mãos que cozinham, afagaram, acarinharam, cuidaram, escreveram durante muito tempo, parece que fizeram com que nossa princesa que adorava rosa, amava Cinderela, era louca por chocolate e apaixonada pelos sobrinhos, se esquecesse dessa história de partir cedo.

Ela estava tão decidida a viver, tão radiante, sua pele e seus cabelos estavam mais lindos do que nunca! Devorava livros como alguém que degusta com toda a vontade o sabor dos pratos e as gostosuras da vida. Adquiria todo o conhecimento que podia, parecia estar se preparando para algo muito grandioso, até uma resolução para a sua vida escreveu...

Mudou hábitos, venceu desafios, superou medos, dominou vontades e então, de repente, partiu... Sem se despedir...

Talvez por não gostar de despedidas ou simplesmente por estar tão empenhada em cumprir um novo desafio. Talvez o céu precisasse de um pouco de doçura não é mesmo??? Ou de alguém que simplesmente acompanhasse seus pais...

Ela não queria envelhecer e assim tornou-se infinitamente imortal, partindo cedo aos nossos olhos, mas nascendo no céu como uma estrela e uma doce lembrança, como o açúcar e o granulado que adornam os confeitados de festa.

*Para Erica Verônica Martins, minha doce irmã.*



# Alice no parque

Olá, Alice!  
Boa tarde!  
Tudo bem?  
Nós vamos ao parque.  
Você vem?

Vou sim, professora!  
Mas não quero brincar.  
Ao seu lado posso ficar?

Claro, Alice!  
Pode sim!  
Mas olhe ao redor, quanto  
brinquedo aqui!

Eu vi, professora!  
Só quero olhar.  
Ao seu lado posso ficar?

Sim, Alice!  
Mas não vou desistir.  
Um dia você há de brincar sim!

Passaram-se dias, semanas,  
e a professora sempre a incentivar:  
Alice, que tal brincar?!

Numa tarde ensolarada,  
Alice ao lado da professora estava,  
e de repente passos começou a dar...

Olhou o trepa-trepa, o cavalinho e o gira-gira.  
Pareceu analisar...

Com o olhar inseguro,  
mas ao mesmo tempo tomada de coragem,  
no gira-gira resolveu sentar.  
Segurou firme, com ar sério,  
mas decidida a estar lá.

A professora encantada e cheia de expectativa  
a tudo acompanhou.

A girar Alice começou.  
E olhando para aquela que sempre a estimulava  
a brincar falou:

Não é que é legal?!  
E um largo sorriso abriu.  
E uma lágrima no canto dos olhos da professora brotou,  
mas ela ao mesmo tempo sorriu!  
A conquista da Alice seu dia coloriu!



## *Tear de recordações*

Nas ruas da saudade encontro nitidamente as imagens de um tempo tão próximo, mas com as cores amarelas do passado. As lembranças da infância enriquecem meu presente e me sinto feliz.

Vivi tudo com intensidade. A casa simples, construída por meu pai, tinha uma janela alta no único quarto da casa, só permitia ver o que tinha atrás dela além do céu, sempre visível, se subisse em uma cadeira e depois em outro móvel mais alto. Eu, sempre que queria, subia nessa cômoda para olhar o terreno vizinho que dava para os fundos de uma vila de casas grandes e organizadas. Ao todo, eram quatro residências, quatro famílias. Numa delas moravam duas irmãs, dona Adelaide e dona Vicentina. Ambas com bastante idade, cabelos brancos e pele de pêssego.

Dona Adelaide, viúva, elegante e exigente com a irmã e com os tratos do dia a dia, carregava uma dor profunda, a morte trágica do único filho que ceifou sua própria vida ainda bem jovem. Mesmo assim, não deixava de ir à missa nas primeiras horas da manhã. Nesse tempo, as missas eram rezadas às 6, outra às 7, e mais uma às 8 horas, e depois mais outra.

Dona Vicentina, que nunca se casara, era mais simples, tossia muito, tinha que segurar a dentadura em cada crise. Vivia arrecadando brinquedos usados, mesmo incompletos, higienizava cada um deles e enviava-os para um programa de rádio em nome de Vicente Leporacce e Pedro Geraldo Costa. Eu estava sempre junto com ela arrecadando esses brinquedos. Gostava de fazer isso porque íamos a vários lugares, era uma forma de sair de casa, ver lugares e fazer algo diferente. Sempre ganhava uma caneca de mingau de aveia e, à tarde, podia tomar um banho de chuveiro. Morria de medo, a torneira dava choque. Enfrentava esse incômodo porque era “em quando em quando”, em casa o banho era de bacia. Não esqueço das várias plantinhas que ajudava a regar: losna, mentruz, hortelã, poejo e tantas outras que eram cultivadas. Assim, aprendi a diferenciar, nomear algumas plantas.

Era tão pequena, tão nova! Essas memórias enfeitam docemente as varandas de minha infância. Num dia, a mudança delas aconteceu, foram morar em Itapetininga, interior de São Paulo. Ganhei delas uma cadeira de madeira que guardo até hoje como a materialização desse tempo e de dona Vicentina. Meu pai acompanhou a mudança para ajudá-las nesse momento.

Numa outra casa, morava uma família portuguesa, pai, mãe, dois filhos pequenos e a avó. Essa sempre com roupas pretas, um grande lenço preto amarrado à cabeça e brincos de ouro a balançar nas orelhas. Um costume que tinham era assar na brasa sardinhas inteiras, com todas as vísceras e cabeça. Assim, as consumiam. Eu achava estranho e contava para os meus pais dos hábitos deles. Graciete, o irmão, eu, minha irmã Edna e mais outras crianças, que não lembro os nomes nem de onde eram, brincávamos de escolinha, de casinha, fazíamos comidinhas em panelinhas e irritávamos os meninos. Eles desafiavam a coragem das meninas para entrar no porão da casa de Graciete, que nem era escuro, mas diziam que havia fantasmas. Nós encontrávamos um jeito para deixar os meninos na entrada do porão e empurrá-los para dentro. Saíamos correndo e rindo muito. Não sei o que aconteceu com eles, mas a satisfação da distração e do primeiro grupo de brincadeiras de que me lembro foi este.

Na terceira casa desse conjunto, morava um casal. Dona Nina, mulher portuguesa, vistosa, usava um batom vermelho, sempre bem arrumada, vivia com o senhor Daniel. Ele sempre educado e gentil com os vizinhos, dizia que



éramos figurinhas de gibi. Tinha um torno onde fazia chinelos de tiras de borracha. Eu ouvia dos adultos que ele bebia muito e maltratava a esposa que lutava para tirá-lo do vício. Tinha dó dela, não entendia muito tudo isso, mas não esqueci dessas situações. Minhas irmãs não punham reparo em nada disso, não lembram de detalhes. Porém, os fatos narrados mostram-se nos cantos da varanda de minha memória.

Além dos fundos de minha casa que via pela da janela alta, a frente era um encanto de flores cuidadas por minha mãe, Beatriz, que por onde fosse conseguia uma muda e plantava. Havia espirradeira, hortências, dalias, muzambê, margaridas e no canto da casa uma exuberante jiboia de folhas enormes subia até o telhado. No centro das plantas, um poço com sarilho de onde obtinha-se a água para a casa. Achava esse trabalho muito duro para minha mãe fazer. Entretanto, era o que podíamos ter.

Era um tempo de muita instabilidade na rede elétrica. E quando faltava luz à noite, já sabíamos que haveria contação de histórias e de vivências dos meus pais em seus estados de origem. Minha mãe contava histórias de sacis, da florzinha, da comadre e do compadre, que passeavam pelo campo como duas luzes.

Numa dessas noites, tive um pesadelo. Sonhei com a florzinha que sorria para mim e fumava um cachimbo, o saci também estava lá...Não consegui dormir sozinha, estava com muito medo. Fui dormir na cama do meu irmão o resto da noite. Ele não gostou nada nada, mas minha mãe deu uma ordem. O medo passou, ainda bem.

Além das lendas com esses personagens, havia a descrição das botijas de ouro que os antigos enterravam numa parte da casa. Quando morriam, o tesouro continuava escondido, mas era revelado em sonho a alguém. Este não poderia contar para mais ninguém, nem dizer uma palavra ou debochar da situação quando fosse buscar o ouro, sob a pena de ver a riqueza que se pretendia ser transformada em formigueiro.

Quanta riqueza de convivência, cultura e curiosidades que tive!

Quantas recordações de minha mãe eu tenho! Nossas idas ao correio levar e ou buscar cartas dos parentes distantes. Quando voltávamos, passávamos na loja para comprar tecido para minha mãe fazer roupas para nós ou tecido para costurar lençóis, fronhas para as camas. Aos sábados, íamos ao empório comprar o alimento. Tudo era oferecido em sacos e pesado na frente do cliente, era o empório dos Irmãos Miwa. Tudo era anotado numa caderneta e pago ao final do mês. A única filha mulher dessa família, Rosa, foi minha professora anos mais tarde. Durante a semana, para o café da manhã, levantava cedo e minha mãe mandava comprar uma bengala e um quarto de café torrado e moído na hora. Não esqueço do balcão da padaria, de sua organização e localização. Hoje aquelas manhãs são como algodão doce, cada uma de uma cor com deliciosos sabores.

Como são lindos os dias daquele tempo em que a balança com haste de ferro presa em uma grande árvore servia para meu deleite. Sonho com esse brinquedo, sinto o vento batendo em meu rosto e penso na audácia da altura que conseguia atingir, ficava em pé balançando, balançando sem nada temer.

Minha cabeça é um tear de recordações, um fato se entrelaça noutro e forma uma trama colorida das lembranças, das vivências, das pessoas, dos sons, dos cheiros e das imagens entrelaçadas nos pensamentos que me criaram, me compuseram e me restauram numa integridade de alma leve e sonhadora.

# Pasta preta

Daquele dia só me restou o cheiro da pasta preta onde meu pai guardava todas as nossas fotografias. As poucas que tínhamos. Ela era de couro, dessas de zíper, toda surrada e empoeirada, onde ficava o que tínhamos de maior valor: nossas recordações, nossas memórias.

Já era fim de tarde de um dia intenso de sol e calor, e eu brincava com meus irmãos entre as mangueiras quando começou o furioso vendaval.

Pra ser bem exata, aquilo não era um vendaval, era, na minha pueril imaginação, um redemoinho parecido com os que já havia lido nos livros de lendas e mitos. Aquele funil de poeira alaranjada e folhas secas que se formou, me fez lembrar as traquinagens do saci-pererê.

Foi um rebuliço. O tempo fechou em fração de segundos e só ouvi os gritos da minha mãe nos chamando pra dentro de casa. Eu já estava cobrindo os espelhos, pois minha avó dizia que atraía relâmpagos, quando ouvi um barulho medonho de telhas voando. Sim, parte de nossa casa foi destelhada. Eu e meus irmãos ficamos encolhidinhos num canto da sala até aquele tornado em formato de cone invertido passar colérico derrubando tudo pela frente.

Uma família de trabalhadores rurais transeuntes foi convidada a se abrigar conosco até passar o iminente perigo. E bem no meio daquela tempestade, o homem, que era um pastor evangélico, começou a orar com todas as suas forças rogando que findasse logo aquela catástrofe natural.

Pedrinhas de gelo começaram a pipocar do alto e batiam fortemente no chão e faziam estalos que pareciam músicas aos nossos ouvidos. Aquele momento de tensão, imediatamente se transformou em diversão, pois começamos a chupar aquele gelinho, e o pavor só amenizou quando vi minha mãe passando com uma garrafinha de água benta em direção à janela e atirou aos quatro pontos cardeais pedindo proteção.

Aos poucos, a chuva foi cessando, o Zé Alonso pegou seu chapéu de palha, fincou o pé na lama e da porteira o vi sumir com sua família ainda no barulho intenso das enxurradas.

Quando o tempo se abriu, saímos todos pra fora e horrorizados avaliamos o estrago ocasionado.

Nunca consegui superar o momento em que meu pai colocou a escada para arrumar o forro da casa e descobriu a pasta de fotos encharcada de água do granizo. Perdemos todas, não restou uma pra contar história!

Considero-me uma pessoa sem memórias registradas nas imagens de uma câmera fotográfica. Convivo eternamente com essa fascinação por retratos e uma vontade louca de ir a qualquer lugar que me disserem que restou algum registro da minha infância.

Hoje é supernormal guardar fotos em nuvens, mas eu gosto mesmo é do papel. Eu revelo fotos e ainda sinto o cheiro de guardado da nossa saudosa pasta preta.



# Kãmusi (cambuci)

Kãmusi, ai o kãmusi  
Kãmusi é o seio da mãe  
Kãmusi é uma fruta um pouco azeda  
E também, na tradição tupi, tem nome de mãe

É um fruto típico paulista  
Rico em vitamina c  
Natural da mata atlântica  
Que a juda a fortalecer  
Retarda o envelhecimento  
Lembra até um disco voador

Do seu despertar para a história  
Quando te viram nascer  
Presente em nossa memória  
Orgulho de viver  
Passagem de entroncamento  
Lavapés era um córrego

Foi no fim do dezenove  
Com o museu em construção  
Houve uma valorização enorme  
Aqui na região  
Implantaram até um bonde  
Ligando o bairro ao centro

De tupi a imigrantes  
Que ajudaram a crescer  
Expandiram os seus quadrantes  
E juntos aprendendo a conviver  
Surgiram muitas casas  
Mas também fábricas no seu entorno

A igreja nossa senhora  
Na colina dá pra ver  
Um templo cheio de glória  
Nossa fé aquiescer

Foi até bombardeada  
Na época do tenentismo

Falando um pouco de arte  
Temos é que perceber  
Bandeirinhas em destaque  
Volpi não pode esquecer  
Grafite também faz parte  
Da arte do nosso bairro  
Tem também os gêmeos

Na ciência outro realce  
De um grande zoólogo  
Rondou em nosso bairro  
Também de samba foi compositor  
Virou nome de escola  
Chamado CIEJA Paulo Emílio Vanzo

O samba é nossa marca  
De escola campeã  
A mais antiga da cidade  
Lavapés é tradição  
Herança cultural  
Avivada no tempo



## Delicadas memórias

Em meio a um céu azul, um gramado verdinho ao som de Johnny River (...) *Do you wanna dance?* e Gilberto Gil (...) Não, não chores mais... ELE? de 13 pra 14 aninhos, ELA? nos seus quase 18, explode um amor gigante. A princípio, mãos dadas e braços nos ombros e cintura, saíam pelo centro da cidade de São Paulo, cinemas gigantes... “*Dio, como te amo*”, “Os trapalhões”, comendo churros, frango assado e refrigerante no cinema. Ah! Quantas fotos instantâneas na calçada, quantas memórias pra uma sociedade em que um amor improvável, não aprovado, que não cabia neste céu azul... Ela estudante de Química Industrial, desejo de ser pedagoga, filósofa, bioquímica... ele mal tinha terminado “o ginásio”. A vida havia expulsado-o da escola, e o destino presenteou-lhes com primeiros encontros da vida, num chão da fábrica de chocolates. Ele, um belo e potente fazedor de chocolates; ela, uma dedicada empacotadora dos deliciosos bombons. Um gigante amor nascia em meados de 1977/78. Eles, então, continuavam a desbravar o mundo! Nas praças, seus amores anunciados. Em família? Momentos clandestinos, ocultos. Os sonhos e projetos de vida cresciam entre passeios, viagens, romarias (a primeira e o primeiro beijo 19/8/79), casas de alguns amigos e dos poucos familiares que sabiam deste romance e acolhiam. O casal conquistava aos poucos as famílias e não abria mão das contraversões sociais. ELE? Fez “escolinha militar”, tornou-se um belo construtor civil, paisagista, pintor, tem ideias brilhantes de paisagismo. Ah! Comprador de roupas pra ela “sem precisar das medidas”, cai certinho no corpo dela. ELA ama, AMA tudo que vem dele.

Resolveram que, quando ela finalizasse sua primeira faculdade se casariam, assim foi e segue desde 25/10/86, farão 45 anos de convivência, companheirismo, cumplicidade, dificuldades, turbulências, com muito AMOR e RESPEITO. Muitos frutos diferentes, diversos, todos deliciosos com seus sabores especiais e memórias afetivas lindas. Alguns ácidos, outros infinitamente doces. Destes, os dois frutos essencialmente “principais” doces, toda vida. Dois filhos que conceberam e, estes geraram outros frutinhas e frutinhas infinitamente doces, deliciosos.

Construções coletivas foram se ampliando em seus caminhos juntos. Amigos comuns, novos amigos e conhecidos. Neste caminhar dos dois, ele? Encabeçando, propondo sem planejamento, reuniões, festas ao som de forró, conversas, histórias verídicas, contações de lorotas, churrasquinhos... como ele AMA churrasquinho. Entregas de picolés no serviço dela, chocolates, tortinhas de palmito na praia, distribuição de mimos e presentinhos. Indicação de lugares para cada coisa que alguém sugestionava. Desejo de comprar e não sabia onde comprar. Às vezes, ele comprava e já levava para a pessoa. ELE inventando tudo. ELA sai atrás dele correndo, ajeitando tudo, deixando tudo pronto para receber as pessoas. ACOLHIMENTO é a palavra DELES. ELA? ACOLHIMENTO e RESILIÊNCIA. Hoje, maio/2022, ELE não abre mão da sua LUTA, lutar por sua saúde plena, para se curar de uma enfermidade cruel. Um guerreiro, pois já venceu outras tantas batalhas... está vencendo mais essa, em seu tempo interno e no tempo divino.

Hoje, seus desejos e projetos giram em torno do seu restabelecimento, sua restauração em torno da vida com saúde, para suas rotinas e alterações de rota. E JUNTOS! Como sempre, JUNTOS! Voltarem aos rolês, às



pequenas viagens, às peripécias com a família, filhos, netos, netas..., os passeios, os restaurantes que ele ama tanto. E JUNTOS continuarem desbravando o céu tão azul, a grama tão verdinha ao som de Johnny River (...) *Do you wanna dance?* e Gilberto Gil (...) Não, não chores mais.

Mais destaques destas delicadas memórias. Ele não quis seguir a educação como ela. Ela queria e fez algumas faculdades, é uma apaixonada pela educação, sobretudo, a atuação na educação pública, e esta, de qualidade, que é o retrato da nossa educação, com profissionais potentes e sérios, que lutam incessantemente. Um tantão destes pares caminham com ela. Deles, emanam carinhos, afetos, afetos para além do pedagógico, respeito, generosidade e juntos, com ELE e ELA constroem e cultivam memórias por este imenso céu azul, gramados verdinhos, ao som de músicas, canções, cantigas e outras personagens, que são reveladas nas nossas belas construções de histórias e literaturas infantis e infantojuvenis. E estas produções nos mobilizam às nossas produções, como autores, escritores e leitores de nossas próprias histórias, nossas memórias, como esta, tecida acima.



# Memórias de minha terra

Sou de uma linda cidade  
Terra das caraubeiras  
Onde o povo anda feliz  
De segunda a sexta-feira  
Lá o bom mesmo é viver  
Dia a dia sem besteira

Lembro-me de belos dias  
Correndo naquelas ruas  
Um bando de molecada  
Passando no “mei” da feira  
Não pensava era em nada  
Nem pensava que um dia ia vir tanta porrada

Viver livre  
Era somente  
O que tinha em nossa mente  
Não importa como fosse  
Éramos todos inocentes  
Mal sabíamos que ia tudo tão de repente

De frente à minha escola  
Ainda tem uma igreja  
De São Sebastião padroeiro da cidade  
Ao ouvir o tocar do sino  
Inventava uma maldade  
Saindo a correr chorando desolados

Gostávamos de ver enterros  
Tudo era uma folia  
Escondidos atrás dos bancos  
Aprontava pra danar  
Dávamos tantos beijinhos  
Pra no recreio contar

Infância que nunca volta  
Mas carrego ela em mente  
Foi tudo tão prazeroso  
Foi vivido intensamente  
Quem diria ela voltasse  
Faria tudo “dinovo”



# Fernanda

**Aconteceu** de em meio àquela alegria comum de carnaval eu encontrar a Fernanda. Qualquer pessoa duvidaria que fosse mesmo ela. A nonagenária Fernanda. Talvez a Renata fosse a minha única prova de que aquela era mesmo a Fernanda. Real. Em carne e osso ali do meu lado. Em sonho e verdade. Diante de um acontecimento como esse, com o peso de um sonho grande, nada me restava a fazer senão cumprimentá-la e pedir a ela uma foto. Fui então para perto dela. Com licença, Dona Fernanda! Não quero incomodá-la, mas me daria o prazer de uma foto contigo? Claro que sim, meu filho! Disse ela sorrindo com os olhos. Sorri de volta, tirei do bolso o celular e antes que eu pedisse à Renata a foto confrontei-me com o seu olhar. O olhar de Renata era como um espelho que me mostrava desnudo. Com o peito de fora. Coberto apenas por aquela euforia de carnaval. Em tempo, censurei-me, e voltando o olhar para Fernanda indaguei: Espera-me vestir uma camisa, Dona Fernanda? Sim, meu filho! Vá! Eu espero! Respondeu sorrindo. Deixei a Fernanda na companhia de Renata e fui até o carro. Achei não uma, mas três camisas. Todas de botão, como gosto. Escolhi a mais clara e florida. Na volta, não encontrei a Fernanda. Nem a Renata. A rua parecia vazia como se fosse o fim daquele carnaval. Nenhum sentimento ruim rondou-me. Apenas a vontade de encontrar a Fernanda. Que longe não poderia ter ido. Como se soubesse para onde Fernanda havia caminhado, apenas andei um pouco adiante do local em que a encontrei. Caminhei em direção a uma casa simples, verde, com quintal grande, de terra e grama, flores de jardim. Logo avistei a Fernanda. Um pouco adiante de uma escada, ela ia serena recolhendo-se, ainda distante da casa. Dona Fernanda! Chamei-lhe. Com o mesmo olhar sorrindo, Fernanda olhou para trás e veio até mim. Como se já me reconhecesse. Numa fração de segundos, sem tempo nem de um “Desculpe-me, mas eu...”, a nonagenária Fernanda caiu no chão. Ali na calçada. Assustei. Dona Fernanda! Dona Fernanda! Chamei-lhe outra vez. Não estou bem, meu filho! Socorra-me! Respondeu-me desfalecendo naquele resto de carnaval. Meu coração saltou pela boca. Peguei o telefone na mão e disquei 192. Nada. Ninguém. Disquei 190. Nada. Ninguém. Como se chamasse não por gente, mas por extraterrestres. O outro lado era feito de silêncio. Tão profundo e insistente que duvidei dos números. Estariam certos aqueles números? Disquei outra vez 192. Nada. Ninguém. Silêncio. Depois 190. Nada de novo. Foi aí que vendo na cintura de Fernanda um aparelho celular, perguntei: Dona Fernanda, por que não chamamos a sua filha? Não tem o telefone dela aí nesse aparelho? Não, meu filho. Não quero incomodar. Reprovou já quase morta. E naquela linha tênue de vida e morte, sugeriu: Grite! Sem mais perder tempo, saí correndo ladeando os carros pela rua gritando: Socorro! Socorro! Tem uma senhora de 90 anos passando mal na calçada! Alguém, por favor, ajude-me a socorrê-la! Pelo amor de Deus! Os carros passavam atravessando a gente como que acostumados às cenas de morte. Não fosse o farol vermelho, não paravam. Assim que o farol fechou, corri à frente dos carros. O primeiro deles era o maior. Parecia não um carro, mas um trem. Olhando bem nos olhos do motorista supliquei: Senhor! Senhor! Ajude-me a socorrer uma senhora de 90 anos. Ela está caída na calçada! Morrendo! É uma atriz! Famosa! Como parecendo que eu dissesse-lhe uma grande mentira, e fizesse ali um teatro barato, ele se riu. Ele se riu e eu de novo assustei. O farol abriu e ele partiu rindo com seu carro-trem. Voltei à Fernanda. Estava viva. Resistia na calçada como uma flor no asfalto. Pensei em Renata. Como se ela



fosse o nosso último socorro. Supliquei: se ao menos a Renata estivesse aqui conosco, Dona Fernanda! Ela iria nos ajudar! Fernanda seguia morrendo. Como tudo ali. Os carros correndo indiferentes, o riso incrédulo do motorista, as chamadas telefônicas seguidas de silêncio, os gritos de socorro, a esperança daquela peleja vã. Parecíamos aceitar a morte como o único destino de Fernanda. Uma nonagenária que antes de partir saiu para olhar o carnaval. Era inevitável que morresse. Até que nos nossos olhos vimos o reflexo radiante de Renata. Estava ali como se também nos procurasse. Fernanda, como que renascendo naquele instante, saltou do chão e pulou no pescoço de Renata. Numa euforia bruta de carnaval reverberou: ÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊ! Os carros como que assistindo a um milagre paralisaram. Pararam não mais para se evitar a morte. Mas para testemunhar a vida. Eu paralisei. Renata paralisou. Em cena, só mesmo a Fernanda. Aquela mulher nonagenária que ali vivia de imitar a morte e a vida. Provocando mais que o susto, a verdade. Renascendo no olhar de Renata. Fazendo da realidade um sonho. Da morte, uma vida. E da vida, uma ressurreição.



# *A mudança para a cidade grande*

Eu morava no interior de São Paulo, porém, quando tinha dez anos, minha família teve que se mudar para a cidade grande, por conta do trabalho do meu pai. A cidade grande é São Paulo.

Foi repentino! Que surpresa maravilhosa!

No início, foi difícil entender e imaginar o que me esperava nessa cidade tão cheia de coisas acontecendo ao mesmo tempo e que nunca dorme... Ficava parada, com os pensamentos fluindo por todos os cantos. Quantos sonhos!

Até chegar o grande dia da mudança, em julho de 1987, tivemos os momentos de arrumação, de embrulhar caixa e organizar malas.

Enfim chegou! No dia da mudança, foi a maior alegria, com despedida dos amigos e familiares, porém todos muito esperançosos que seria o melhor para nós. E não é que todos tinham razão?

A mudança para a cidade grande foi incrível. Eu viajei no caminhão de mudança com meu pai e irmão, enquanto minha mãe, irmã e avó vinham de ônibus. Foi uma viagem de aproximadamente cinco horas.

Chegando a São Paulo, tínhamos casa nova, bairro novo e novos amigos. Os parentes da cidade grande todos nos visitando.

Passamos por um período de adaptação, mas facilmente foi superado.

A mudança para a cidade grande foi um despertar de curiosidades e uma enxurrada de conhecimentos.

Foi aqui que me descobri de verdade, que concluí meus estudos, constituí família e hoje me sinto tão realizada como professora.



# Infância

Chovia. Aquele homem gentil me pegou em seus braços e estava me levando para algum lugar que, apesar de eu o conhecer, não queria estar lá. O homem me conduzia com imenso afeto e cuidado que aumentava, ainda mais, meu desejo de não me separar dele. De fato, o abracei o mais forte que pude.

De repente, o homem parou, me olhou nos olhos e disse algumas palavras que não consigo lembrar. Imediatamente comecei a chorar, porque entendi que ele me deixaria ali. Era um lugar barulhento, cheio de meninos e meninas que, como eu, não queriam ficar ali. Quando vi o homem se afastando, comecei a gritar desesperadamente, com medo de perdê-lo. No mesmo instante, vi uma mulher de avental branco se aproximar e perguntar meu nome com um sorriso. Respondi e quando virei a cabeça para olhar para o meu pai, ele já não estava mais lá.

A angústia e o sofrimento da separação indesejada me atingiram durante todo o dia. Quando, finalmente, senti que não possuía mais lágrimas para pôr para fora, levantei a cabeça e ele estava ali, na minha frente, olhando para mim, enquanto falava com a professora. Assim que o vi, corri em sua direção. Ele me abraçou e beijou suavemente minha testa, me olhou com pena e seus olhos pareciam úmidos.

Nós voltamos para casa. A mãe estava na cozinha. Meu pai me havia comprado uma revista, toda para colorir. Enquanto eu a olhava com curiosidade, ele me perguntava sobre a escola, a professora, os colegas... Balbuciei algumas palavras e ao final disse, com voz incisiva, que não queria mais voltar para aquele lugar. Meu pai, com sua ternura e infinita paciência, tentou me convencer a fazer o contrário. Nos primeiros dias, se me comportasse bem, ele me trazia chocolates, balas, gibis e foi assim que comecei a gostar de ir à escola.

Durante anos, meu pai, depois do seu trabalho, trazia alguma singeleza para mim. O que eu mais gostava eram os objetos que possibilitavam alguma interação e soltar a imaginação, porque ele sempre brincava comigo, tanto interpretando personagens que inventávamos, quanto colorindo revistas.

Quando caminhávamos juntos pelas ruas do nosso bairro e ele encontrava algum amigo ou conhecido, tinha muito orgulho de me apresentar como sua filha. Ele tinha uma idade um pouco avançada quando nasci. Algumas pessoas se surpreendiam quando ele dizia que era meu pai, porque pensavam que ele era meu avô. Ele gargalhava, olhava para mim e me perguntava: “Querida, eu sou seu avô ou seu pai?”. Nos divertíamos muito juntos!

Um dia, quando eu ainda tinha sete anos, meu pai não pôde me levar à escola. Quando voltei, não o encontrei em casa, nem minha mãe estava lá. Talvez eles estivessem preparando uma surpresa, pensei. Faltava apenas um dia para o meu aniversário. Eles sabiam que eu estava ansiosa, porque eu estava imaginando o lindo presente que eu ganharia! Talvez fosse aquela boneca que eu tinha visto com a minha mãe, quando estávamos voltando do dentista, acho que ela queria mostrar ao meu pai antes de comprar para mim, porque custava muito.

Depois de algumas horas, minha mãe chegou em casa sozinha. Perguntei à ela onde ela estava e se ela sabia onde estava meu pai. O seu semblante externava dúvida e aflição. Não me deu resposta. Eu, envolta na expectativa da possível surpresa, imaginei que ele chegaria mais tarde com minha boneca. Esperei, esperei, esperei, mas ele não voltou.



No dia seguinte, não tinha aula, acordei de repente com o toque do telefone. Minha mãe havia ligado para uma amiga dela que agora estava retornando a ligação. Alguns minutos depois, a amiga da minha mãe veio me buscar. Num primeiro momento, não entendi nada, por que eu não podia ficar em casa? Quando me fiz essa pergunta, imediatamente intuí. Provavelmente, querem me dar uma festa surpresa de aniversário! Precisam preparar as coisas sem que eu saiba! Então, quando eu voltar do passeio, eles vão gritar: surpresa! Imaginei, cheia de esperança e alegria.

Saí de casa saltitante e feliz com a amiga da minha mãe, não podia deixar ninguém perceber que eu já tinha entendido tudo, senão a surpresa estaria arruinada! Percebi, também, que combinaram entre eles de não me darem os parabéns, porque durante todo o dia, ninguém me disse nada, até parecia que tinham esquecido de verdade...

Às oito da noite, finalmente, me levaram para casa. Eu mal conseguia controlar minha alegria e minha agitação. Esperava abrir a porta e ouvir “Feliz aniversário!!!”.

Quando abri a porta, a casa estava cheia de parentes, mas eles não estavam me esperando, pelo contrário, ficaram surpresos com a minha chegada, alguns estavam com os olhos vermelhos e, logo após, o silêncio invadiu o ambiente. Comecei a procurar minha boneca, depois a procurar meu pai, a única que encontrei foi minha mãe, que me deu um abraço apertado enquanto soluçava.

Nunca mais voltei a ver o meu pai. Continuei esperando por ele todos os dias. Eu brincava sozinha, imaginando que ele estava ali comigo, contava meus segredos para ele, imaginando que ele estivesse ouvindo. Ninguém me disse nada e eu, aos poucos, não falei com mais ninguém.

Um dia, na escola, a professora, comovida com a dor do meu silêncio, me perguntou se eu sabia onde estava meu pai. Me surpreendi e rapidamente olhei para ela, procurando uma resposta. No meu pensamento, talvez ela fosse a única pessoa que realmente soubesse onde estava meu pai, porque, afinal de contas, a professora sabia tantas coisas! Então, ela me acariciou no rosto e me disse: “Agora ele mora no céu”.

Daquele dia em diante, todas as noites, eu levantava os olhos para o céu e pedia ao menino Jesus que me desse asas para eu morar com meu pai no céu.

# São Paulo me salvou

Ainda me lembro da fogueira queimando o meu berço de madeira pobre com seu colchão de palha. A fogueira foi resultado de uma disputa entre o meu pai e a minha mãe. Cada um deles deu o meu berço para uma pessoa diferente e aí já viu, discussão na certa e jaz um berço gritando labaredas incandescentes num fogaréu à luz da lua e das estrelas.

E como aquele céu tinha estrelas!

Aquela noite enluarada com um céu infinitamente estrelado foi a minha última, naquele sítio no interior da Zona da Mata Alagoana.

Pelas minhas contas tortas, eu deveria ter uns seis ou sete anos de idade. Nem meus pais se recordam com exatidão a minha idade na época. As lembranças já se perderam no tempo...

Eu sei que iríamos deixar o sítio dos meus avós maternos e iríamos viajar para longe.

Eu ouvia o nome de um Santo: São Paulo.

As pessoas viviam reunidas e falavam nesse tal Santo. Diziam que São Paulo era bom, que São Paulo tinha emprego. Eu não entendia muito bem e eu não tinha que entender ou querer. Criança nessa minha idade no Nordeste já estava trabalhando no corte da cana, então, naquele momento, eu era a exceção. Criança, na minha idade no Nordeste, só ia à escola para aprender a escrever o nome completo e aprender um mínimo de leitura para se virar na roça. A maioria das crianças não concluía a 1ª série.

Com os meus tios foi assim, com a minha mãe foi assim e meu pai, acredito eu, nem frequentou a escola. Muito mal escrevia o nome numa caligrafia quase ilegível.

Minha mãe... Casou-se forçada com meu pai aos quinze anos de idade. Meu pai, onze anos mais velho, já tinha profundas entradas na parte frontal da cabeça, mas meu avô achou que era um bom partido para minha mãe porque era um trabalhador, mesmo que sem eira nem beira, então ou minha mãe se casava ou morria de uma surra. Minha mãe não morreu de uma surra.

Aos dezesseis anos, ela teve a mim, aos dezessete a minha irmã e depois foram mais cinco filhos que não vingaram. Formamos uma pequena família com quatro pessoas. Os filhos machos tão esperados pelo meu pai infelizmente pereciam e ninguém sabia por quê.

Tínhamos uma vida boa no sítio Jardim (era esse o nome), ao menos era a minha percepção na época e é claro que a vida para os meus pais era muito sofrida.

Minha mãe cuidava da casa, das duas filhas, de umas galinhas, de uns pequenos roçados, e o meu pai trabalhava cortando cana para grandes usinas. Era um boia-fria, no sentido literal da expressão. Era o provedor de quase nada. Tínhamos a ajuda do meu avô. Nessa época, a minha avó já havia falecido e meu avô se casara novamente com uma senhora considerada uma bruxa pelos meus treze tios e tias.

Meus pais já passaram muita fome na vida, mas as filhas sempre foram prioridade. Já passamos vontade, mas nunca nos faltou o básico.

O Sítio Jardim era o meu paraíso, com árvores frutíferas, animais, pastagens, lagoas onde eu esmagava centenas de girinos achando que eram peixes e algo que eu nunca esqueci: tinha no ar um cheiro de rosas e mel. Saudades disso. Eu estava deixando o meu Éden.



Será que um dia eu retornaria?

Na rodoviária, esperávamos o ônibus sentados em cima de umas toras de madeira. Não me recordo das dificuldades da viagem, mas devem ter sido muitas porque dizia minha mãe que demoraríamos três dias e três noites para chegarmos ao nosso destino.

Em um determinado momento, eu vi muitas luzes pela janela do ônibus. Luzes piscantes, dançantes e coloridas que me fizeram lembrar o céu cheio de estrelas do Sítio Jardim.

Enfim, chegamos.

Não sei para onde fomos, mas com o passar do tempo descobri que São Paulo não era o nome do santo como eu pensava, era o nome de uma cidade enorme, gigante, um labirinto de casas, prédios, fábricas e luzes, muitas luzes (eu gostei delas).

Meu pai arrumou um emprego numa dessas fábricas. Ficamos pagando um tal de aluguel que depois eu descobri que era dinheiro que meu pai dava para uma senhora por ela deixar a gente morar numa casa que era dela, mas não estava usando.

Mas com o tempo, ficou difícil pagar o aluguel e fomos morar na favela. Meu pai e alguns amigos construíram para nós um barraco de madeira. O chão era de cimento. Tinha luz, água e não tinha que pagar aluguel. Não era ruim.

Naquele lugar, fomos tecendo os nossos sonhos. Tendo esperanças.

Eu entrei na primeira série com a idade atrasada, aos oito anos e meio (naquela época se iniciava com sete), e estudar para mim se tornou algo muito importante. Eu não me permitia faltar às aulas, eu não aceitava tirar uma nota vermelha, eu me chateava quando não tirava mais que nove. Sempre procurei ser dedicada.

No final do Ensino Fundamental II, a nossa casa já era de alvenaria, foi uma das primeiras da comunidade a ser construída assim. Aos quinze anos, eu arrumei um emprego de costureira. Fiquei quase dois anos e saí. Veio a oportunidade de prestar uma prova para fazer um curso (magistério) em período integral para ser professora e eu passei. Estudei integralmente durante quatro anos com uma bolsa de um salário mínimo paga pelo governo estadual e me formei professora em 1997.

Hoje, aos 46 anos de idade, sou professora pelo estado e pela prefeitura de São Paulo. Sou professora de crianças do Ensino Fundamental I. E tenho muito orgulho disso.

São Paulo me salvou das diversas maneiras possíveis.

Se eu estivesse no meu amado Sítio Jardim, provavelmente eu teria casado aos quinze anos, teria tido uns sete ou oito filhos, não teria mais nenhum dente na boca (lá as pessoas perdiam os dentes muito cedo), seria uma mulher triste e não teria uma missão tão importante quanto eu tenho com as crianças das minhas escolas. Eu não teria formação universitária e eu não conseguiria redigir sequer o meu nome completo.

Meus pais me salvaram quando decidiram migrar para uma cidade com nome de santo e, posteriormente, ajudaram a salvar outros de nossos familiares.

São Paulo me salvou do corte da cana, da seca e da fome e me ofereceu oportunidades.

São Paulo não tem uma noite tão enluarada com um céu infinitamente estrelado quanto no sítio dos meus avós, mas tem luzes, muitas e infinitas luzes que também me fazem olhar para o alto.

Se eu voltei ao Sítio Jardim?

Claro! Mas essa é uma outra história.



## *Pelo retrovisor*

Já existiu um tempo em que as pessoas se olhavam nos olhos e desejavam bom dia. Foi assim que ocorreu naquela manhã fria, minha mãe acordou-me com uma euforia anormal. Pois era o dia de minha apresentação de *ballet*, eu, uma menina magrela e comprida que destoava das outras coleguinhas da sala. Antes de chegar ao local do evento, fui fazer o penteado para poder dançar. A moça do salão de cabeleireiro, quando soube que era para fazer um simples coque, puxou tanto meu cabelo que eu fiquei parecendo uma chinesa de olhos puxados, para fazer o acabamento final, jogou brilho nos fios... minha cabeça latejava de tanta dor, mas não podia transparecer, tive que permanecer no salto ou melhor na sapatilha.

Quando a música começou, esqueci da dor, meu foco agora era não errar os passos, respirei fundo e entrei ao palco, meu corpo flutuava como uma pluma, não existia dor, era eu e a sensação de liberdade que aquele momento me causava, isso ocorreu quando tinha uns sete anos de idade. Ao acabar a apresentação, as palmas surgiram, as cortinas se fecharam, e o público sumiu, era o fim de uma adrenalina e início da solidão.

No dia seguinte, dei bom dia ao Sr. José da padaria, ele olhou, deu o pão e não me respondeu. Tinha até me esquecido que as pessoas de segunda-feira de manhã tem o coração peludo e a cara inchada. Seu José só sorria de sexta-feira, acho que era o dia que ele vendia mais pão. Quando eu passava, no final da tarde, na frente da padoca, me dava até um pão doce, vai entender. Seu José tinha um cabelo branco, branco e um sotaque engraçado, dizia tudo meio enrolado. Mas uma coisa aprendi a observar: de bom humor Seu José dá pão, de mal humor não dá bom dia.

Foi-se o tempo em que os carros paravam para o pedestre atravessar, hoje corremos contra o tempo para não sofrer ao ver o tempo passar. Muitos anos se passaram e hoje guardo em minhas memórias relíquias que fizeram parte de minha construção como uma Guerreira do Sol. Acordar cedo e levantar para labuta faz parte da nossa rotina aqui na Vila, ser resiliente e levantar a bandeira da empatia faz parte da nossa resistência. Passar a arte adiante faz das nossas meninas empoderadas e desenroladas, que não têm medo e não negam a luta.

Fomos grupo escondido, fomos desapagados e esquecidos. Hoje, conquistamos identidade e com isso liberdade de sermos como nós mesmos, somos pé descalço, alma lavada e iluminados, somos do fundão sim, mas somos daqui mesmo para o mundo, descobrimo-nos cosmopolitas, somos vila, Vila do Sol.



# A viagem

E cá estou eu, em minha velha e solitária cadeira de balanço, vagando e tropeçando em meus pensamentos, em minhas lembranças. Esta varanda carrega tantas histórias... Uma nuvem, sorridente e distraída, surge altiva no céu, parecendo feliz apenas por ser nuvem. Pouco a pouco vai se distanciando, distanciando, distanciando... até desaparecer.

Da cozinha, vem um cheiro antigo e saudoso de alho frito. Bem mais antigo do que eu. Com certeza, minha mãe prepara o jantar. É! Todos os dias são assim. Logo tomarei uma bronca daquelas. Pobre de mim!!! “— Menino, sai daqui!!!” O jeito é sair. Mas... sair de onde?

Uma doce lágrima insiste em cair e percorrer meu rosto já tão marcado e desgastado pelo tempo. A gente nunca pensa nessas coisas quando elas estão acontecendo. Depois fica louco pra que tudo aconteça de novo. Mas não acontece. Quer dizer, acontece, sim, mas só dentro do coração, no impenetrável da alma. Acontece nas asas de um passarinho que não tem forças para voar.

“— Sai daqui, moleque!!!”

Lembro como se fosse hoje. Houve um tempo que minha mãe encasquetou com a ideia de criar galinhas. Era uma diversão só! Eu adorava dar milho para as bichinhas. E foi tão gostoso que acabei por me afeiçoar demais por uma delas. Construímos uma amizade sincera. Amizade verdadeira! Até nome dei pra ela! Só não me lembro qual era. Depois de chegar da escola, almoçava e ia ficar com minha amiga. Conversávamos durante longo tempo. Com ela eu podia me abrir e contar tudo que estava preso em meu peito. Às vezes, ela me bicava doído, mas sei que era seu jeito de me amar. Até que um dia tudo acabou de uma forma trágica. Era domingo. Minha mãe ordenou:

“— Menino, pega aquela galinhona pra mim!!!!”

Com o coração partido, fui trair minha confidente, minha alma gêmea, minha cara-metade.

O dia estava lindo e ensolarado. Porém, triste e choroso.

Entreguei minha amiguinha ao carrasco.

Foi tudo muito rápido.

Bastou um corte e eu fiquei viúvo de amiga...

Saí dali e fui para a rua jogar bola com os colegas. Só assim para conseguir esquecer aquele episódio tão drástico em minha vida. Fiz dois gols.

Naquele dia nefasto, almocei minha melhor amiga com macarronada. Estava muito bom!

Um vento bate em meu rosto e me retira desses devaneios da infância. Ah, a infância!!!

Outra nuvem percorre meus olhos, invadindo o jardim que um dia enfeitou minha vida de outrora. Jardim tão cheio de coisas simples. Coisas boas! Coisas pequeninas no momento, que agora são maiores do que o mundo inteiro.

O tempo voa...

Nas festas juninas, a molecada de uma rua ia visitar as fogueiras das outras ruas. Onde chegávamos,



comíamos e bebíamos à farta. Havia ternura e amizade. Todos que chegavam em nossa fogueira recebiam o mesmo tratamento. E o céu se enfeitava de luzes e de cores. A chama dos balões se misturava à chama das estrelas, e tudo virava uma grande tela mágica, que não cansávamos de olhar.

– Cai, cai, balão, aqui na minha mão...

Aos sábados pela manhã, durante alguns meses, saía com meu pai para buscar lavagem, a fim de alimentar um porco que criávamos no quintal de casa. De certa forma, ele viera preencher o vazio deixado por minha ex-amiga coberta de penas e de simpatia. Não era tão sensível e atencioso como ela, mas sabia ouvir e dar conselhos como ninguém. Sábia pessoa!

Quando a gente é criança, acredita em qualquer coisa que nos contam. Ao perguntar a meu pai se o amigo suíno teria o mesmo destino da finada galinha, ele me garantiu que não. Fiquei feliz demais! E isso me deu muito ânimo para sair e buscar lavagem na vizinhança.

Pois bem. O Natal chegou. Num sábado de manhã, levantei-me para buscar lavagem e deparei-me com meu pai invadindo o chiqueiro, com uma faca na mão!!!

– Pai!!!

Nenhuma resposta.

O chiqueiro virara um ringue. E os lutadores estavam ali, numa batalha grandiosa. Pelo vão entre as tábuas, assistia àquela nova tragédia que tomava forma. Minha torcida era para meu amigo porco escapar são e salvo.

– Pai!!!

O porco fugia de um lado a outro, enquanto meu pai xingava todos os palavrões que existiam. Coitadinha da mãe do porco! (Pensava eu.) Até que o inesperado se fez presente. Meu pai escorregou nos excrementos e caiu. Não pude resistir: desandei a rir. Meu pai ficou todo sujo. Esbravejando, saiu do chiqueiro e foi buscar uma marreta. Voltou e...

Cada vizinho que colaborou com a lavagem recebeu uma parte do pobre do porquinho.

Ceamos meu ex-amigo na noite de Natal.

O tempo voa...

O sol enfraqueceu no horizonte e no meu peito. Acho que dei uma cochilada. A cadeira não balança mais. A passarinhada começou a cantar a sinfonia em homenagem à chegada da noite. Daqui a pouco, a lua vai chegar, trazendo consigo seu olhar de prata reluzente.

Morávamos em uma edícula, com um único quarto. Durante muitos anos, meu pai trabalhou à noite. Antes de dormir, eu pulava na cama de casal, para me aninhar à quenturinha dos braços encantados de minha mãe. Conversávamos bastante. Ela me fazia rir muito! E sempre tinha uma história incrível de seus tempos de criança. Foi minha introdução à Literatura. Literatura seguida de sono e de sonhos. A história de que mais gostava era sobre sua avó, minha bisavó. Nessa história, a velhinha colocava comida em um buraco na parede e dizia às crianças que não podiam colocar a mão ali, pois um fantasma viria puxá-las para o outro mundo.

— E a senhora colocou a mão no buraco?

— Coloquei e senti a mão me puxando.

A noite chegou trazendo chuva fininha. Vou entrar, comer alguma coisa e dormir embalado pelo barulho dos pingos caindo manso no telhado.

As horas voam.

O tempo voa...



# Brincamento

Cama de gato, ferrorama  
Um se brinca nos dedos  
O outro se imagina o enredo

Cartucho, ficha, fliperama  
Ganhar e perder a tarde inteira  
De segunda a sexta-feira  
E só zerar no fim de semana

Rio, lago, cachoeira  
Pois todo menino é meio líquido  
Meio terra, bicho híbrido

Catapulta, corrupio, atiradeira  
Molecagem é tino que não espana  
Pois nem todo menino tira pestana  
Nem todo silêncio é canseira

Catar coquinho, chupar cana  
Se cai no chão, limpa, tira a borda  
O que não mata, engorda

Tapa, truco, pife, dama  
Se ganha é na ligeireza matreira  
Que cada menino emana  
Pois ele é todo jogo brincadeira



## *Nas águas do meu avô*

Janeiro, dia bom. Novembro, ano esquisito  
Em todo o fim, o início de tudo  
Fui buscar na solidão e no silêncio da memória  
momentos fugidios de coisas vividas na infância,  
insistentes ainda em mim  
Seu Joaquim Pedro estava lá,  
Abrindo as cisternas pras águas passarem.  
Cheguei à casa do meu avô, corri para abraçá-lo.  
Chegasse alguns minutos mais tarde, ele já teria partido.  
Ele não sobreviverá mais uma noite  
Que horror! Que calafrio! Que momento único!  
Um relâmpago partiu minha alma em duas metades iguais,  
da ausência, da presença  
Meu desejo era não deixá-lo ir  
Abracei-o como se fosse o último,  
o mais longo.  
Era preciso reverenciá-lo. Prolongar sua existência.  
Minha vida com ele incluía doçura,  
as trevas não eram percebidas.  
Sem ele,  
a vida me seria inteiramente não concluída  
preencher os dias vazios seria penoso  
Eu, sozinha, impopular, maltratada, julgada  
Não querendo me encaixar  
Eu sabia que viveria a sobra daquilo que  
era bom.  
O medo do abandono me afogava.  
O último respiro dele seria  
meu primeiro mergulho no desconhecido.  
Tudo parecia consolidado, restava aquela gota.  
Cantos de despedidas já eram sentidos  
nos olhos lacrimejantes dos filhos. Amigos, vizinhos  
Somente a união da espera  
Era tudo tão finito.



Ele estava morrendo, o mar marejando,  
As águas secando.  
Ele não. Ele não. Ele é tão bom.  
Tá tão cedo.  
O amor sobressaltava galopante em mim.  
Ele não. Eu o amava tanto.  
Possuía, oculto em si, o indizível.  
Mesmo nos dias mais  
frios e secos.  
De poucas águas em março,  
tinha palavras pra tudo. Alfabetizou o mundo.  
Ele queria que me descobrisse  
Sozinha  
Não fantasiada pelos contos  
Era preciso desafiar a história, o opressor desumaniza as vítimas antes de matá-las.  
Pronunciava com tanta força, demasia que suas palavras ressoavam fortes  
no oceano como tambores nos navios negreiros,  
despertando pensamentos algemados pela imposição dos maus.  
Continue, continue até que toda a história seja recontada pelas letras dos bons.  
Eu navegava sem medo  
Ele apaziguava minhas águas.  
Vovô teria adorado navegar com Martin Luther King Jr.  
Ele sabia quem era bom.  
Ele era sábio. Em grande parte autodidata,  
Em pouco tempo aprendeu as letras.  
Capaz de altos voos como um intelectual,  
Era preto  
não filósofo do ocidente.  
Benção pra preto  
Incógnita pra branco  
Restava o sonho  
Falava das Mentiras ensinadas como verdades.  
Ensine um preto a ler, nada poderá detê-lo,  
Vovô sorria alto,



mergulhando nas profundezas da liberdade.  
Eles têm a opinião de que preto é grosseiro, fala demais, é preguiçoso,  
pois sim, julgavam nosso valor  
pelos dentes,  
pelo peso,  
pelas medidas do tórax  
E todo o resto.  
Coitados.  
Tão atrasados.  
Vovô prosseguiu marchando sozinho,  
Com esperança - Um dia, isso vai acabar.  
Tropeçava, às vezes, levantava.  
Ele sabia que não é natural ficar em pé sempre.  
Não se pode contrariar a natureza, sem se curvar  
Então, regulava a cisterna pra água não desviar da rota natural  
Continuava.  
Estabeleceu-se, aconteceu,  
Banhou a terra pra gente colher.  
Deixou sementes que brotaram  
No solo fértil  
Recolheu-se em novembro....  
E os momentos de dores mais profundas da minha vida foram aqueles que mais revivi você, vovô.  
E hoje compreendo quem eu sou, uma maré subindo e descendo.  
E não uma coisa só  
E banhada pelo seu amor  
E consciente da sua presença  
E a consciência plena de que as águas que correm nas minhas veias foram abertas por você  
E todos os meus finais estão inconclusos  
E tudo ainda é possível na insistência da sua existência



# Aletheia

Após ser esclarecida sobre a morte do velho rio, viajei por segundos atrás dos tempos idos e cavei (levado por uma necessidade que não poderia ficar à margem), com unhas e dentes, a memória, em busca de navegar outra vez por aquelas águas. Fui, então, mergulhando fundo em minhas saudades, reconstituindo - como criança que eu era brincando na areia - um passado, que, como o rio à minha frente, já não me permiti atravessar com total segurança todo aquele existir.

E no fluir do meu recordar, fui obrigada a retornar das velhas lembranças ao escutar seu Paulo, antigo capataz da fazenda “Arco-Íris”, descrever tantos outros fins das “belezuras” que ali deixaram de ser. Explicava-me, debaixo do sol do meio dia, que o que não se tornou pasto, se transformou em construções requintadas, numa febre de novos condomínios, depois da descoberta que a terra era boa para a lavoura de soja, tornando-a uma das grandes áreas para o plantio do grão.

— Pois é menina Ritinha, depois disso a cidade cresceu bastante. Muitos dos antigos, à exceção de seu pai, deixaram suas terras, pois encontraram bom preço.

— Imagino - disse, abanando a cabeça em sinal de confirmação das ausências de tantos moradores. O que aconteceu com a família Moura, seu Pedro? Também venderam suas terras?

— Não, Ritinha. Eles se foram por outros motivos. A parte deles, fora a casa grande, se tornou o novo campo de pouso. Inclusive, deram um jeito de se desfazer do cemitério também, que hoje faz parte do anexo do estacionamento do aeroporto. Em nome do progresso, menina Rita, não se respeita nem o descanso dos mortos...

E assim, fui me deixando arrastar pelas palavras de seu Paulo, na tentativa fugidia de refazer meus próprios passos nos antigos caminhos e ruas de chão batido, entre o quintal e a porta que dava acesso à cozinha (em meio aos cheiros da galinha na panela e os risos de dona Isabel, cozinheira de mão cheia, que além de cuidar das coisas da casa, ainda conseguia tempo para arrumar e dar sentido à nossa família, fragmentada como os poucos sons emitidos dos corpos que ali rastejavam) na esperança de, como num filme já visto tantas vezes, reconstruir o passado mais uma vez. Na tentativa mesmo de refazer na memória, nas palavras ditas pelo “dono da casa” - como costumava dizer meu pai - a hora da minha partida.

Recordo, no alvoroço do momento, que nem precisou que ele repetisse o que dissera entre gritos, corri no mesmo instante ao quarto, arrumei o que fora possível colocar no alforje, e mal refletindo nos gestos que tomava, consegui - ainda cego de raiva e ressentido - me dirigir à minha mãe, que permanecia em seu silêncio, pois, naquela casa, a palavra sempre teve seu lugar e seu dono. E, pressentindo que aquele se tornasse nosso último olhar - e não escondendo a tristeza, lhe dei um beijo e um abraço (que apenas aqueles que se amam podem dar), procurando em seguida a saída, sem sequer olhar para trás.

E, de fato, os anos passaram e minhas recordações não dão conta de tudo que preciso lembrar. Como um rio que perde força, vou Tateando, entre imagens e sons, como em um labirinto às escuras, segurar entre os dedos, como afogado, uma lembrança qualquer, mesmo fraca, mas que se torne como raiz presa ao solo, um ponto em



que possa me apropriar, novamente, da minha história. Antes, porém, que me fosse permitido retomar os motivos das palavras ditas por meu pai, seu Paulo me devolve à rua em que residia os Moura.

Família chefiada pelo patriarca que comandava a todos com rigidez, tanto quanto como fazia meu progenitor. Era claro aos membros, desde o nascimento, o lugar em que cada um ocuparia, seja em torno da mesa, ou dos afazeres de todo dia. As relações também seguiam o mesmo princípio base: de uma hierarquia em que não havia espaço para argumentações de nenhum tipo: as meninas cuidariam das coisas da casa, numa espécie de aprendizagem de se tornarem esposas e mães, como portadoras que seriam de uma segunda natureza. Os homens, da criação dos bichos e do comércio, em um tipo de linhagem sacerdotal.

— Dona Ritinha, mire. Aqui residia os Moura, lembra? A construção imponente continua de pé – finalizou – na espera, talvez, que eu fizesse algum comentário. Mas resumi a dizer que me recordava, sim, do lugar. E em silêncio permaneci até nos aproximarmos ao lado da residência. Contudo, ao me ver apontando a máquina fotográfica para a janela abaixo das torres da casa, ele perguntou:

— Ritinha, você é retratista?

E enquanto me preparava para retomar em minha mente os registros daquela noite ao subir a escada, rememorando o chamado de Carlos para que não fizesse barulho ao adentrar seu quarto, como tantas outras vezes nos últimos verões, fui despertada da viagem pela mesma pergunta de seu Paulo, pois havia percebido minha ausência momentânea:

— Menina Rita, você trabalha como retratista, é?

— Sim.

— Tira foto de gente?

— Também, seu Paulo, respondi. E mirando seu rosto cansado de tantos anos dedicados à família, iniciei alguns cliques, talvez querendo registrar no olhar do pobre velho – resquícios da minha própria memória - e assim, fazer da sua lembrança, quem sabe, uma ponte para capturar, não a dele, mas minha própria vivência. E ao apagar algumas fotos desfocadas, fui contando a ele como me tornei fotógrafa, após abandonar o curso normal – desejo maior de meu pai.

Alguns metros à frente, ainda sentindo a brisa que atravessava a janela do velho quarto revolvendo minhas lembranças dos abraços e beijos joviais, apresentei-lhe alguns dos meus trabalhos, indicando a diferença entre luz e sombra para se obter uma imagem mais significativa do objeto. Em seguida, enquanto cruzávamos a cidade em direção à fazenda dos meus pais, fui tecendo um quadro da força que tem a imagem de guardar no tempo a alma das gentes, prendendo no espaço as essências dos instantes vividos. Ele me ouvia em sua humildade, como só pessoas simples conseguem parar e dar atenção ao que o outro diz. E, ao final da conversa, lhe presenteei com uma das máquinas que trazia de reserva. Agradeceu efusivamente e disse que não poderia aceitar. Eu o abracei e falei francamente:

— Seu Paulo, eu nunca consegui retribuir tudo que fez por mim e meus irmãos. É de coração, aceite. Nesse tempo que ficarei aqui, lhe ensino algumas técnicas, tudo bem? E se quiseres dar de presente para um de seus netos, não há problema.

— Imagina, dona Ritinha. Eu lhe agradeço muito. Não carecia de tanto. E me fazendo parar, apontou a escadaria do velho casarão, a alguns metros a minha frente, com seu escadão de madeira de lei. E falou – agora meio baixo – como a ter cometido um erro ou exagero por demonstrar certa proximidade que aquela caminhada até ali poderia mostrar ao dono da casa:



— Seu pai, Ritinha.

“Seu pai, Ritinha” – aquela frase me paralisou ali com a mesma força que me impedia de cruzar o rio nestes tantos anos. E como uma barragem que arrebenta pela força do tempo e das coisas represadas, não se tratava mais de lembrar o que passou, mas de reconhecer a figura que do alto me fitava. Não sei se com o mesmo olhar do nosso último encontro, que indignado, me fez calar; pois não desejava ouvir o que fosse, seguro de que não haveria explicação alguma que pudesse ser dada. – Não criei filha minha para que tamanha vergonha possa trazer a seus pais!”, gritava insanamente. E aquela voz ecoava por todos os cantos, revelando segredos guardados há muito; e causando estragos irreparáveis aos espíritos de quem ali habitava.

— Haverá de ter uma explicação! - disse Francisco, o mais jovem entre os rapazes, que assustado por nunca ter visto nosso pai daquela forma, se pôs entre ele e eu, na procura de me proteger de uma ação mais violenta por parte dele.

Mas me recorde e pergunto - como se hoje fosse - ao começar a subir os degraus da escadaria vinte anos depois, que violência maior se pode sofrer por parte de um pai, se não o olhar de desprezo por ser o que se é? Como suportar a palavra que diz “Fora! Não é mais minha filha!”, por ter resolvido apenas contar a verdade sobre si?

E as escadas, indiferentes às recordações dos pés que a pisavam, engoliam cada degrau e me faziam aproximar mais e mais perto daquela imagem que, a cada passo que dava, ia se revelando – apesar do medo que a mim provocara quando resolvi quebrar o silêncio e apontar as condições e abusos em que as mulheres daquela casa sofriam há anos e que até então se viam condenadas a se calarem e, por isso, a desconhecem suas histórias de vida (que pareciam, como elas próprias, estarem enterradas no poço ao fundo do quintal) – apesar de tudo, que ele nunca deixou de ser: meu pai.

Agora, olhando-o assim tão perto, o podia ver melhor, sem a mágoa que carreguei por tanto tempo me turvando o olhar. Posso, então, enquanto deixo escorregar escadaria abaixo toda a dor que nos secou - como o rio que já não existe - reconhecer que, após ter estado fora por tantos anos, nunca houve partida, mas tão somente uma busca de si mesma... Uma procura por poder fugir da pior das violências: o não direito à palavra. O não direito de se dizer mulher.

O não direito a narrar-se.

E, ao final do último degrau, vi que ele, em lágrimas, estendia os braços, e sem que fosse preciso quebrar o silêncio de todos esses anos, me abraçou (como só aqueles que se amam podem abraçar), reconhecendo, na mulher à sua frente, a filha que sempre fui e continuo sendo...

Um rio que volta à vida.



Quando criança de tudo eu me lembrava  
Dos anjos que em meus sonhos vinham  
Dos dias que ainda me sobravam

Quando adulto já nada me sobrava  
Não sobrava tempo  
Nem sonhava

Agora que tudo é memória  
Não me sobra  
nem me falta  
Sossobra  
Só sobra  
Sobra  
E a vida  
Esta linda-louca  
E fatigada



## 4113 - Gentil de Moura/Praça de República

Fazia mais de um ano e meio que eu não andava na rua. Precisava esperar os 15 dias depois da segunda dose da vacina. É aquilo: hipertensão, diabetes e essa barriga. São comorbidades cooperativas e não dá pra brincar, não é mesmo? Sim, eu sei, a barriga sempre foi um alerta seu, que na nossa idade não se deve descuidar, que pode causar problemas cardíacos, que força a coluna e coisa e tal. Esse resguardo, de qualquer forma, já faz alguns meses, mas eu não tinha pressa. Adiei a gazeteada.

Colocar a cara na rua foi, no mínimo, curioso. O sol entrando ardido nos olhos, a rua como uma terra nunca d'antes caminhada, um horizonte amplo, muito amplo, amplíssimo. Um cheirinho de liberdade. Tudo divino e maravilhoso. Pelo menos durante os primeiros segundos. Depois, o portão batendo, o motor dos carros em movimento, aquela freada brusca no semáforo e o ranger da borracha da bengala na calçada trazem a gente de volta à realidade. Era a Gal cantando essa música que soava na sua cabeça quando penduraram você no pau de arara, né? É, realmente, bonita demais, mas a gente não deixa de se divertir tirando uma onda com as respostas do Belchior pro Caetano. Afinal, a beleza do sol depende se a gente dormiu na rua ou não.

Peguei o velho trólebus, aquele projeto de transporte público entre o veículo elétrico autônomo e o bonde, e que por estar no meio do caminho não é nem uma coisa nem outra, e carrega em si o pior dos dois. Particularmente, eu adoro. O trajeto é o mesmo de sempre: sai do Ipiranga em direção à Praça da República, desce morro pros lados do Jardim da Glória, sobe morro entre a Aclimação e o Cambuci, aí, entre sair numa rua e dobrar na outra, aquele trambolho desencana do fio, o ônibus para, o cobrador desce e vai colocar as coisas no lugar sob os olhares atentos de todos os passageiros, e de um ou outro transeunte da rua, como se testemunhássemos um crime. O som do motor volta, sutil, quase inaudível, o veículo segue, a vida segue. A vida sempre segue.

Acho que foi na Bueno de Andrade, o ônibus parado no ponto, uma velha pegou piolhos do seu cabelo, segurou o inseto nos dedos em pinça e o aproximou dos olhos, o encarando como a um inimigo. De minha parte, fechei os meus, porque não quis conferir se ela o engoliria ou não. "A gente não pode transformar essas pessoas em meros elementos da paisagem", é isso que você disse desde sempre, né? Nesse trajeto não se via gente dormindo sob as marquises, pelo menos não com essa quantidade e frequência, só quando ia chegando mais perto do Centro. E se vê, agora, pelo menos uns três condomínios novos. Quarteirão inteiro, daquelas casinhas antigas, sabe, demolido. E o terreno baldio, lagarta do mercado imobiliário, aguardando o casulo do canteiro de obras. O progresso segue em ordem.

Meu plano inicial era fazer o percurso circular do trólebus e voltar. Não é momento para grandes aventuras, não é mesmo? O motorista encurtou o trajeto, alguma coisa a ver com um ato, lá pelos lados da Câmara, algo sobre aposentadoria, um bando de gente. Resolvi pular do ônibus e andei ali pelo centro velho, caminhei um pouco pela Sé. Lembra dos atos gigantes no meio daquela ditadura? Muita gente empolgada falava dos ventos da



mudança e você, só de sacanagem, mas com a sobriedade de um samurai, dizendo que as transformações eram tão inevitáveis que a própria prefeitura mandara reformar a praça, cobrindo tudo com concreto, para que não restasse nem a poeira dos *escarpins* das madames que desfilaram pela família, por deus e pela liberdade. E os mais exotéricos acreditavam. Depois do ato, de bater boca com a polícia e pensar os próximos passos, a gente ria. Bom, como você sempre lembra, o concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações.

Naquele miolo da Rua Direita vi pernas, muitas pernas, mais do que você no metrô, em 1992. Cansei-me e, lá na Praça João Mendes, peguei o trólebus de volta.

Andando a caminho de casa, percebi que ainda existe a loja de artigos meio *hippies*. São umas bolsas, umas mochilas, umas sandálias e até umas pochetes feitas de encerado de caminhão. Não sei se as lonas são de fato reaproveitadas ou apenas um fetiche sustentável, uma forma de imprimir um ar de boutique, de coisa chique. Ser *hippie* está na moda. Bem, isso é o de menos, o importante é que entre as bugigangas da loja tinha um elefante, acho que de porcelana, roxo, todo cheio de pedras brilhantes. Foi você quem desceu a rua da Consolação em cima de um paquiderme no carnaval de 62 ou 63, não foi?

Não sei, só sei que é seu aniversário, e te liguei. Ainda ano passado, a gente falou do saco que era estar preso em casa, sem nem poder bater perna pela rua. A grande diferença é que, este ano, o telefone tocou e você não atendeu. Nem poderia.



## *Era 31 em Martiniano*

Um cavalo puxando uma carroça atravessa a avenida, entra pela rua de chão batido ao lado da mureta que circunda a delegacia, levantando a poeira vermelha.

Na caçamba da carroça, as tralhas balançando ao vento e a poeira segurada pelo lenço:

— Eh ô, velho alazão!

Chegando ao chão batido, poeira ao vento e coração partido, deixando para trás um sonho iludido.

Bota as tralhas no casebre de chão batido e paredes nuas. Busque as outras, meu amigo Tião, que vou ajeitando com os meninos aqui!

Um lampião a querosene iluminou a primeira noite e outras tantas.

Ah! O almoço, a janta, o banho na bacia. O galinheiro, a horta, tramela na porta.

O início é difícil, o meio intenso, mas quem sabe o fim seja mais leve.

Era em Martiniano no 31, José, uma rua qualquer como todas aqui na rabeira.

O jogo de bola na rua do Latero, a dona que rasgava as bolas, vira 5 acaba 10.

Era em Martiniano as conversas intermináveis, as brincadeiras saudáveis e o riso solto.

— Menino entra, que o véio do saco vai te pegar!!!

Quando o asfalto chegou, com a escola Jardim Iva também chegaram os carrinhos de rolimã e os acidentes, e o pai do Carlinhos quebrando todos a machadadas, barulho dos infernos!

As paredes foram revestidas, foram coloridas, e o chão coberto pelos ladrilhos e, na laje, a pipa ficou solta.

A escola, a bola e, no lugar do campo na Inconfidência, ao lado da delegacia, uma construção, seu nome? Eduardo Carlos.

Ao lado agora do Roquette, um novo campo de futebol, que agora é arena, uma referência é o campo do Ajax.

Todos os filhos ajudando a construir foram passando as mãos, como passa o tijolo, como passa o pão, como passa o vinho, ninguém construiu sozinho.

Um dia, um coração que batia em um peito, de um grande sujeito, de repente parou, um sonho interrompido, um choro não contido: — Vá ao encontro do criador, meu irmão!

Ah! Saudade, que vontade de te matar.

Primeiro a matriarca, depois o patriarca, enfim o fim? Talvez não.

Ledo engano

Quem tem direito a mais um quinhão?

Talvez bata em meu peito um coração partido.

Quem por ali passou, posso dizer sim senhor, são bons sujeitos.



# Relatos da hora morta

Sempre que eu via a mensagem – “baseado em uma história real” – nos filmes, nas séries e nos livros, aquilo aumentava minha apreensão e medo, aguçando minha curiosidade. Afinal, aquilo significava que a história apresentada não era invenção da mente fantasiosa de um(a) roteirista ou escritor(a). O que estava sendo narrado, por mais estranho, grotesco ou assustador que possa parecer, realmente aconteceu com as pessoas envolvidas. É exatamente o que as linhas desse texto narram. Um relato sobrenatural, baseado numa história real.

A minha perturbadora experiência teve início quando assisti a um filme baseado em um fato trágico. Um autêntico exorcismo, realizado na Alemanha, na década de 1970. A terrível história de Anneliese Michel, que inspirou o filme “O Exorcismo de Emily Rose”. A circunstância apresentada no longa-metragem que me chamou a atenção e me fez passar por essa situação inusitada refere-se aos momentos que antecediam à possessão demoníaca. Quando isso acontecia, a câmera sempre focava no relógio, que mostrava em todas as ocasiões o mesmo horário: 3h. Até então, eu não tinha a menor ideia do que aquele período do dia significava. Achei que era uma situação inserida no filme apenas para sinalizar quando algo assustador iria acontecer, para causar suspense. Todavia, em conversa com o pessoal, quando saímos do cinema, descobri que havia uma intenção baseada em um fato que, até então, eu desconhecia.

A discussão continuou, e discorremos sobre em que acreditam pessoas de variadas crenças. Alguns buscando fazer um contraste com embasamentos científicos. Outros, citando estudiosos do sobrenatural, dizem que, às três horas da manhã, o véu entre os mundos é erguido, dando passagem para os demônios andarem sobre a terra, e é neste momento que as pessoas estão mais suscetíveis a sofrerem seus tormentos.

No auge da madrugada, a frequência energética das pessoas fica muito baixa. Até mesmo os batimentos cardíacos ficam alterados. Algumas pessoas no meio místico denominam o período das três às quatro horas da manhã de “Hora Morta”. Existem diversos relatos de pessoas que acordam nesse período para ir ao banheiro ou beber água e, ao passar por um espelho – conhecido por ser um portal para outro mundo – acabam vendo um vulto. Ou então, escutam vozes ou barulhos estranhos pela casa.

Depois de todas essas informações, procuramos relevar o receio que sentíamos, disfarçando-o com gracejos e zombarias. Típico dos personagens das histórias de terror. Nunca acreditam que algo de mal irá acontecer. Como espectador ou leitor, sempre me perguntava o motivo dessas pessoas não prestarem mais atenção ao que acontecia à sua volta, dando mais importância quando algo inusitado acontecia. Uma espécie de sinal do que estava por vir. Ainda assim, comportei-me de forma semelhante àqueles que sempre critiquei e, ao me despedir do grupo, insistia em dizer que todos iriam acordar naquele horário fatídico. Eu mal podia imaginar que o “tiro sairia pela culatra”, e minha história entraria para a lista de relatos da hora morta.

Sim, eu acordei de madrugada com muita sede. Assim que despertei, em meio à escuridão do meu quarto, me veio à mente o filme e a possessão que acontecia às três horas da manhã. Nesse momento, o medo me envolveu num abraço congelante, fazendo com que me arrepiasse por inteiro. Fiz uso, então, do famoso truque que nos protege de todos os males sobrenaturais à noite, quando estamos na cama, e cobri os pés e a cabeça com o cobertor. Escondido em meu “casulo”, sentia-me invisível e protegido de qualquer investida, fosse de fantasmas ou do



próprio demônio. Contudo, a sensação congelante que o arrepio de terror me trouxe logo foi substituída pelo calor que fazia embaixo da coberta. O incômodo me fez descobrir a cabeça, mas, por precaução, mantive os olhos bem fechados. Afinal, não queria ver nada assustador. Muito menos saber que horas eram.

Conforme o tempo passava, a sede aumentava. Minha boca estava seca. Algumas pessoas têm o hábito de levar um copo d'água para o quarto e deixá-lo sobre a cômoda, justamente por sentir sede durante a noite. Mas eu não tinha esse costume. Até porque nunca tinha acordado de madrugada para fazer nada. Como dizem, costumava “dormir como uma pedra”. Mas justo naquela noite, despertei com essa vontade. E outro anseio começava a me atormentar: Precisava ir ao banheiro. Diante disso, abri os olhos e me atrevi a olhar o rádio-relógio na cômoda. Para meu desespero, marcava 3h.

Tentei me convencer de que aquela angústia que sentia era descabida. De que tudo era apenas superstição, e que nada iria me acontecer por acordar naquele horário. De fato, estava quase acreditando nisso. Bastava, apenas, afugentar a escuridão e, certamente, minha coragem voltaria. Pensando nisso, me descobri, ergui meu corpo da cama e me aproximei da parede, procurando pelo interruptor. Ao pressioná-lo, nada aconteceu. As trevas insistiam em permanecer ao meu redor. E, mais uma vez, tentei ser racional e imaginei que se tratava apenas de uma lâmpada queimada. Juntei coragem e cruzei parcialmente a porta do quarto, levando uma das mãos até o interruptor da parede do corredor, que ficava ao lado. No entanto, a escuridão era insistente e desafiava as teorias que eu tentava formular para me encorajar. Afinal, uma lâmpada queimada era algo que podia ocorrer normalmente. Mas duas lâmpadas queimarem do dia para a noite? Aí já era algo mais difícil de explicar. Ainda assim, procurei me convencer que era algo possível de acontecer, ainda que pouco provável, e corri para a sala, depositando minha esperança em mais um interruptor. No entanto, nenhuma luz se fez.

Tentando me acalmar, procurei outra explicação, que não sobrenatural, para aquilo estar acontecendo. A única teoria que me restou foi que poderia se tratar de um blecaute. Procurei olhar para o lado de fora, através da vidraça que compunha a porta de madeira da sala, que dava para a rua, e percebi que estava tudo escuro. Isso me rendeu alguns segundos de alívio, que se esvaiu rapidamente, ao me lembrar de um importante detalhe. Se houve interrupção de energia elétrica na minha região, porque o meu rádio-relógio estava funcionando e marcando exatamente 3h? Sem uma resposta racional para isso e, tomado pelo desespero, corri para o quarto dos meus pais, gritando por eles, pedindo ajuda. Ao adentrar, procurei pelo interruptor e o pressionei. Mais por hábito do que por esperança que funcionasse. Todavia, para a minha surpresa, a luz do quarto deles se acendeu.

O brilho me ofuscou e, quando consegui abrir os olhos, notei que estava no meu quarto outra vez. Embaixo das cobertas, constatei que tudo aquilo fora um pesadelo. Procurei controlar a respiração, cobri-me por inteiro, formando meu casulo, e tentei voltar a dormir. No entanto, a sede e a vontade de ir ao banheiro me assaltaram da mesma forma que no sonho. E essa não seria a única coincidência. Ao me descobrir parcialmente e levantar a cabeça para poder enxergar o rádio-relógio, vi que o visor mostrava 3h. Mais uma vez, aquele horário me assombrava. E, novamente, meu medo e minha vontade travavam uma batalha.

Comecei a suar frio e, se conseguisse ver com clareza a minha mão, em meio às trevas que me envolviam, certamente a veria tremer. Àquela altura, meu sono já havia me abandonado por completo. Ao constatar que despertara no momento que muitos chamam de hora morta, só conseguia imaginar que os espíritos tinham penetrado nos meus sonhos e me despertado, unicamente, para me levar com eles através do portal para o além, ou coisa pior. Temia fortemente começar a ver vultos, ouvir vozes ou até mesmo presenciar aparições de espíritos. Como muitos relatam terem conseguido ao despertar nesse período da madrugada.



Tentei voltar a dormir, mas além do meu emocional abalado, o medo de ter outro pesadelo não me permitia, sequer, cochilar. Contudo, o que aumentava meu incômodo com o passar do tempo era a sede lancinante e a necessidade de ir ao banheiro. Por um breve momento, me passou pela cabeça me humilhar, ao molhar o meu colchão, como há muitos anos não fazia, desde minha infância. Seria bem difícil esconder algo assim dos meus pais e extremamente constrangedor explicar o que me levou a fazer aquilo. Não. Aquilo não poderia acontecer. Precisaria arrumar a coragem necessária para sair daquele quarto e ir ao banheiro. Sabia que ela, a coragem, que me desamparava quando eu mais precisava, retornaria em concomitância com a luz.

Assim como no sonho, eu me descobri, levantei-me da cama e me aproximei da parede, buscando pelo interruptor, enquanto me questionava mentalmente o que faria se aquelas cenas que acabara de sonhar se repetissem. Teria coragem de correr até o quarto dos meus pais, ou me enfiaria embaixo das cobertas, suprimindo minhas necessidades até o amanhecer? Ao toque do meu dedo, as trevas deram lugar à luz e a coragem me acenou mais uma vez. Consegui sair do quarto, saciar-me e sanar minhas necessidades. Obviamente, ligando todas as luzes por onde passava e evitando olhar para os espelhos ou qualquer superfície reflexiva. Afinal, mesmo tendo mais ânimo pelo ambiente estar, finalmente, iluminado, não queria correr o risco de ver algum reflexo que me arrastasse para os momentos de terror que vivenciei minutos antes.

Refeito, por assim dizer, voltei para o quarto. Ao passar pela sala, procurei pela rua, olhando através da vidraça. Diferente do meu pesadelo, a iluminação pública estava funcionando normalmente. Já na cama, encarei o rádio-relógio. O visor mostrava 3h23. O engraçado é que havia passado pouco mais de vinte minutos desde que despertei. Porém, a impressão que tinha era que já estava acordado havia horas. Agora, a dúvida que me consumia era se me atreveria a voltar a dormir, correndo o risco de ser afligido pelo meu inconsciente, ou permaneceria acordado, sendo atormentado pela minha imaginação.

E, falando em tormentos, lhe convido a olhar para o relógio e contar quanto tempo falta para que você, leitor, possa ter a sua experiência às 3h. Demônios e espíritos que habitam o outro lado do manto ficam à espreita, esperando o período em que o véu do mundo espiritual é erguido, abrindo passagem para que possam atravessar o portal e se encontrar com os humanos de sua escolha. É a ocasião em que a maioria das “visitas” ocorre. A hora se aproxima. Dormindo ou acordado, será possível sentir a presença do sobrenatural e fazer parte dos relatos da hora morta.



# Lugares

Vou te contar um pouquinho sobre o lugar onde nasci.

O hospital ficava aqui em São Paulo, lugar onde moro até hoje, porém essa maternidade já não existe mais. Meu pai trabalhava lá perto, depois nossos rumos mudaram, mas te conto já.

Quando lembro da casa que morei quando pequena, acho que até meus três ou quatro anos, lembro sempre de fazer calor, engraçado não me lembro de nenhum dia frio, talvez seja porque meus irmãos e eu vivíamos correndo de um lado para o outro, três fogueirinhas aladas.

Para entrar na casa, tínhamos que subir uma escada entre o portão e a porta. A única janela que ficava nesse percurso era a do meu quarto, e essa era de rota importantíssima porque todas as vezes que esquecíamos as chaves, subíamos no cangote um do outro para pular a bendita janela, e que janela, de madeira, pintada de branco, pequena, apertada, nosso portal das chaves esquecidas, salvou nossa chegada muitas vezes.

O piso da casa era de taco, quantos tropicões levaram esses tacos, nunca estavam em seus lugares, fazendo minha mãe ficar com os cabelos em pé.

Não me lembro muito do quarto dos meus pais e nem o dos meus irmãos, mas sei que eu os usava de esconderijo nas brincadeiras de esconde-esconde.

Falando em brincadeiras, era lá na casa que toda a criançada da rua se reunia, pega-pega, esconde-esconde, carrinho, videogame, bolinha de gude, inventávamos diversão de todo tipo.

Na parte de cima da casa tinha uma área, ou seja, mais uma escada, e essa nem é possível contar quantas quedas já viu acontecer, todos da família caíram, a impressão que se tinha era que para subir tinha que cair. Os degraus eram um pouco maiores do que de costume, e os pés se confundiam, o resultado? A queda!

O lugar era longe, então a família decidiu se mudar. Fomos para o centro.

Meu pai trabalhava como cabeleireiro, em cima e nos fundos do salão que alugava, resolveu montar nossa nova morada.

Era um grande galpão comercial, vizinho de uma oficina de conserto de máquinas de costura, nossa casa dava acesso a esse lugar, o que, nos fins de semana, era nosso quintal, abrigando nossas muitas brincadeiras.

Mas o melhor mesmo era o porão, que só dava acesso pelo lado da oficina, nele é que aconteciam as melhores aventuras.

Lá tinha uma escadaria enorme, ENORME! Era nela que, com grandes pedaços de papelão ou madeira, escorregávamos, fazendo nossa diversão e o teste de sanidade de meus pais.

**Mas o melhor mesmo era o porão!**

Nele não havia luz elétrica, mas nós éramos grandes desbravadores e, com velas e fósforos, íamos desvendar os mistérios de lá.



O porão rendeu muito tempo de investigação, a vela e o medo juntos, nenhum de nós tinha coragem de ir sozinho, e claro que o mais divertido era entrar no porão e apagar a vela dos outros, todo mundo saía correndo mais rápido que leopardo, fugindo dos “monstros e fantasmas” que podiam estar lá.

Nessa casa tinha o parquinho, o posto de gasolina, onde enchíamos o pneu das bicicletas, a igreja, a escola de samba, mas também a barulheira do centro, a violência, as enchentes, que não entravam em casa, mas eram aterrozantes para os adultos. Passamos ali um ano, talvez um pouco mais.

A próxima casa foi comprada, ainda não estava terminada. Em todos os momentos livres, nos juntávamos para tirar a terra do quintal, que era MUITA!

Chamávamos os parentes e fazíamos mutirão junto ao pessoal da rua para encher a laje da obra (coisa muito comum naquela época).

Claro que a construção virou um dos melhores esconderijos do esconde-esconde.

A rua era de terra, e a usávamos para fazer escorrega, nem preciso descrever a cara e o olhar da minha mãe ao ver as roupas que chegávamos em casa depois da farra.

Naquela época, havia muitos terrenos baldios que viravam campos de futebol, vôlei, área para bolinhas de gude, pipa e tudo o que quiséssemos inventar.

Na rua, éramos só eu e mais uma menina, então troquei as bonecas pelas bolinhas de gude e outras brincadeiras aventureiras.

Tinha muito cachorro, gato dos nomes mais variados, mas isso conto depois.



## Calçando livros

Era uma menina comum. Comum, mas não como as outras que ela conhecia.

Essa menina comum sendo incomum tinha a vontade de ter todos os livros que pudesse carregar e mais pilhas e pilhas deles.

Em certo dia, com o tênis já muito gasto nas caminhadas de idas e vindas da escola e da biblioteca municipal, sua mãe lhe deu dinheiro e recomendou que, antes de voltar para casa, passasse na loja para comprar um tênis novo.

E lá foi a menina olhar as vitrines de duas avenidas da cidade: uma que subia e outra que descia...

Olhou todas as vitrines. Chegou até a experimentar alguns pares de tênis, mas não tinha certeza de qual escolher. Saiu caminhando novamente e quando percebeu estava dentro de um de seus lugares favoritos: a livraria.

Ao contrário da dúvida sobre a escolha do tênis perfeito, os livros ela escolhia com a mais absoluta clareza.

Pegou um, dois, três, leu o epílogo de outro.

Então decidiu. Seu tênis, apesar de velho, ainda lhe servia muito bem e todos sabemos como é andar com um tênis surrado por aí; parece que ele abraça nossos pés.

Lá ia a menina feliz da vida carregando seu pacote de livros novos. Novinhos em folha. Com aquele perfume que só os apreciadores da leitura podem desejar. Nos pés, o mesmo tênis. Ao chegar em casa, a mãe lhe pergunta:

— Comprou o tênis, filha?

A menina sorrindo responde:

— Comprei livros, mãe.

— Mas você precisava de um tênis! Como vai sair?

E a menina respondeu:

— Não vou precisar sair, mãe. Agora eu tenho livros. A mãe sorriu e calou-se. Assim que pudesse, ela mesma compraria um tênis novo para a filha e mais livros também.



# Ancestralidade

Pensando no dia dos mortos e a carga de ancestralidade que envolve a energia deste momento, por um acaso, escutei a trilha sonora da novela Pantanal, e o pranto foi instantâneo... logo me recordei de meu avô.

Um senhor de pouca conversa, muita sinceridade, muito amor e fidelidade para com aqueles a quem este dedicava.

Lembrei de uma infância (e depois de muitos anos, reprisada a novela na televisão), lembrei de um início de vida adulta complicada. Então, me veio claramente a lembrança deste avó que me esperava, fosse a hora que fosse, em um sofá gasto e cúmplice, sob luz de penumbra, acompanhado de uma gata, que se esquentava acolhida em seus pés. Ambos me recepcionavam, quando pela porta eu entrava, suspirando cansaço (eles não dormiam enquanto eu não chegasse e esboçavam feições de alívio ao me ver entrar).

Acordei-me que cada um de nós sentava numa ponta do sofá (bem como a gata aos pés de meu ancestral) e fitava hipnotizado o curioso enredo que se apresentava à nossa frente, com nossa trilha sonora ao fundo (que, por um acaso, também era da mesma novela). Então, nos permitíamos, assim, vagar pelo envolvente conflito da ficção, numa singela cumplicidade mútua.

Senti, imediatamente, com esta memória, o gosto e o cheiro quente daquele café, que vinha subsequente ao final do episódio e também da despedida do dia, com direito a um beijo de respeito e carinho em sua testa enrugada (registro de uma vida árdua e honrosa). Ele arrastava sua perna direita num silêncio sonolento até chegar em seu quarto. Eu subia as escadas compartilhando do mesmo silêncio. A gata se revezava na escolha do quarto. Era o fim de mais um dia.

Ah, que saudade...



# O ipê rosa da minha infância

Quando olho a foto do ipê,  
enfeitado de céu azul  
acompanhado de estradinha  
e bastante esterco de vaca invisível a olho de *WhatsApp*,  
o ipê não me olha.

O ipê não olha pra mim.  
Nem ele, nem o céu azul,  
a estradinha, o esterco de vaca,  
a vaca mesma,  
e o barranco,  
e o capim,  
nenhum deles olha pra mim.

Cada pedaço desse chão de vó tatu  
olha pra quem eu fui  
e fui sendo

olha pro pedaço de pessoa  
que sem nem pensar atirou-se à terra  
à água  
à jabuticaba  
ao vento

embarçou loucamente os cabelos,  
[pra vó desembaraçar com a paciência de quem conhece o tempo]  
enraizou todo seu futuro  
na sabedoria que só tem quem amassou barro com as mãos  
pra nada.

só pra sentir o molhado da terra penetrar a pele  
invadir o ser e fazê-lo natureza de novo



sabedoria de início,  
pisar na terra e deixar-se ser árvore  
e crescer, florescer, partir em direção ao céu azul,  
sem deixar de ser chão.

como sou ainda uma menina com os pés neste barro sob este ipê?  
décadas mais tarde  
décadas mais urbana  
décadas menos tempo  
décadas mais medo  
décadas mais trabalho  
décadas mais disciplina  
décadas mais amores  
décadas mais lágrimas  
décadas mais viagens  
décadas mais países  
décadas.  
e sou ainda  
um broto do ipê rosa da minha infância.

## *Lagartixa*

A memória mora nos espaços, mas não prescinde das pessoas porque precisa da troca para manter-se viva.

A memória dá vida às pessoas que dão vida à memória que dá vida.

A memória mora na casa de vó, na cristaleira, nas palavras “alegria de viver” que nós trocamos, na louça lavada perfeita secando no sol - primeiro os copos! - mas vive mesmo no cheiro amargo-dooooce de café, no som doooce-amargo da voz que a gente sente/escuta mesmo que já não haja.

A memória dorme. E acorda pra viver diferente de novo. E de novo. E se despedaça. E de cada pedaço nascem memórias novas. Igual lagartixa.

Um pouquinho da memória que compartilhamos, o que coube, vive e se mexe aqui dentro de mim, tia. E, aliás, vai rodar comigo por aí, porque você sabe e dizia: eu tenho rodinhas nos pés.



# Memória de menino

Quando eu conversei com ele pela primeira vez foi por telefone.

A conversa poderia ter sido mera formalidade, mas não foi.

Tudo fluiu com muita leveza e fiquei feliz pela forma carinhosa com que ele falou da nossa escola. Ele já a conhecia e ela fazia parte de um passado bom de se lembrar.

Quando nos vimos pela primeira vez, era um momento formal, mas novamente ele conduziu a conversa com muita afetividade.

No dia a dia, na rotina da escola, fui percebendo que aquele homem traz para todos que o ouvem o menino que havia sido.

Sua oratória é sempre envolta de memórias que ele não teme em resgatar.

Expressa-se com muita alegria e narra as artes da meninice e alguns traumas estudantis.

Quando ele fala, seu olhar brilha e a alma se reflete.

Seja uma lembrança boa ou não, é visível que ele fala com o coração!

Mas hoje percebi o quão transparente é sua alma.

De pé, diante dos futuros acadêmicos, antes do bingo literário, o homem Adelino revelou que já foi menino e que recebeu das mãos do nosso patrono Maurício de Sousa um prêmio por um desenho vencedor de concurso.

Mais uma vez, vi o seu olhar brilhar e fiquei contente porque tive a certeza de que quem guarda na boca o sabor da infância e traz no peito as boas recordações dos anos vividos só pode ser alguém capaz de ajudar a nossa escola a crescer sempre mais!



# *Memórias de uma menina que sonhava ser professora*

Minha história teve início no dia 9 de janeiro, aos seis anos, quando aconteceu um fato terrível, que transformaria minha vida: perdi meu amado papai, que deixou muitas lembranças boas. Todos os dias, lia para mim...

Desde muito pequena, sonhava em, ser professora. Mas, com o passar dos anos, foram surgindo muitas dificuldades para estudar, minha mãe ficou só para criar eu e mais 4 irmãs um pouco mais velhas que eu, não tínhamos dinheiro para comprar os livros, e eu não podia abandonar aquele sonho.

Tomei uma decisão: lavaria roupas e faria limpeza nas casas das vizinhas em troca me comprariam os livros, o que eu não conseguisse comprar iria copiar, estava determinada! Nesta época, tinha apenas 12 anos. Todos meus coleguinhas estavam brincando na rua, mas não me importava com isso, só queria alcançar meu sonho: ser professora.

Consegui com muitas lutas concluir o ensino médio, mas minha luta não acabaria aí, pelo contrário, viriam muitas dificuldades para conseguir entrar no magistério.

Morava em Itapecerica da Serra SP, a única escola com cursos técnicos e magistério era o Porcino Rodrigues, porém a clientela em geral eram filhos dos vereadores, prefeito, diretores de escola, filhos de professores que na época tinham grande influência na sociedade local.

Dia após dia, por meses, tentei uma vaga, sem sucesso. Mas não desistia, ouvi muitas vezes: “Menina, já falei que não tem vaga!”. No dia seguinte eu voltava, e no outro dia, assim várias vezes ouvi: “Não tem vaga”. Esta resposta me fortalecia em persistir e não abandonar meu sonho. No final de janeiro, retornando da tentativa de conseguir uma vaga, resolvi não sei porquê passar na escola, encontrei meu amado professor de geografia Israel, ao conversarmos perguntou-me se já estava matriculada no magistério, pois todos os professores e colegas sabiam do meu sonho, declarava-o para quem quisesse ouvir, respondi com voz e coração entristecido: “NÃO TEM VAGA PARA MIM”.

No mesmo momento, pediu que eu esperasse, não sabia o que ia fazer, mas retornou com um envelope nas mãos lacrado, entregou e me pediu que voltasse e entregasse ao diretor da escola, não questionei, imediatamente retornei. Chegando lá, antes que dissesse qualquer coisa, foram dizendo: “- Já não disse que não tem vaga?” Com voz trêmula e baixa disse que queria falar com o diretor, perguntou o que eu queria, não ia adiantar falar com ele, foi então que mostrei o envelope e completei, “foi o professor Israel que mandou para ele”. Pegou o envelope das minhas mãos e saiu.

Fiquei aguardando por uns 15 minutos, mas parecia que o tempo não passava, eu nem sabia o que tinha escrito lá. Fiquei pensando mil e uma coisas, mas não imaginava. Até que o próprio diretor veio à recepção e chamou meu nome. “Kátia Cilene sou eu”, ele só olhou para mim e disse: “— A partir de hoje sou seu padrinho, espero que seja tudo o que o professor Israel disse que é”. Meus olhos não seguraram, comecei a chorar de alegria



e emoção, era uma mistura de tudo, estava nas nuvens. Depois de ouvir tantos dizendo: “Menina pobre, sem pai, não vai conseguir realizar seu desejo, esqueça isto”. Estava a um passo do início de um sonho que quatro anos mais tarde viraria realidade, professora Kátia Cilene, fui o orgulho de minha mãe que não sabia ler e escrever, agora eu iria ensiná-la. Após anos trabalhando com o que mais gostava, fui fazer a primeira faculdade, Pedagogia nas áreas de supervisão e administração, depois complementação pedagógica, em seguida outra faculdade de Artes, pós-graduação em arte educação, cursos e mais cursos de extensão.

Hoje sei que realizei meu sonho com êxito, não foram as dificuldades que a vida muitas vezes nos impõe que me fizeram desistir de um sonho. Lute, persista, jamais desista dos sonhos, se tiver uma montanha de dificuldades não se abale em subi-la, contorne-a e prossiga em direção ao seu sonho. A menina muito pobre órfã de pai, mãe analfabeta e lavadeira de roupas hoje é uma excelente professora, faz tudo com muito amor à profissão e às crianças, adolescentes e idosos do nosso em São Paulo. Posso dizer com todo orgulho “SOU PROFESSORA” e Coordeno o projeto AEL, que transforma tantas vidas com o cultivo, incentivo à leitura e às diversas culturas que temos no mundo.



# *Cordel minha história*

Com licença, vou contar,  
Minha história irei dizer.  
Começarei de pequena,  
Acho que isso sei fazer.  
É que estou tão envolvida,  
Não consegui me conter.

Por Laura me chamaram.  
Carinho não me faltou.  
Mas muito bravo o pai era,  
À mamãe escravizou,  
Que ao lado dele viveu,  
Até que a morte o levou.

Nossas barrigas vazias,  
A família nas Gerais,  
Pai, mãe, eu mais oito irmãos.  
Para nós não dava mais,  
São Paulo nos recebeu,  
Cidade grande demais.

E aqui nós fomos crescendo.  
O primário eu frequentava,  
Tinha problema comigo,  
E nisso, eu sempre pensava,  
É que a tal da matemática  
Na cabeça não entrava.

A vida foi caminhando.  
E fui tomando ciência,  
Eu, muito desconfiada  
Da minha própria existência  
Não ser igual a de todos:  
Me faltar inteligência.

Fiquei mocinha sem ver.  
Aos onze, fui batalhar,  
E nas casas de família  
Minha mãe fui ajudar.  
Mais tarde em uma das casas,  
Com a dona fui trabalhar.

A dona daquela casa  
Muita coisa me ensinou,  
De leitura ela entendia,  
Muitos livros me emprestou.  
Ela tocava piano,  
E um sonho em mim despertou.

O piano era impossível,  
Nada a ninguém perguntei,  
Achava que estava errada,  
Pra ninguém nada falei,  
Pra pobre pior ainda,  
E meu sonho eu sufoquei.



Continuei meus estudos,  
Aquilo era meu alento.  
E continuei trabalhando  
Para ajudar no sustento.  
Meu dinheiro pra família  
Comprar roupa e mantimento.

O ensino fundamental  
Muito rápido eu findei.  
Me inscrevi num curso técnico,  
Mas logo desencantei:  
Meus horários “batiam,”  
Por isso desanimei.

Demorei pra decidir,  
Mas um dia bem pensei,  
Com peso no coração,  
Aquele curso eu deixei.  
E assim o Ensino Médio  
Novamente eu comecei.

Algum tempo se passou,  
Então eu já com idade  
De prosseguir estudos  
E de estar na faculdade,  
Terminava o Ensino Médio  
Sem achar dificuldade.

Já mais mulher decidi  
A faculdade fazer.  
Chamei um amigo meu  
Pra juntos nos inscrever,  
Naquele vestibular  
Não passei, não pude crer.

Mas tentei no ano seguinte,  
Para Letras eu prestei,  
Já que os livros me encantavam,  
Com eles sempre sonhei.  
Mas ainda não sabia:  
Destino é certo, hoje sei.

Situação melhorou,  
Um dinheirinho guardei  
Para meus estudos pagar.  
Professora me formei  
Depois de três, quatro anos.  
Para dar aulas rumei.

Pouco tempo se passou,  
Então, bom moço por mim  
Revelou sentir amor.  
O Amazonas era sim  
Sempre antes o sonho meu,  
Projeto Rondon enfim.

Casamos em quase um ano,  
Depois de dois, eu mãe era.  
No tempo de renovar,  
Senti como a Primavera:  
Tudo floresce e renova.  
Ser mãe, outra me fizera.

E passados mais dois anos,  
Outro filho ao mundo veio,  
Dessa vez foi diferente,  
Alimentá-lo em meu seio,  
Ser a própria Primavera,  
Maior alegria, creio.



Na profissão melhorei.  
Quero ser sempre atual.  
Eu sempre fiz muitos cursos,  
Deles nunca saio igual,  
O saber não tem limite,  
Isso é que é fenomenal.

Muito tempo se passou,  
E num concurso eu passei,  
Então na PMSP  
Com alegria ingressei.  
E depois de quatro anos,  
No paraíso eu entrei.

Era a sala de leitura  
Que veio como festança,  
Foi uma oportunidade.  
Era minha esperança,  
Desde o início é verdade,  
Juntar leitura e criança.

Deus atendeu meu pedido,  
E esse presente me deu.  
Depois surgiu um projeto,  
Logo pareceu ser meu.  
E depois de muito ler,  
Meu interesse cresceu.

Suelizinha, mulher forte,  
Pensou muito na leitura,  
Dava força pra criança  
De forma muito segura,  
E pro adulto, esperança.  
Era a AEL minha procura.

O projeto foi pra escola,  
Então nele eu comecei,  
Nossa escola gostou tanto,  
Do encantamento eu provei,  
Companheiros escolheram  
Patrona que apresentei.

Teve festa, teve tudo,  
E toda gente intrigada,  
Muita alegria e coragem  
Com a nossa AEL fundada.  
Hoje ainda reafirmo:  
Me sinto realizada.

Muita história ainda tem,  
Mas outro cordel convém.  
Esse vai ficando grande,  
E muita história ainda tem.  
Por isso me despeço  
Com esses versos de bem.



# Luck

É meu querido Lú, eu tive a sorte de te conhecer  
Na verdade eu fui escolhido, para cuidar, amar e te ver crescer  
A saudade tem ressoado como um sino e me culpa daquilo que não consegui fazer  
Mas o tempo é implacável, e eu, no fundo, já sabia que, um dia, isso iria acontecer  
O que não sabia, é que iria doer tanto  
O que vivi, senti, e aprendi é muito maior, e não cabe no que vou escrever  
Mas as palavras postas no papel, talvez, me façam superar e quem sabe me lembrar com alegria aquilo que um dia não me fazia sofrer  
Por enquanto, as memórias doem, machucam, por saber que não está mais aqui, saber que nunca mais vou poder te beijar e nem sentir você me lambar  
Se eu fosse representar o amor mais puro em uma imagem, eram os seus olhinhos que eu iria escolher  
Um olhar sincero, amável, dócil e tão fácil de entender  
É meu amigo, esse foi o primeiro aniversário que passei sem sua presença, ganhei um quadro seu, feito com todo carinho, mas aquele espacinho no meu colo só você podia preencher  
Eu não precisava sequer demonstrar o que através de um olhar todos podiam ver  
O melhor cachorro do mundo, meu Lulu, eu decidi colocar aqui aquilo que por milhões de vezes eu repeti e, mesmo sem entender, sentia minha alegria e o tamanho do amor que eu tenho por você



# Estações do tempo

Ah, o tempo!!!

Amigo da criança e do jovem.

Perseguido pelo adulto.

Disputado pelo idoso.

Úmido amanhecer... Chuva fininha, prenúncio de frio e, debaixo das cobertas, desejo de ficar. Dia de prova na escola. Só queria provar que não desejava ir. Queria sonhar.

Blusas, mais blusas, meia-calça, meias e mais meias. Em casa, tarefas: de escola e de rotinas domésticas.

Tortura na hora do banho: latinhas com álcool e fogo para aquecer. Elemento transformador, peles arrepiadas. Sopa quentinha no jantar e sono enrolado em toalhas de banho.

Despertar de tenro verde, entre botões em flor, florescer. Passeios, visitas familiares, possibilidades em jardins, piqueniques, músicas, danças. Sensibilidade à flor da pele na pele visível e não mais arrepiada.

Brincadeiras no quintal de terra, aterradas de poeira. Cachorro correndo, caracol e amarelinha desenhados com tocos de tijolos, corda estalando no chão, foguinho, batalhão-lhão-lhão...

No chuveiro... a poeira do dia escoo pelo ralo. Era saudável brincar nas ruas, explorando espaços, aperfeiçoando brincadeiras junto aos primos, irmãos e vizinhos.

Árvores desnudando-se... Folhas secando, tons terrosos a pousar no solo atapetado. Recolhimento. Será que Selma e Sandra também estão assim?

Reflexões levadas e trazidas pelo vento em folhas secas, sonoras, lapidantes. Árvore ancestral que enraíza, que frutifica. Folha, fruto, casca, galhos que tocam o chão e que se estendem ao céu. Estou resguardada para nova florada.

Calor, sol, mar, revoada de siriris brincando no abajur, pernilongos insistentes, peles avermelhadas, noites barulhentas, sonhos a sorrir em pedaladas, caminhadas, escaladas, jogos, campeonatos.

Sou sorriso e comunhão com todas as estações.

Pedro, onde está você?

Percorremos a estrada colorida do arco-íris e não sabemos onde vai dar.



# *Minha vida de marujo*

Num balaio junto aos peixes fui deixado  
Num cais de um velho porto qualquer  
Encontrado por marujos fui criado  
Aprendendo as habilidades que a profissão requer  
Já amei o mar e seus vendavais  
Hoje, o que vem na rede me encanta mais.  
Pois o canto da sereia não me traz nenhum proveito  
Mas da rede eu consigo meu sustento  
Não que o mar tenha perdido sua beleza e seu fascínio  
Pois sou um velho marinheiro a navegar  
Já me alegrei com o pôr do Sol  
E as estrelas surgindo bem devagar  
Já enfrentei as calmarias e tempestades  
Eu já vi mares revoltos  
Fui até os quatro cantos  
À procura de um amor  
Hoje busco um remanso  
Onde eu cure minha ferida  
E descanse nesta vida  
Já que o amor não me quis  
O que importa é ser feliz



# Mnemosine e o presente da memória

Era uma vez, há muito tempo. Não, não. Vamos de novo. Em uma terra muito distante, onde todos os caminhos que levam até lá já haviam sido esquecidos, uma mulher se lembrou. Nesse tempo distante, a memória não existia. Foi então inventada pela tal mulher que havia se lembrado.

"O que há para se lembrar quando tudo foi esquecido?", você pode perguntar.

"Nossa história começa aí", direi eu.

A mulher queria ser imortal e qual outra forma de se immortalizar se não pela memória?

Assim, Mnemosine criou a linguagem. Essa capacidade rara entre os seres de nomear os objetos, os sentimentos e o que nos passa. Sendo dona da linguagem, Mnemosine poderia percorrer qualquer espécie de tempo através da linguagem da memória.

A história da deusa Mnemosine é uma daquelas explicações mitológicas em que os gregos antigos se apanhavam para entender os fenômenos da vida. Hoje explicamos as coisas do mundo com outros nomes. Mas se eu pudesse invocar a deusa da memória lhe faria uma série de perguntas. A primeira, por que me foi dada tão pouca memória para guardar os nomes dos meus alunos? Em seguida, perguntaria, há mal em inventar memórias? Não para torná-las mentiras maléficas, mas para dar acabamento entre a ponte do passado e a do presente.

Explico:

Gosto de lembrar do tempo em que a mãe de minha mãe, sendo a boa costureira que era, passava o domingo de manhã costurando roupinhas para as minhas bonecas. Com paciência e precisão, ela me ensinava a alinhar forros, a bordar estampas e a dar acabamentos às pecinhas de roupas coloridas que se empilhavam ao lado das bonecas. Durante a tarde, fazíamos o chá das bonecas, todas elas vestindo os seus novos trajes, dos mais simples feitos de chita aos mais elegantes de paetê e renda. O chá na verdade era café com leite servido na louça especial de porcelana e acompanhado de pães de queijo que derretiam em nossa boca. A casa se enchia de sabores e cores, e nós repletas de alegria.

Acontece que essa memória nunca existiu, pois minha avó morreu muito antes do meu nascimento. Imaginar memórias foi então a maneira que encontrei para ornamentar o caminho entre o passado e o presente. Fundamentar em alguns trechos da ponte da vida a sustentação da identidade, da dignidade.

O que pensaria Mnemosine, a deusa da memória, sobre a invenção de lembranças? Memória fabulada cabe em livros de memória? Lembrar-me das lembranças criadas eleva o poder de imortalidade de Mnemosine?

E minha avó, criava memórias de imaginação sobre mim?

Era uma vez uma deusa, que deu a avó e a sua neta a possibilidade da memória.



# Reminiscências

Corria o ano de 1977...

Eu tinha cerca de dez anos. Uma família mudou-se para uma casa quase em frente à minha. A família era formada por seis pessoas. A Roseli mãe, a Roseli filha (um ano a menos que eu, mas estudávamos na mesma sala e nos dávamos muito bem), o Vicente pai, o Vicentinho (um ano mais novo que a Roseli filha), uma bebê e uma outra menina, mais nova que o Vicentinho. Vou chamá-la de Menina Sem Nome, porque nunca soube seu nome nem a vi falando com alguém.

Meu estranhamento começou nos momentos em que eu brincava na rua curta e sem saída em que morava. Eu corria para lá e para cá e, quando passava em frente àquela casa, via a Menina Sem Nome varrendo o quintal. Sempre no espaço da casa, nunca na calçada, e sempre com o portão de grades fechado. Sua expressão, sempre tristonha, me comovia. E a maneira como ela varria, também me incomodava. Era um fazer monótono, sem vontade, sem sentido.

Uma tarde, fomos convidadas a tomar um chá na casa dessa vizinha. Ah, que maravilha, comer bolo de laranja, o meu preferido, e ouvir a conversa dos mais velhos; porque nós, crianças, pouco ou nada falávamos. Como eu e a Roseli filha éramos colegas de turma, fiquei encantada com a notícia.

Chegamos e fomos para a sala. Lá, a chaleira fumegante, recém-tirada do fogão; o bolo recém-cortado. Tudo na mesa de centro. As nossas mães dando muita risada. A Roseli mãe com a bebê no colo, a Roseli filha, minha mãe e eu. Todos no sofá. O Vicente, o pai, trabalhando e o Vicentinho provavelmente brincando na rua.

Quando olhei para a cozinha, vi, parada junto ao batente da porta, a Menina Sem Nome, com um prato na mão. Ela enxugava a louça. O pano de prato sendo passado, vagarosamente e sem vontade, na louça. Na minha cabeça de criança, uma dúvida pairava no ar: por que ela não está aqui junto conosco tomando chá e comendo bolo?

Eu olhava para os rostos sorridentes. Eram expressões opostas das que eu via naquele rostinho triste. Nele havia um olhar tão expressivo..., mas nenhuma palavra, nenhuma sílaba. Aquela criança, mais nova do que eu, ficava ali na cozinha, passivamente. Mas, ao mesmo tempo, ela me olhava de um jeito! Não sei explicar, mas aquilo me incomodava. Parecia que ela gritava sem palavras. Parecia que eu estava usurpando o seu lugar. Minha vontade era gritar para todos que alguma coisa estava errada. Aquela menina precisava estar ali, junto conosco, no sofá. Não podia ficar na cozinha, lavando a louça. Mas cadê a coragem? Criança não fazia pergunta indiscreta e eu sabia disso.

O chá esfriou na xícara; o bolo cresceu na boca, difícil de engolir. Fiquei sem ação diante dessa situação inesperada. Parecia que eu vivia uma realidade paralela, pois eu notava essa menina e tinha a impressão de que ela era invisível para as outras pessoas da sala, inclusive para minha mãe, que sempre fora tão solidária com todos. O que parecia uma tarde alegre, tornou-se sombria e triste. Por muito tempo, aquela imagem esteve latejando na minha cabeça. O que tinha acontecido naquela tarde? Eu simplesmente não entendia. Aqueles olhinhos tristes e expressivos olharam para mim por tanto tempo...

Essa família ficou nessa casa alugada cerca de um ano. Depois desse tempo, eles foram embora, certamente para outra casa alugada. Com a mudança, os acontecimentos daquela tarde foram sumindo dos meus pensamentos até ficarem totalmente esquecidos. E o tempo foi passando, os anos avançaram céleres.



Cerca de uns trinta anos depois, me vejo, professora concursada, com larga experiência na educação de jovens. Resolvo me remover para uma escola bilíngue para surdos. Corria o ano de 2010. Ao chegar na nova escola, muitos me perguntaram se eu tinha surdos na família ou se tinha tido contato com pessoas surdas ao longo da vida. Eu era franca em responder: não, nunca tinha tido contato com pessoas surdas na minha vida. Não tinha sido aquela experiência que me levara ali.

Como foi difícil o início desse trabalho. Ensinar para surdos envolvia muita coisa. Conhecimentos sobre cultura e aprendizagem de uma segunda língua. Desafios que não são contemplados em um curso de pós-graduação. A teoria era muito diferente da prática. Só a convivência diária foi descortinando uma realidade que, às vezes, chegava a ser cruel.

Cada dia era um perrengue. A adaptação ao novo local de trabalho, por discentes e docentes. O problema da comunicação. As coisas que não te contam, a falta de acolhimento inicial. Mas, aos trancos e barrancos, fui avançando, tentando construir uma ponte.

Já fazia um semestre que eu vivia essa nova realidade. Trabalhava no período da manhã e passava a tarde estudando e produzindo material para as aulas seguintes. Minha proficiência na Língua Brasileira de Sinais era insuficiente para tantas demandas. Uma tarde, estando um tanto cansada e bastante desmotivada, resolvi assistir televisão. Assistir a um filme para desanuviar a cabeça. E lá vieram tantos pensamentos.

De repente... dei um salto do sofá. Aquela tarde voltou com uma força imensa. Tive um *insight* e gritei:

ELA ERA SURDA!!!

Foi preciso um período de mais de três décadas para que eu conseguisse compreender o que tinha acontecido naquela tarde. Será que ter conhecido a Menina Sem Nome tinha, de alguma forma, traçado o meu destino?

Ela era surda em uma família ouvinte, em um período sem acessibilidade, pois a lei que reconhece a Libras como meio de comunicação só ocorreu em 2002. Ela era uma surda não oralizada. Hoje ainda muitas pessoas chamam esses indivíduos de surdos-mudos, conceito completamente equivocado. Porque os surdos não são mudos. Há surdos oralizados e surdos não oralizados.

Ah, menininha sem nome, como eu a vejo no rostinho dos meus alunos hoje. Quantas histórias você deixou de conhecer, quantas conversas ficaram apenas na sua cabecinha, sem você poder exteriorizar. Mas seus olhinhos sempre falaram. Como eram expressivos! Naquela tarde, eu senti toda a sua angústia. Eles me contaram coisas que talvez sua família nunca tenha percebido.

Hoje você é uma mulher de mais de quarenta anos. Será que você frequentou a escola? E, se frequentou, tinha algum tipo de acessibilidade? Ou, na escola, tinha o mesmo comportamento daquela garotinha que eu via varrendo o quintal ou lavando a louça naquela tarde fatídica?

O tempo passou, eu fui para o magistério. A acessibilidade para surdos melhorou, mas ainda falta tanta coisa!

No meu passo de formiguinha, tenho tentado, junto com outros tantos, mudar essa história. Mas, às vezes, ainda me pergunto. Por onde você andarás, Menina Sem Nome? Eu não fui capaz de mudar a sua história. Entretanto, deixo como legado uma tentativa de mudar muitas outras histórias. Histórias de crianças surdas como você. Mas hoje, elas não precisam ser crianças sem nome, porque possuem um sinal. Sinal que as caracteriza como indivíduos na comunidade surda. Sinal que os surdos usam do mesmo jeito que nós usamos nosso nome, para nos diferenciar das demais pessoas. Esse sinal faz parte do vocabulário ou sinalário, como chamamos, usados nas conversas, nas piadas, nos poemas e nas histórias; nessa língua maravilhosa que é a Língua Brasileira de Sinais.



## O cheiro do café

O cheiro do café, ao fundo o som do rádio, abro um olho bem devagar e vejo o vulto do meu avô na janela, ao seu lado o companheiro de todas as manhãs ecoa: "— Gil Gomes lhes diz... bom dia!"

Viro para o outro lado, tento dormir mais um pouco, só mais um pouquinho, mas aquele cheirinho de café invade o quarto, e o caso policial que está sendo narrado no rádio começa a me chamar a atenção. Quem estaria em perigo? Teria morrido? O que teria acontecido?

Efeitos sonoros e a própria voz do jornalista não me deixavam dormir e muito menos sair daquele quarto por mais tétrico que pudesse parecer.

Era uma narrativa tão bem articulada, ritmada e dramatizada, que envolvia o ouvinte a ponto de não conseguir desligar o rádio antes de saber qual o desfecho da história.

O caso vai se prolongando, e o radialista repete várias vezes o nome da vítima (suposta ainda): "— João! João!... João era um jovem, um jovem trabalhador..."

E assim seguia, contando a história de uma vida, a história de alguma família, a história que de alguma forma não teria um final feliz e que hoje em dia até me arrisco a dizer que algumas lembravam romances de Nelson Rodrigues.

Finalmente, acabou a história, não me recordo o fim, levantei, tomei o cafezinho delicioso que só a minha avó sabia fazer, me troquei e fui para a praia. Afinal de contas, era o primeiro dia das minhas férias de verão.

Nos dias que se seguiram, assim que sentia o cheirinho do café da Dona Dolores, já pulava da cama e ficava ao lado do meu avô Toninho na janela, entre nós o companheiro das manhãs: o rádio e a voz que dizia: "— Gil Gomes lhes diz : bom dia!"



# Diálogos da memória

No Parque Hipocampo, um encontro nada casual de personagens que se esforçam muito para coexistirem.

- Oi, lembra de mim?
- Olá, não... não me lembro quem é você.
- Novidade, você se esquece de todos.
- Engana-se, não me esqueço do que é importante.
- Lembro-me de todos: nome, sobrenome, data de nascimento,
- Esqueça, são tantas coisas para pensar!
- Ah, também tem fotografias, objetos, músicas, cheiros; tudo me faz lembrar algo!
- São tantas coisas, nem sei onde as coloco, vivo esquecendo onde deixei cada uma.
- Lembrar é viver!
- Esquecer é sobreviver.
- As lembranças nos fortalecem.
- Mas o esquecimento pode nos salvar.
- Isso soa como desculpas! Apagar todas as suas lembranças te torna vazio!
- Não é assim, só esqueço aquilo que é banal.
- E todos os momentos felizes? Até os mais simples são importantes, lembrar me faz recomeçar.
- Tolice, triste é não esquecer aquilo que me deixa infeliz.
- Mas eu também lembro das minhas dores e cicatrizes, elas me ensinam. Consegue se lembrar de si mesmo, pelo menos?
  - Claro que não esqueço de mim. Vivo cada instante do meu presente, diferente de você, que se apega ao passado. Bem, já é minha hora, tenho que ir, até mais.
  - Ei Esquecimento, para onde vai? Na próxima, tente não se esquecer de mim!
  - Ah, Lembrança, isso não prometo... mas posso dizer que vou para um lugar onde um dia você vai querer estar.



# Memórias da mãe

Era a formatura da antiga 4ª série. Mesmo tendo uma família tão grande, apenas sua mãe a acompanhara. Antes tivesse ido só, pensou mais tarde. Todos os colegas reunidos. Estava contente, um novo ciclo teria início: não frequentaria mais a escola do bairro, e sim uma maior, no Centro. Pela primeira vez, frequentaria uma escola com uma biblioteca.

Havia ensaiado “Pais e Filhos” por semanas. A letra sempre esteve na ponta da língua, era fã da Legião Urbana. Finda a cerimônia, uma coleguinha a chamou para registrar aquele momento singular. A mãe esbravejou em alto e bom tom “— Que tirar foto o quê, menina? Nós num temo dinheiro!”.

O garoto de quem gostava ouviu e riu. Sentiu vontade de desaparecer naquele instante. Decidiu nunca mais pedir para a mãe acompanhá-la em quaisquer eventos.

A distância de fato impossibilitou a presença da mãe em muitos momentos de sua vida. Agora, só sentia saudades da mãe reclamando do preço da foto.



## *De avós e netas, uma história para esquecer...*

Dizem que avós são mães açucaradas, mães duas vezes, carinho sem limites ou mimos sem fim...

Já se passaram quase dezessete anos e não sinto saudades dela...

O nascimento de uma criança deveria ser algo mais isento de laços e convenções sociais. Será que a decisão dos padrinhos de uma criança não deveria ser uma escolha dela própria? No meu caso, não foi. Tive um bom padrinho, melhor impossível, mas uma madrinha sofrível.

Quando nasci, minha mãe era recém-casada, muito jovem e facilmente suscetível às opiniões alheias. Escolheu como meus padrinhos meus avós maternos que já moravam conosco. Cresci sem conseguir diferenciar padrinhos e avós, mas com facilidade de discernir o amável e o gentil da crueldade.

Meu avô me ensinou muito: desde meu gosto musical até algum posicionamento social e político. Também me ensinou a olhar as plantas e os animais com um olhar de irmãos, não de seres distantes de mim. Mas ele me deixou cedo demais. Eu tinha apenas oito anos quando me despedi dele para sempre. Era um homem sem rebuscamentos sociais, mas alma nobre e gentil. Ele se foi, mas deixou conosco sua esposa, minha avó.

Em geral, as avós costumam ser tão doces e delicadas quanto um suspiro recém-saído do forno. Mas minha avó, não. Ela era dura e fria como uma pedra de gelo egressa do congelador de uma casa acolhedora.

Nossa família não era tipicamente nacional. Meu avô era descendente de espanhóis, o que justifica sua objetividade diante da vida. Mas ele era generoso demais para ser simplesmente objetivo. Ela não. Ela sempre foi dura, de falas violentas e atitudes sempre pautadas em seus próprios interesses. Minha avó só amenizava a voz e despejava nela açúcar quando falava com outras pessoas, externas à nossa casa, mas nunca para nós, os dela, seus descendentes.

Com o falecimento do marido, minha avó passou a morar efetivamente conosco, dormia no mesmo quarto que eu, inclusive. Foi a partir daí que qualquer possibilidade de sossego se foi para sempre. Ela perturbava todos, em especial a mim. Reclamava de qualquer coisa. Dizia que quando eu crescesse, minha casa seria tão suja que criaria onças.

Eu sempre quis ter cabelos longos e os deixava crescer. Minha avó sempre me ameaçava de cortá-los ao longo da noite, enquanto eu dormia. Será que isso é um afeto de avó e eu não soube reconhecer? A partir de então, criei um hábito que cultivo até hoje: dormir de cabelos presos. Não consigo dormir de cabelo solto em hipótese alguma.

Os anos foram se passando e ela não mudou em nada, ou menos, só reforçou seus hábitos de sempre: valorizar e tratar com afeto e urbanidade os de fora e com paus e pedras os de casa. Para ela, meu irmão seria um vagabundo quando adulto e eu, provavelmente, uma vagabunda qualquer.

Eu custei a namorar, só o fiz, após os 18 anos de idade. Isso se deu por circunstâncias da vida, não por medo ou qualquer receio de julgamentos de outrem.

Meu primeiro namorado era negro retinto, muito lindo e vistoso. Minha família o recebeu com alegria,



pois ele era muito divertido e jovial, além de excelente pessoa. Para minha avó, com sua comum feição de contrariedade, pouco dialogou com ele, já que era negro. Não sei se o problema era a cor. Creio que qualquer pessoa que se aproximasse de nós jamais serviria, já que não tínhamos valor algum, então, os que a nós se chegassem, também não teriam.

O passar dos anos levou da minha avó a memória. Lentamente ela foi se esquecendo de objetos, depois de fatos e, por fim, de pessoas. Houve um tempo em que ela olhava para mim e acreditava que eu era minha mãe, quando mais jovem. Talvez fosse confusão mental mesmo, já que todos diziam que eu sempre fui uma cópia da minha amada mãe.

A doença degenerou seu cérebro e seu corpo. Ela foi perdendo o viço, a agilidade e a vontade de viver com o caminhar ágil da doença. O Mal de Alzheimer, pouco conhecido à época, sugeria o uso de medicações que tentavam garantir calma, mas, para ela, não funcionavam.

Ela ficou acamada. Durante o dia parecia mais calma e, à noite, agitava-se completamente. Já não conseguíamos dormir com a agitação dela. Adoecemos todos juntos. Uma família com alguém enfermo adoce conjuntamente.

Vi minha mãe, que fora tão maltratada também durante toda a vida, devotando todos os seus esforços a ela. Não havia mesmo o que fazer. Era preciso cuidar dela. Ao cabo de alguns anos de problemas contínuos e meses de estado vegetativo na cama, ela se foi.

A morte em casa é algo deveras doloroso, pois deixa memórias que tardam a se desvanecer. Ela morreu na cama que dormia, ao meu lado.

O óbito foi atestado pelo médico que a acompanhava há anos. Eu a vesti pela última vez e para sempre. Minha mãe tinha receio de que minha mente ficasse completamente impressionada pela imagem de vestir uma defunta. Vesti-a como faria a qualquer fase da vida e depois me esqueci do fato e dela.

Não fui vê-la no velório. Marquei presença, mas não entrei na sala, não vi o esquife e não acompanhei a baixada à sepultura. Isso tudo deve ficar para os que se agradam desses rituais, mas não me correspondia mais. Fiz o que esperavam de mim e nada mais.

Hoje já se passaram alguns anos e minha lembrança dela é apenas uma passagem pela minha vida. Não cultivo dores, nem alegrias. Dores porque foram muitas e elas não compensam para a vida. Alegrias porque não as tive com ela.

Eu fui criada com uma avó, mas não por uma avó. A vida me agraciou com a melhor mãe que seria possível, uma mulher doce, gentil e muito enérgica, mas me devotou também uma avó cruel para que eu aprendesse que nem todas as pessoas são iguais e que precisamos conviver com todas, tirando dessa vivência o que há de melhor: o aprendizado.

Vinte anos se passaram e eu não sinto nenhuma saudade...



## Baratas na Parede

Voltávamos para nossas casas como fazíamos todos os dias de segunda à sexta-feira após as aulas da graduação em matemática. Era eu e minha namorada Carla. Estávamos no terceiro ano e fazíamos parte de turmas diferentes, e após uma reorganização ao término do segundo ano, viramos colegas de classe. Sem nos apresentarmos ainda, uma amiga em comum fez essa honra e, dessa forma, pudemos começar uma amizade.

Havia uma razão prática para essa amiga nos aproximar. Acontece que ela se preocupava com o fato de Carla caminhar sozinha, a pé, até sua residência, todos os dias após às 22h30. Não era uma distância muito grande, cerca de 800m da universidade até a sua moradia. Entretanto, na cidade de São Paulo, os perigos se escondem em cada esquina, em cada curva ou nos inesperados muros da metrópole onde seres asquerosos se movimentam e também se escondem na espera do momento oportuno para agir em seu benefício próprio.

Por coincidência ou pelo destino, seriam coisas de nossas vidas? Talvez fossem anjos ou cupidos esculpindo corações desocupados. Bem, a verdade é que nossa amiga, ou seria um anjo disfarçado? Essa amiga conversou comigo e descobrimos que o trajeto que eu fazia, também a pé, pois eu não tinha carro, nos primeiros 500m era o mesmo da Carla. Ao final do percurso, a geografia nos separava nas bifurcações da vida de tal forma que cada um seguia o seu rumo.

Foi assim que iniciamos os primeiros diálogos em uma nova fase de nossas vidas. Era uma pequena caminhada, um percurso de poucos minutos, mas uma jornada repleta de novidades. Eu passei a fazer companhia para Carla, bem isso era o que ela achava, na minha cabeça era ela quem me acompanhava e deixava meu fim noite mais alegre. Era um diálogo acolhedor e algo muito desprezioso, porém algo mais ocorria...

Ocorria que algo mais acontecia. Carla tinha um corte de cabelo curto e com fios loiros, isso tornava impossível não sentir-se atraído pela sua beleza. Seus olhos eram castanhos muito claros, quase transparentes, pelos quais era possível ver dentro de sua alma. Mas eu só descobri esses detalhes em seus olhos através de luzes não ofuscantes algum tempo depois de nos conhecermos. Era um castanho tão belo que não condizia com a música da Legião Urbana, Tempo Perdido, "A tempestade que chega é da cor dos teus olhos..."

Tempestade de alegria, tempestade de mudanças. Após alguns dias de aulas e os retornos para casa... bem, rolou o primeiro beijo. Daqueles de arrepiar e não mais esquecer. Não esqueço. Não quero esquecer mesmo com os outros amores e desamores que ocorreram nos anos vindouros. Após o primeiro beijo, houve um desejo imenso de estar presente. Um abraço, alguns passos e muitos outros beijos. Carinhos com afeto, atenção e companheirismo. Tudo de bom acontece quando há amor.

Muito bem caro leitor, você deve estar se perguntando o que isso tudo tem a ver com a barata na parede? Vamos lá encurtar e concluir a história, pois ela estava tomando outro rumo, afinal estamos falando de baratas e não de romance.

Certa noite, quando voltávamos para casa, no meio do caminho, havia um trecho bem iluminado na rua e um muro bem comprido. Eu ri e brinquei, pois havia não uma, ou duas, mas três baratas na parede. Aqueles insetos de corpo esbelto com suas antenas analisadoras estavam como que a observar os transeuntes e escutar suas conversas com interesses misteriosos. Bichos a postos, cada um no seu canto, como que prontos para uma investida.



Normalmente, barata se esconde quando percebe que está sendo ameaçada, mas, nesse caso, elas estavam tentando nos intimidar com suas antenas em movimento ritmado, para cima, para baixo, para um lado e para o outro.

Eu sempre fui apaixonado e admirador dos artrópodes, até das baratas, menos as voadoras claro, pois aí a coragem voa junto e vai embora para bem longe, onde nem o pensamento alcança. Se isso ocorria, de ver barata voadora, eu me via correndo e assustado, procurando proteção. É aterrorizante ficar sem saber se o bicho foi embora, está em outro canto, atrás de um móvel ou pior, muito pior, se ele se pendurou em nossas costas, nossas pernas ou cabeça. E você? Teria coragem de enfrentar calmamente uma barata pendurada em suas pernas? Duvido.

Bom, eu achei graça daquelas três baratas ali paradas, sem fazer nenhuma ação de quem pretende alçar voo. Porém, o fato é que minha namorada não riu, não achou graça, não esboçou reação. Não gritou, não falou ou reclamou. Queria que naquele segundo ela gritasse comigo, me xingasse, mas não houve nenhuma reação seja de alegria ou de pavor. Ela estava paralisada, parecia uma pessoa catatônica sem saber quem era ou o que estava fazendo ali naquele momento.

A verdade é que Carla tinha fobia por baratas e mesmo sendo uma mulher forte e corajosa não conseguiu reagir. Abracei-a mais forte e com delicadeza, percebi que havia um problema ocorrendo. Rapidamente, procurei me afastar daquela parede. Dei alguns selinhos em seus lábios, beijei suas bochechas que eu tanto admirava, mas não havia reação. Senti-me um namorado sem namorada.

Passou-se muito tempo, cerca de 30 minutos, até que Carla voltasse a falar comigo. Não que ela estivesse com raiva da minha atitude inicial, do riso que dei, ou que tivéssemos brigado. Era devido ao medo, era pelo pavor de ver aqueles animais tão horripilantes vindos do esgoto sujo. Insetos escrotos que se alimentam dos restos de dejetos. Criaturas vil, podres e nojentas que deveriam ser exterminadas. Esse era o sentimento de Carla para com esses insetos, um sentimento muito diferente do meu.

Felizmente, os opostos se atraem, atraídos estávamos, felizes éramos, sem paredes entre nós, éramos um para o outro.



# Pedrada

Pedrada que é a palavra  
Aponta pra perto, empina, processa  
Na cabeça da gente vira verso  
Faz um rebuliço, se esgarça  
Contraí e pula num salto  
O lápis corre e percorre  
Atrás das letras sou forte  
O canto das palavras não vai me seduzir  
Ou vai e como vai  
Sou mais forte ainda  
Afinal, tudo que tenho, encarnado em mim  
Meu passado, memória sem fim  
Cabe tudo no meu corpo  
Existência aqui e ali

A palavra insiste, provoca  
Planta, poderosa, pacífica  
persistentemente pérfida  
Vai e vence, vence a batalha,  
Conquista medalhas  
Expande e corre, de novo  
Explode, exprime, dá voz  
Aos gritos de revoltas  
Aos gritos de histórias  
Aos gritos de amor  
Lá vai ela, sempre ela  
Inventando novidades  
Revelando crueldades  
Quero um mundo digno, bem melhor  
Por que não posso pegar meus pensamentos e apontar  
pro infinito?

Ah, pode sim...  
Porque as palavras, poderosas, são livres!  
E permanecem... Marielle presente!



## O começo de tudo

Era uma tarde de maio, no frescor do outono, no Sul do Brasil. Chega em minha casa uma caixa com compras da venda de secos e molhados do Seu Dirceu, era este o nome de uma espécie de mercado. Nela havia uma palavra com letras grandes, que me chamou a atenção, já que não tínhamos livros, tudo que chegava em casa e tivesse palavras escritas, eu iria rápido pegar para treinar minha leitura. Aquilo que eu não entendia de jeito nenhum, corria para perguntar a minha mãe que era a única pessoa com a qual eu convivia, que sabia ler, além da professora. Minha mãe, apesar de não ter terminado a segunda série, sempre sabia de muitos assuntos! E tive o privilégio de, com sua ajuda, aprender a ler e escrever muito rápido, logo nos primeiros meses de aula. No entanto, desta vez, ela não soube me responder e disse que eu fazia muitas perguntas e ela não sabia de tudo.

Todos os dias, quando chegávamos na escola, fazíamos filas para entrar, por série e ordem de tamanho, pois a sala era multisseriada, tinha desde o 1º ao 4º ano. Duas fileiras de 1º, uma de 2º, uma de 3º e uma de 4º ano. Poucos conseguiam chegar ao 4º ano! Pelo fato de não conseguirem ler e escrever logo no início e não terem o apoio da família, acabavam abandonando os estudos. A professora tinha duas lousas pequenas, as quais dividia ao meio e era metade para cada turma. Ela escrevia, explicava, os alunos faziam. Ela corrigia e passava mais lição, assim fazia com todos. Eu terminava sempre junto com ela. Com isso, copiava as matérias para três amigas e elas me pagavam com material escolar, pois seus pais lhes compravam materiais em embalagens fechadas, e eu só usava o que o governo enviava. Enquanto copiava suas lições imitando suas letras, prestava atenção nas explicações que a professora dava para as outras séries, e pensava: "Quando eu estiver nessas séries, já vou saber um pouquinho do que eles aprendem!". Os pais das minhas amigas as incentivavam e me apoiavam. Elas não queriam desistir, pois, quem parava de ir para a escola, ia para a roça trabalhar o dia todo. Eu também não queria isso para mim. Minha mãe me dizia que a única coisa que me levaria onde eu quisesse seria o estudo. E que eu deveria estudar para ser alguém na vida.

Isso levei muito a sério! Escondia-me com a lamparina embaixo do cobertor para ler, porque, se ficasse na cozinha, o pai dos meus irmãos brigava, pois não gostava que gastasse querosene, era muito caro! Um dia pegou fogo no cobertor e eu só não apanhei porque queimou meu cabelo também, senão teria levado uma coça com rabo de tatu, então não pude mais fazer isso! Quando a noite chegava, queria que o dia clareasse logo para poder ler e saber das coisas, e ficava pensando sobre o que havia lido nas embalagens, e não sabia o significado, como por exemplo: "LTDA", bem não sei o que significa, mas no dicionário diz que é Limitada, só isso. E ela vem de limite, será? Um dia vou descobrir... Mais tarde descobri, então logo pensei em montar uma empresa, mas seria uma escola!

No dia seguinte, cheguei o mais rápido possível na escola, para conseguir falar com a professora antes da fila, para pesquisar a tal palavra. Fiquei triste, não a encontrei no dicionário. Mostrei para a professora, que leu e disse que procuraria e depois me falaria. Voltei para casa arrasada reclamando para minha mãe, que se nem a professora sabia, como eu iria descobrir? Minha mãe me disse para parar de perturbar a professora com perguntas desnecessárias.



O lugar onde morávamos era uma gigante planície, onde durante o dia se avistava ao longe o verde das plantações. E durante a noite era rodeada por muitos repicar de luzinhas que refletiam das cidades circunvizinhas. Quando estava calor, deitávamos no chão e ficávamos a contar as estrelas, com os olhos, sem apontá-las porque minha mãe dizia que se contássemos apontando-as, para cada estrela que contássemos nasceria uma verruga. Morriamos de medo de ter verrugas! Cruzes! A casa era muito simples, de madeira, sem pintura. E a menos de 100m ficava a Escola Rural Epitácio Pessoa, onde, com muito carinho e conversa, minha mãe conseguiu uma vaga para que eu começasse a estudar naquele ano, sem matrícula, pois ainda não era cidadã legalizada, não possuía registro de nascimento. Em minhas viagens no pensamento, ficava admirando a professora! E pensava comigo: "Um dia vou ser professora também, assim que nem a Dona Nina! Vou estudar muito e vou conseguir!" Estudávamos no período da tarde, mas as aulas terminavam ainda com o majestoso sol brilhando no horizonte, paisagem muito linda de se ver!

Nos horários que não tínhamos afazeres da casa, nem aula, brincávamos de casinha e de escolinha. Eu era sempre a professora, pois, nestas aulas de brincadeira, explicava do meu jeito para minhas amigas a matéria nova que elas não tinham conseguido entender em sala de aula. E a professora sabia, gostava e sempre me apoiava. Apesar de ela ter que economizar o giz para o mês inteiro, às vezes, com muita sorte, no final do mês, me dava uns "cotoquinhos" de giz de lousa que sobravam. E então eu me sentia "A Professora!", e os usava até o final, pois normalmente escrevia com carvão ou pedaços de telhas e tijolinhos vermelhos na tábua como lousa, outras vezes a lousa era o chão e então escrevia com um graveto ou mesmo com os dedos. As minhas "alunas" também, porque os cadernos eram só para responder às atividades da escola, não podíamos gastar folhas à toa, em brincadeiras. E esta era minha brincadeira preferida! Enquanto nossos irmãozinhos brincavam na casinha, nós brincávamos de escola. Éramos muito felizes por poder brincar em nossas horas de folga, mesmo tendo que cuidar dos irmãos, ainda assim, era gostoso e divertido!

Em uma bela tarde, com um pôr do sol digno de foto, quando voltava da escola, encontrei um homem que eu não conhecia conversando com minha família, era o namorado de uma tia de consideração. Sentei-me educada e atentamente para ouvir os causos daquele homem, que falava muito rápido e algumas palavras eu não entendia e ficava guardando tudo para no final fazer perguntas, porque o costume era esse, ouvir os mais velhos. Enquanto eles falavam, as crianças escutavam e só quando nos davam a fala é que podíamos fazer perguntas. E eu tinha muitas! Mas meu plano era começar por uma que eu havia lido na caixa que chegara em casa.

Olhando aquele homem barbudo, cabeludo com um furo na testa que pulsava parecendo que tinha um coração lá dentro, falando que tinha viajado por muitos lugares, tinha feito várias faculdades e que falava quatro línguas diferentes da nossa! Fiquei perplexa! Os pensamentos a mil por hora! Eram muitas informações ao mesmo tempo! O coração batia acelerado, o rubor no rosto queimava feito fogo! Não sabia se torcia para ele acabar logo, para responder às minhas perguntas ou se torcia para falar mais, pois enquanto ouvia, ia imaginando e viajando em meus pensamentos de menina de seis anos, tentando formar imagens de tudo aquilo que não conhecia. Finalmente, deu uma pausa, ameacei falar, mas outra pessoa falou algo. Esperei terminar, o homem respondeu e olhou para mim com olhar de que eu poderia falar. Contudo, olhei para minha mãe primeiro, esperando o aval. Era minha vez, finalmente! Fui logo perguntando e perguntando.

O que é faculdade? O que são outras línguas? Como consigo ir para outros lugares? Como posso falar outras línguas? O homem me pediu calma. E disse para fazer uma pergunta por vez. Que ele responderia a todas. Desenhou o mapa-múndi no chão, pois até esse dia eu só conhecia o do Brasil, era só o que tinha no livro da professora. Quando entendi o que eram outras línguas, imaginei: "minha palavra deve ser em outra língua!". E mandei-lhe a pergunta:



Se o Senhor sabe essas tantas línguas então vai saber me responder o que significa esta palavra, porque, até hoje, não a encontrei no dicionário e ninguém que eu conheço soube me responder! E a escrevi no chão com letras garrafais: "TEACHER". O homem deu uma gargalhada e disse que significava "PROFESSOR ou PROFESSORA" em Língua Inglesa! E a pronúncia é "TITIÊR", acrescentou ele. Gritei: Meu Deus! É o que eu quero ser! Professora! E agora quero ser dessa língua aí! Como faço para aprender a falar? Onde vou para aprender? Ainda rindo, ele me disse que, se eu gostava mesmo de estudar, deveria estudar muito! Todos concordaram com ele e minha mãe falou: não é o que sempre te digo? Estude! Estude muito para ser alguém na vida! E o homem ainda proferiu: para você ficar ainda mais animada, vou te trazer amanhã um dicionário de língua inglesa que tem como se pronuncia as palavras, assim dará para ir aprendendo sozinha, quando eu estiver por aqui posso te ajudar. Quase morri do coração esperando até o outro dia! O sono demorou a chegar, pois fiquei criando planos, como sempre fazia, de como seria eu falando uma língua diferente da que eu conhecia. No outro dia, ele realmente trouxe o que havia prometido. E ainda me deu várias dicas sobre o dicionário e as palavras. Desse dia em diante, passei a decorar as palavras e a ter novos sonhos indo em busca deles! Hoje sou Professora de Língua Inglesa no Município de São Paulo, com muito estudo, muita luta e muito orgulho!



# Minha doce infância

Por volta de 1970, eu tinha apenas 5 anos de vida, morava numa fazenda na cidade de Areia Branca, no interior de Sergipe, ainda recordo com alegria e com o coração palpitando, querendo pular do peito, quando as imagens daquela época maravilhosa me vêm à cabeça.

Ah! Como eu fui uma menina feliz! Correndo no meio dos canaviais, brincando de esconde-esconde à luz do luar, onde, muitas vezes, me perdia nos gritos de minha mãe, pedindo para que eu não me afastasse da casa.

Quando viajo na minha infância, sinto novamente o cheiro das mangas e da época em que eu subia nas mangueiras para colhê-las ainda verdes, o barulho das águas de um rio que atravessava a fazenda, o delicioso leite de vaca quando, logo cedo, meu pai voltava do curral com um balde de alumínio bem areado e praticamente derramando o leite de tão cheio que estava, enquanto minha mãe preparava o cuscuz e o café da manhã no fogão a lenha.

Ah! Sinto o cheiro e o gosto de uma infância saudável, cheia de inocência de uma menina que não almejava o futuro, apenas curtia o tempo presente.

Todas as tardes, às 17 horas, lembro de quando ouvia o barulho da sirene da usina de cana de açúcar, pois disparava um alarme de encerramento das atividades, era aquele som que dividia, na minha cabeça, o dia da noite,

Recordo-me como hoje, um dia, brincando de passar anel com mais 4 coleguinhas, sentadas no chão bem próximo a uma touceira de cana, onde estavam duas cobras enroladinhas, com o barulho e o agito das crianças brincando, as cobras resolveram sair na direção onde estávamos, foram muitos gritos e muita correria em sentido da minha casa.

Ah, se eu pudesse voltar a minha infância, gostaria de reviver cada momento, do mesmo jeito, sem nenhuma alteração, até mesmo com os machucados nos joelhos de tanto subir nos cajueiros, nas goiabeiras e nas mangueiras.

Até hoje me lembro das cantigas de roda, pois brinquei muito, enquanto minha mãe lavava roupas no rio e as deixavam "quarando" em cima das pedras, porque, segundo ela, era para as roupas ficarem branquinhas.

Porém, para mim, dois fatos foram totalmente marcantes e inesquecíveis: primeiro, a cena em que eu corria atrás das borboletas na tentativa de pegá-las e poder observá-las por alguns minutos para somente depois deixá-las voar...

Outro momento inesquecível era todas as vezes que eu ia visitar meus avós que moravam em Alagoas, eu, meus pais e meus 3 irmãos pequeninos viajávamos de ônibus por algumas horas e depois embarcávamos na canoa pelo velho Chico, com suas águas cristalinas tão lindas e tão cheias de mistérios! Eu levava comigo minhas bonecas de espigas de milho, uma loira, uma morena e uma ruiva, minhas companheiras inseparáveis, seguíamos horas e horas de viagem, mas quando na cidade de São Brás chegávamos, de longe eu logo avistava o mercadinho do meu avô, que ficava cheio de bolachas e bolachões para vender entre outros produtos, porém eu só me recordo desses...

Lembranças e ótimas recordações de mais de meio século, porém totalmente inesquecíveis: a doce infância da Inês.



## *Gostaria de lembrar, mas não me lembro*

Gostaria de lembrar do tempo quando era bebê. Que minha mãe me segurava com carinho e me olhava com ternura, me banhava, me dava o que comer e ensinava as palavras. Mas não me lembro...

Gostaria de lembrar quando meu pai me ensinou a andar de bicicleta e a sensação de liberdade quando descia uma ladeira e o vento batia no meu rosto. Mas não me lembro...

Gostaria de lembrar do meu primeiro beijo. O quanto estava ansiosa pela sensação de algo novo, se era a pessoa certa, se gostaria ou não. Mas não me lembro...

Gostaria de lembrar da época que dei a luz ao meu primeiro filho. Como seria seu rostinho, seu cabelo, sua pele, sua saúde, com quem se pareceria, enfim. Já o segundo... Ah! Não foi diferente, as questões eram as mesmas. Contudo, eu era uma pessoa diferente e foi mais fácil? Claro que não. Mas não me lembro...

Gostaria de lembrar da minha trajetória profissional. Tanto estudo, esforço e dedicação para conquistar o meu lugar. Mas não me lembro...

Gostaria de lembrar da minha evolução espiritual. Os obstáculos, as descobertas e estudos que coloco em prática. Agradecer ao sol, à lua, à terra, aos ventos e a todos aqueles que me guiam e protegem. Mas não lembro...

Gostaria de lembrar das perdas de pessoas que passaram em minha vida. As lições que aprendi com suas histórias que em determinado momento se uniram a minha. Mas não lembro...

Gostaria de lembrar das minhas alegrias diárias, dos pequenos momentos que enriquecem meu ser: sorrisos, gestos, abraços, críticas, conselhos, olhares e várias outras coisas que infelizmente não lembro.



# Reviver

Dizem... que quando trazemos à lembrança momentos passados, é como se estivéssemos revivendo aquele mesmo instante, e se eles foram bons... ah, então a alegria será a mesma. Deve ser por isso que sinto um prazer enorme, um misto de sentimentos e saudade, quando me lembro daquelas noites com meu pai, minha irmã e minha mãe (que mesmo realizando seus afazeres, tinha o ouvido na história). Como um bom contador de histórias, ele, por sua vez, também buscava em sua mente o que havia escutado em algum tempo, espaço e momento de sua vida. E ali as repetia... Reproduzindo sua cultura:

— Pai, conta uma historinha? (hoje sei que não existe historinha, toda história é uma história).

— História só se conta de noite. Se contar de dia, nasce rabo, menina!

Eis que chegou o momento. Era noite, meu pai já havia jantado e assistido televisão. E mais uma vez, todos juntos, ouvíamos os causos, histórias e até pequenas adivinhações e anedotas.

Lembro-me até hoje da primeira história que ele contou:

— Dizem que, lá no Norte, tinha um homem e sua mulher. Cansado daquele lugar de seca, morte e tristeza, o homem entrou em sua casa dizendo:

— Muié, vou-me embora desse lugar, tô cansado de tanta tristeza, vou tentar a vida em outro lugar...

— E pra onde ocê vai, home?

— Não sei. Só sei que aqui eu não fico mais. (já saindo porta afora).

Saindo logo após, lá estava a mulher bem ao lado de seu marido.

— Eu também vou, home! O que eu vou fazer aqui sozinha?

— Oxe, pois então, cerre ao menos a porta.

Naquele tempo, dizia meu pai, cerrar a porta era o mesmo que fechar a porta, mas a mulher não entendeu, buscou o serrote e trouxe parte da porta na cabeça.

Vendo aquilo, o homem não se conformou, mas levou a porta, pois poderia ter alguma serventia.

Caminharam por um dia inteiro. Já cansados, resolveram parar e dormir um pouco, naquele caminho escuro e perigoso.

— Precisamos dormir. Vamos usar a metade da porta para ser nosso apoio lá em cima da árvore, assim nos protegemos dos bichos.

Ajeitaram-se com a madeira e cordas que haviam trazido e ali, no alto daquela árvore, fizeram sua cama. Lá comeram e cansados adormeceram.

Pouco tempo depois, acordaram com um falatório logo abaixo de seu dormitório. Eram dois homens, pareciam bêbados e vangloriavam-se pelo dinheiro ganho em jogos na cidade vizinha.

— Ssshhhh... Tem gente aí embaixo. – dizia o homem baixinho.

Algum tempo depois, a mulher sussurrou:

— Home, quero fazer xixi...



— Sshhh... Fica quieta mulher, não tá vendo que tem gente aí embaixo. Se eles estiverem armados? Se acharem que vamos roubá-los?

A mulher se calou, mas sua vontade aumentava a cada minuto...

— Home, não aguento mais, quero fazer xixi e já tô soltando...

— Valha-me, Nossa Senhora! Que mulher doida!

E lá de cima começou a cair um líquido que os homens não conseguiam identificar.

— Nossa, tá chovendo?

— Não. A noite está clara.

— Mas então tá caindo alguma coisa lá do alto.

— Não senti nada.

E ali continuaram, embaixo daquele abrigo, contando o dinheiro, gargalhando e bebendo.

Minutos depois, novos pingos caíram, desta vez sobre a cabeça do outro homem.

— Nossa, acho que está chovendo mesmo, mas é estranho, o céu tá limpo.

— Muié, segura aí. Os home vão descobrir e matá a gente.

— Marido não dá pra segurá... Foi falando e foi soltando toda a urina daquele dia.

Enquanto isso, um dos homens olhou pro alto e foi dizendo...

— Tá chovendo mesmo. Mas espera aí, essa chuva tá salgada? Nunca vi chuva salgada.

— Acho que é o fim do mundo... Ou será assombração?

— Esse dinheiro tá amaldiçoado. Corre, corre, vamo embora! Vamo embora!

Depois daquela arruaça toda, os cônjuges desceram e deram de cara com tanto dinheiro, tanto dinheiro, que não sabiam o que fazer.

Resolveram voltar para sua cidade, construíram uma nova casa e fizeram uma festa tão grande, tão linda e com tanta comida, que, segundo o meu pai, ele comeu e dançou nessa festa. E assim foi por três dias inteiros. Nossas gargalhadas eram ouvidas a distância. Nossa alegria estava completa naquela noite. Lembro-me como se fosse hoje...

E, no final, ainda tinha a famosa frase:

— Conta outra! Conta outra!

— Só se conta uma história por noite. É perigoso contar mais que uma...

E assim, as lembranças daqueles momentos me fazem repetir o que meu pai fazia. E assim posso trazer um bocado de alegria àqueles que passam por mim.



## *Dia de mudança*

O caminhão chegou cedo. Bem que podia ter demorado mais um pouco.

Minhas bonecas estavam guardadas em uma caixa vazia de groselha, daquelas que o meu pai comprava para vender no bar da Rua Conceição.

Naquela época, já não gostava de leite, mas misturado com groselha, no copo transparente, ficava tão bonito, quase do mesmo tom rosa dos meus sonhos de criança.

A caixa onde estavam as minhas bonecas não era tão grande; elas também não. Mas estavam amontoadas, espremidas, talvez sofrendo como eu, porque iam deixar para trás a nossa casa, o barracão dos fundos e o beco, onde aconteciam nossas brincadeiras e as aulas que lhes dava quando chegava da escola e repetia as lições que havia aprendido, espaços que julgávamos tão nossos, antes da chegada do caminhão hoje cedo.

Os vizinhos, pouco a pouco, iam tomando conhecimento do que estava por acontecer. Uns, os mais curiosos, aproximavam-se do portão e perguntavam: “Vocês vão se mudar”? Outros, passavam pela rua, a caminho da Padaria Santo Antônio, e apenas me olhavam, sentada que estava com minhas bonecas, no portão, com uma expressão tão triste, que não lhes dava coragem para me perguntar nada.

Mais tarde, entendi que na vida haveria de passar por muitas mudanças e que elas não seriam necessariamente ruins.

Mudei de casa inúmeras vezes, após essa primeira experiência, que me parecera tenebrosa, que me fizera chorar, que me levava a escrever minha primeira poesia, que me ensinara a ser forte e a prosseguir com minhas lembranças e memórias; estas me acompanhariam pela vida por onde eu fosse e não se dissipariam com o barulho estrondoso de um caminhão dando partida, num dia de mudança.



# Infância leitora

Quase 30 anos atrás, ao iniciar minha jornada num universo letrado, logo na pré-escola, com cinco anos de idade, eu já havia decorado a rotina de um dia na escola.

Família silábica do dia, banco de palavras e ordenação de frases como manda o figurino.

Em casa, recordo-me de folhear as revistas e livros de receita da minha mãe na estante baixa da sala.

Um livro em especial me chamava atenção, sua capa era rosa e tinha desenhos feitos por crianças.

Eu me esforçava para entender o desenho, era feio, mas me deixava intrigada a contemplar seus traços. “Helen Bee, a criança em desenvolvimento”, terceira edição. Foi o primeiro livro que tive contato e curiosidade de decifrar. Esse livro estava em casa, pois foi empréstimo de uma pediatra que meu pai tinha amizade, acabou que eles não se viram mais e o livro ficou em casa.

Comecei lendo as legendas das fotos, até avançar alguns capítulos pelos anos iniciais da alfabetização. Por anos, foi o meu livro preferido e me fez observar as crianças ao meu redor, mesmo que tivessem a mesma idade que a minha, para que eu pudesse relacionar o que aprendi na leitura com a vida prática.

Voltando da escola, me lembro das leituras das “palavras do dia” realizadas para a minha mãe que, sentada no banco da frente do carro, parecia satisfeita com o que ouvia.

Aos finais de semana, além de brincar em parques com o meu pai, a visita à biblioteca era sagrada.

Eram poucos títulos infantis disponíveis, mas os que tinham me deixavam satisfeita pelo passeio.

Todo início de ano, quando meus pais compravam os materiais escolares e livros didáticos, torcia para que os livros viessem sem embalagem plástica para que eu pudesse folhear e ler o que achava interessante antes de as aulas começarem, era assim até o início das aulas.

Manuseava tanto esses artigos que, algumas vezes, antes de começar as aulas, os livros já estavam com as pontas dobradas.

Perto dos 10 anos de idade, meu avô fez uma assinatura mensal de uma revista pra mim.

O conteúdo era fantástico, trazia ciência, astronomia, personalidades importantes, saúde e educação. Acho que durou 2 anos esse superpresente e me lembro de alguns assuntos e como as revistas já estavam gastas de tanto que eu folheava. Não tenho memórias de muitos brinquedos, minha diversão era essa, brincar em parques e ler.

Vejo hoje minha filha, com pouco menos de 2 anos, dormindo abraçada com o gibi que leio pra ela antes de deitar, “Santo DNA leitor!”.

Ao olhar de perto o trajeto inicial da minha vida, percebo que minha paixão pela leitura foi semeada e descoberta cedo. Tanto conhecimento adquirido nesses anos, que a minha formação não poderia ser diferente. Lecionar... formar pessoas, para trocar e construir conhecimento com os meus alunos com o que adquiri em cada página que li.

Quando cursei Pedagogia, me recordo da indicação de leitura da minha professora preferida do curso, e quanto grande foi a minha surpresa quando percebi que ela sugeriu exatamente o livro que me traz, até hoje, uma memória afetiva da minha infância e do início da minha vida leitora.

Uma nação que lê, escreve e interpreta se torna capaz de mudar a realidade ao seu redor.

Leitura representa tudo isso, imaginação, sabedoria, memória afetiva, ancestralidade, conhecimento e poder.



# Memórias

Como pensar em memórias  
E não me lembrar da infância?  
Como pensar em infância  
E não me lembrar dos meus pais?  
Como pensar em meus pais  
e... eles não estão mais aqui...  
Como pensar?  
E aí a memória surpreende!  
É ela que traz a emoção  
De lembrar os rostos e o sorriso.  
É ela que traz a lembrança  
Do olhar, do jeito de falar  
Do amor que não via obstáculos  
Da doação que não tinha limites  
Das broncas que pareciam surra.  
Das broncas que pareciam acalanto.  
Do cuidado que não pedia retorno  
E a saudade vai inundando tudo  
O amor e a certeza do reencontro  
Vai acalmando a memória!



# Dona Odete

seus olhos cansados me fitam  
verdes, cor de paixão  
num instante me faço menina  
suas mãos hoje  
frias e trêmulas  
seguram lembranças embaladas por moda de viola  
que saudade das nossas tardes  
você me cuidando com olhares  
e eu desbravando o mundo  
dentro daquele quintal de portões baixos  
ela me fala e a voz não é mais a mesma  
há uma calma nunca antes sentida  
mas seu ritmo e intensidade  
conheço de outros conselhos  
a sombra das memórias  
contrasta com a pureza das rosas  
dançamos no vazio  
consumidas pelo tempo

*em memória de minha avó,  
vítima da Covid-19 em novembro de 2020*



## Na margem da quadra

Que professor no Brasil, dificilmente, já não se perguntou se seu trabalho faz algum sentido? Se não estamos como Sísifo, rolando pedra acima, dia após dia? Ou se estamos, como Hannah Arendt definiria, apenas por cumprir ordens e fazer o trabalho?

Mas, de vez em quando, essa lógica é rompida. Hoje foi um desses dias.

Estava a caminho de ministrar mais uma aula de iniciação ao voleibol no sétimo ano, e percebo a presença de uma aluna nova, ainda tímida e desenturmada. Após fazer a chamada, chamo a aluna separadamente, pergunto sua escola de origem, sondo os motivos da mudança de escola no meio do ano e, por fim, explico a dinâmica das aulas de educação física. Até então nada incomum.

Ao finalizar a aula, a aluna me procura e diz: "— Aqui é diferente!" Então, pergunto o porquê do espanto.

Ela insiste: "— Ahhh é muito diferente, vai ser sempre assim?"

Sem saber exatamente ao que se refere, respondo que não, pois outros conteúdos serão desenvolvidos ao longo do ano.

Ela novamente me questiona: "— Tá, mas a gente vai jogar em todas as aulas?" Respondo que, às vezes, ficamos na sala para discutir algum tema, mas confirmo que a maioria das aulas são sim na quadra.

Ela sorri, continuo sem entender, aí ela me explica que na outra escola a quadra era dos meninos, e que só eles jogavam futebol, e as meninas podiam apenas caminhar em volta.

Nesse momento, sou eu que pergunto: "— Mas sempre era assim?" Ela confirma com a cabeça sem hesitar, até com uma certa naturalidade, de quem aprendeu que aquilo era natural, um comportamento que se espera de uma menina de doze anos, nas aulas de educação física, pelo menos nessa realidade em que estava inserida.

"Ninguém nasce mulher: torna-se mulher" (Simone de Beauvoir), essa frase ecoa na minha cabeça desde o dia que ouvi o relato da estudante recém-chegada. Sobretudo, porque me fez refletir sobre minha própria formação, enquanto estudante, mulher, esportista e hoje professora. Senti uma gratidão profunda a todos que contribuíram nessa trajetória, apesar das dificuldades e entaves, porque sim, eles existiram. Tive acesso ao mundo das práticas corporais, ainda distantes a muitos jovens, que mais tarde possibilitou uma carreira na educação.

Pensei ainda, parafraseando Beauvoir, não se nasce professor, se torna professor, certamente, a minha caminhada na docência se iniciou lá na infância e juventude, pois não me restringiram, nem me limitaram os espaços da quadra. Quadra exatamente essa, que por ironia da vida, destino, planos divinos, quem sabe? Depois de vinte e cinco anos poder receber essa novata e apresentar-lhe que uma quadra é muito maior que suas linhas periféricas. E que meninas podem se atrever a mudar o jogo.



# O valor

Faz muito tempo.  
Eu jamais esqueci.

No templo do meu coração.  
No tempo da reflexão.  
A força da comunicação.  
Encheu-me de significação.

“Quem cuida de vidros como diamantes...”  
Diamantes cuidam e não vidros.  
“Quem cuida de diamantes como vidros...”  
Vidros cuidam e não diamantes.

O sol raiou.  
O mar cantou.  
A luz apareceu.  
A consciência floresceu.  
A porta abriu.  
O valor surgiu.



## O sonho

Estava me preparando para despedir-me de minha avó que acabara de falecer. Vesti uma roupa trajando luto. Quando me olhei no espelho, encontrei uma cicatriz no ombro esquerdo, me assustei, não lembrava mais dela, mas parece que cresceu ou mudou um pouco de lugar, mudou de cor. Eu não lembro de como ela era, mas lembro da sensação.

No dia do meu aniversário de 10 anos, eu estava correndo pela sala, saltitando, muito feliz por receber minha família e amigos em casa para comemorar. Em meio a esta euforia, meu vestido enganchou na toalha de mesa e derrubou tudo o que estava na mesa de vidro, quase todos os brigadeiros e beijinhos foram ao chão. Todo meu aniversário tinha acabado ali. Eu não conseguia parar de pensar no ocorrido, em como pude estragar aquele dia, todos os convidados estavam prestes a chegar. Sem perceber, comecei a sentir uma dor no braço.

Tinha um caco de vidro no meu ombro. Olhei para cima e minha avó estendeu a mão, levantei sem jeito, suas mãos estavam quentes, ela me levou ao banheiro. Estava assustada, ela tirou com todo o amor do mundo e cuidado o caco de vidro do ombro e fez um curativo. Levantou minha cabeça com suavidade, fez um carinho no meu rosto e disse que tudo ia ficar bem, dando um largo sorriso. Arrumei o vestido e dei um abraço demorado em minha avó. No momento seguinte, já estava correndo, como se aquele fato não tivesse ocorrido.

Mas agora, hoje, me vendo no espelho, vejo que ela continua aqui. Mas por que essa cicatriz lembra minha avó? Aquela sensação. A sensação de segurança que conseguia aplacar o tremendo medo que sempre senti, me faz muita falta. Terminei de me arrumar e descí longas escadas espiraladas em direção ao térreo, abri a porta do carro e entrei. O caminho parece cinzento, triste, a chuva não para, encosto minha cabeça na janela. Sinto muito medo. Medo de não me lembrar mais de quem ela era, de como ela me fazia sentir.

O silêncio aterrorizado permeia tudo. O carro para, o medo continua, parece mais intenso agora, cada passo que dou naquele jardim parece inevitável. Quando finalmente chego ao pé do túmulo, tudo fica escuro, borrado. Esfrego os olhos com tremenda violência, mas apenas vejo um borrão. Grito, mas o som não sai, perco minha voz, tudo parece estar abafado, preso, desesperador.

Acordo num sobressalto aos prantos, não quero dormir mais, o medo me domina, me levanto da cama, me olho no espelho e agora já não vejo cicatriz nenhuma, era apenas uma lembrança.



# *Felicidade ainda é o que importa*

Cheirinho de café,  
Hora de acordar.  
A vó espera na mesa  
O vô na cadeira de balanço tomando sol.  
AH! Que delícia!  
Saborear a broa de fubá,  
Leite quente com espuma e  
Café forte.

Cheirinho de mato verde,  
Geada na plantação ofuscada pelo brilho do sol,  
brilho e fumaça se misturam na dança do descongelar...  
Derretem devagar pingando no chão de barro vermelho.  
E os insetos? Onde estão?  
Sumiram...o inverno espantou todos...

Alimentar os porcos.  
Que gritaria! Que alegria!  
Os perus? Que medo!  
Correm desengonçados, com asas abertas,  
parecem disputar uma dança ritmada,  
As vacas? Centenas...  
Comem sal na mão.  
Língua áspera e babada...  
Nojo?  
Não tinha não!

Haviam cavalos?  
Sim, haviam muitos...  
Escová-los, pra lá e pra cá,  
De vez em quando um susto,  
Pulavam bravos e davam coices...

Lavar roupa no rio. Sim, no rio...  
Bacia de alumínio cheia,  
tábua de madeira, sabão de soda .  
varal de arame farpado.  
De vez em quando um arranhado aqui e  
outro ali.

E as crianças?  
Brincavam na roça...corriam aqui e ali...  
Se escondiam lá e acolá...  
Não se preocupavam com o futuro, nem  
com o passado,  
Isso era assunto de adulto!



# A metáfora do trem

Assim que nos sentimos quando as perdas assolam nossas vidas. Como um trem desgovernado, vamos de encontro ao muro por diversas vezes e tentamos retomar a viagem, mas não há mais o que ser feito. Batemos até não termos outra saída, a não ser tentar retornar aos trilhos, nos consolar com memórias, buscar vida em fotos, ouvir vozes na lembrança.

Na verdade, a vida é como um trem desde o princípio. As pessoas vêm e vão, sobem e descem. Algumas nós é que tiramos do vagão das nossas vidas, outras saem e não nos avisam, mas as paradas mais bruscas não têm delicadeza na descida.

São as pessoas que são sugadas pra fora do nosso trem. Levadas por uma força maior, mesmo segurando muito firme aos assentos, às portas, à vida.

E quantas vezes nós seguramos na mão de quem amamos ao percebermos o quão violenta a morte pode ser e chegar. Sem que possamos ter nenhum controle, arrebentam nosso vagão e arrematam quem nos é tão caro.

Todos nós sabemos que quando a porta se fecha, o silêncio e o vazio imperam. O vento que ora entrava pelas portas cessa, a vida também. Ainda que retornemos àquele vagão, a pessoa que amamos já não está mais lá. Observamos novas pessoas subirem, novas estações à vista, mas não temos mais quem esteve conosco durante a viagem toda.

O nosso vagão pode estar cheio, mas nunca mais será o mesmo. Ficam as memórias vistas das janelas do trem da vida. O encantamento dos encontros floridos junto ao seu sorriso de todas as cores, a quentura dos trilhos misturada ao aroma daquela sopa de final de tarde que era você, minha mãe quem preparava.

A velocidade das paisagens que passam agora diante dos meus olhos remonta aos tempos felizes em que percorremos esses caminhos da vida juntas.

Memórias do olhar, do sorriso, de uma frase sempre dita, de um abraço. Tudo foi engolido pelo vírus que nos ensinou o quão frágeis somos.

Diante do luto, das memórias e da saudade, às vezes as lágrimas vêm como bálsamo para que eu possa seguir viagem, outras vezes as mesmas lágrimas me levam para lugares desconhecidos de sofrimento e de dor ou ainda para aquela terça-feira de sol em que a janela do trem não se abriu.

Sinto que ando batendo nos muros da minha existência, minha casca está quebrada, dilacerada, arrebentada.

Tantas vezes não tenho ânimo para o remendo e ele vem dos beijos doces da minha pequena que me lembra, com seus olhinhos vivos, que as memórias ficam, mas que a vida pulsa. Os que ficaram são parte de tudo que era nosso e que eu tenho agora.

O ciclo da vida é como um trem em movimento. E talvez seja isso que nos obrigue a nos mantermos em atividade, mesmo quando as quedas bruscas do nosso trem nos pedem para parar de seguir viagem. Desistir, desligar, apagar os faróis, silenciar. Não visitar estações, não acolher pessoas, ficar no túnel do nada, mas, embora a dor exista, eu tento todos os dias colocar meu trem nos trilhos de novo, seguir o percurso que é meu.

O caminho é sempre muito nosso, por mais que tenhamos pessoas ao nosso lado, a travessia corre por nossa conta.

É certo que mesmo as estações mais conhecidas parecem estar diferentes agora, os trajetos estão mais escuros. Às vezes, clareiam com os sorrisos da minha filha e com a fé que ela tem em mim.

O meu trem ora entra no eixo, ora sai devastando tudo, muito incerto e imprevisível.

Quisera eu a calma de alguns dias para acertar esse trajeto! Quisera que as memórias fossem mais vivas do que de fato são! Quisera ter você aqui de novo!



# Presente de Natal

O cheiro do papelão que logo ao entrar impregnou-me as narinas, tornava-se mais forte e denso.

Sentada com meus pés vacilantes no sofá da casa vizinha à minha, lembro-me que meus olhinhos de criança brilhavam cada vez que pairavam sobre a grande caixa.

Eu sabia exatamente o que era. Porém, tinha que fingir não saber.

Meu pai passara onze meses economizando pra comprar o que para mim seria o melhor presente que eu havia ganhado em toda a minha pouca existência. Queria fazer-me surpresa.

Mal sabia que eu ouvira seu intento ao comentar com minha mãe, certa ocasião, enquanto preparava-se para a exaustiva jornada de trabalho. Ainda sonolenta, em uma madrugada, percebi quando levantaram e dirigiram-se à humilde mesa que havia no centro da cozinha. Ligaram o rádio e, entre um alerta e outro do locutor sobre o horário, entre um gole e uma mordiscada no pão com manteiga, conversaram.

Eu tinha que ser firme. Não poderia decepcioná-lo. Eram onze meses economizando, e eu não poderia pôr tudo a perder. Embora a emoção contida parecesse que ia extrapolar a qualquer momento, entregando-me, transbordando pelos olhos ou pelos pés que, de tão pequena, eu não conseguia tocar o chão e insistiam em balançar.

Seu Roger era conhecido de meu pai há muitos anos. Havia trabalhado juntos numa antiga montadora e, agora, abrigava meu presente em sua casa há algumas semanas do Natal. Fazia parte do plano para eu não descobrir! E nisso eles tiveram êxito, uma vez que nos apertados cômodos do quarto e cozinha que morávamos aos fundos da casa dos meus avós, aquele imenso pacote não se encontrava.

À medida que a conversa se desenrolava, ficava mais e mais difícil disfarçar a emoção e conseqüentemente esboçar o ar de surpresa que eu deveria fazer.

Naquele dia pela manhã, ele havia dado dicas que eu ganharia um presente. E, logo ao entrarmos na casa de seu Roger, já fui indagada sobre o que eu ganharia de Natal. O que veementemente tive que dizer que não sabia.

Homem simples e humilde, meu pai não era acostumado a fazer muita cerimônia nos assuntos, já tivera sido grande milagre ter guardado segredo por tanto tempo. Levantou-se do sofá, interrompendo a conversa que já estava com fim marcado, pegou a grande caixa e depositou-a à minha frente.

Vendo minhas frustradas tentativas de abri-la com minhas mãozinhas de dedos finos, pôs-se a me ajudar.

O mistério chegara ao fim.

Retiramos juntos aquela máquina dos sonhos. Linda, brilhante, tanto quanto meus olhinhos, toda azul com detalhes verdes.

Não pude mais conter a emoção. Lágrimas copiosas caíam em meu colo, tanto que quem visse, julgaria se tratar de uma grande surpresa para a menina de cinco anos que naquela época eu era.

Azul com detalhes verdes! Mal me importava. Poderia ser preta com bolinhas laranjas, o importante era sair pedalando pelas ruas do bairro.

Ah! Naquele tempo, ser criança ainda nos era permitido.



# Memórias de infância

Durante alguns minutos, com o olhar fixo no espelho, decidiu entrar no portal. Fechou os olhos e embarcou no túnel do tempo. Era um redemoinho de memórias repleto de bolhas de sabão. Ela escolheu uma e estourou, assim foi transportada para os anos 80, caindo em uma rua da periferia da Zona Leste de São Paulo. A menina de vestido branco com barra de lese andava de chinelos com cuidado na rua de terra e pedrinhas. As calçadas eram raras, mas em algumas delas havia crianças brincando de bolinhas de gude e piões. As casas eram, na grande maioria, térreas, e havia muitos terrenos baldios, cheios de capim alto e verdinho.

De repente, a menina escutou um grito: "Corre! Os boi!". Com medo, ela abriu um portão, se escondeu entre um cavalete de água e um pequeno jardim com duas palmeiras imperiais, ainda jovens, e algumas plantas. Por alguns minutos, esqueceu o medo e começou a brincar com um tatuzinho, uma joaninha e uma esperança, até perceber que o pequeno rebanho de mais ou menos dez ou doze animais passava pela rua à procura de capim. Isso acontecia, uma ou duas vezes ao mês, e as crianças que gostavam de vê-los passar pela rua esperavam ansiosas. Já as que tinham medo, corriam e se escondiam, e quando percebiam que eles estavam quase chegando ao fim da rua, saíam de seus esconderijos, sabendo que, em breve, dois rapazes passariam pastoreando com varas de bambu. Até hoje, ninguém sabe de onde eles vinham.

A menina decidiu entrar na casa, que era pequena e muito acolhedora. Na entrada, os azulejos com relevos em gotas de vidro marrom, que ela chamava de baratinhas. Por dentro, a casa era toda em amarelo. Passou por um corredor e, no fundo, encontrou a porta da cozinha aberta; a casa estava sem ninguém. Na pia, o coador de café de pano ainda estava sobre o suporte, uma mistura de deliciosos cheiros perfumava o ambiente, um bolo de fubá já cortado estava sobre a mesa, algumas xícaras de ferro esmaltadas no escorredor de louças.

Na sala, ela viu a TV preto e branco desligada, uma vitrola e alguns discos de vinil, vasos de cerâmica com diversas flores de pano. Ela caminhou pelo corredor e se deparou com um pequeno quarto cheio de encantos. Pôsteres de bandas que suas irmãs gostavam, colados nas paredes. Dois beliches e uma janela repleta de adesivos de seu irmão. Entre um beliche e outro, ela colocava um cobertor e ali fazia sua cabana, onde passava horas imaginando e brincando. Viu o quarto dos pais, um quadro com a pintura a óleo da sua mãe, que seu avô encomendara, estava pendurado na parede. Era o que mais chamava sua atenção; o olhar da mãe era pensativo, profundo e distante.

Lembrou do quintal, passou perto do poço com cuidado e saiu em disparada pela escada, pois o terreno era em declive. Havia um pomar, dois pés de mexericas, um pé de mangas e um pé de ameixas amarelas e docinhas. Andou mais um pouco e viu uma bacia de alumínio com roupas brancas, que a mãe colocara para quicar, e se aproximou. Como num passe de mágica, a menina viu sua imagem refletida na água e percebeu que ali era outro portal e decidiu retornar. Dessa vez, o túnel era bem diferente, luzes neon fluorescentes piscavam. Quando abriu os olhos, estava em outro tempo, em um outro bairro, outra casa.

Ligou a cafeteira, colocou a roupa na máquina de lavar e, em uma fração de segundo, escutou o interfone tocar. Era o rapaz que verificaria o consumo da energia elétrica, desligou a TV no controle e saiu.



## O ciclo da vida

Da janela do meu quarto, eu via os galhos da amoreira do quintal. Quando está carregada, pássaros vêm comer seus frutos e é comum começar o dia vendo passarinho verde, pois há um bando de maitacas no bairro e elas adoram as amoras!

Com o COVID, essa era a visão que mais tive do meu local de trabalho, meu quarto, uma vez que ficamos trancados em casa, saindo apenas duas vezes por dia para passear com Lina, uma Border Collie de um ano, cheia de alegria e com muita energia. Dizem que a raça foi desenvolvida para pastorear rebanho de carneiros o dia inteiro e acredito piamente, pois ficam muito agitados se não saem. Houve um revezamento e fila para ver quem sairia com ela, pois era o momento de descontração do dia; ela vai sempre sem coleira, pois é bem obediente e, de resto, não havia quase ninguém na rua. Sim, na Pompéia, parecia que estávamos naqueles filmes de fim do mundo – rua deserta, comércio fechado, todos trancados em casa. Apenas um ou outro dono de cachorro se aventurava a sair - sempre com máscara -, às vezes, um pai, com pena dos pequenos, dava voltinhas pelo bairro. Não pudemos nos furtar de mercado e sacolão, mas sempre com luvas e máscara, evitando chegar perto de quem quer que seja.

Trancados, mas não isolados. Meu filho tinha voltado para casa no anúncio dos primeiros casos e acabou perdendo o emprego também, assim como muitos. Não posso me queixar, pois meu marido e eu continuamos a trabalhar pela Internet, assim como minha filha continuou na faculdade, estávamos unidos, a família, o cachorro e o gato e passamos várias horas juntos. Jogamos cartas, cozinhamos, brigamos, rimos, vimos filmes e até gravamos um vídeo cantado para minha mãe, na tentativa de amenizar o distanciamento. Almoçávamos fora ao menos uma vez por semana. Como? Colocávamos a mesa no quintal, oras! E prendíamos a cachorra na coleira, senão ninguém tinha sossego.

Com o tempo disponível, meu filho, que é engenheiro químico, começou a estudar Tecnologia da Informação (TI) com material on-line fornecido por um amigo e acabou arranjando um novo emprego e uma nova profissão, que exerce até hoje, pois pode fazer de qualquer lugar do Brasil. De certa forma, a gente foi se acertando - apenas agora que tudo era on-line. Eu era a única da casa que não tinha notebook e meu filho me convenceu a comprar um - foi a melhor coisa, pois vários desafios se apresentaram: aprender a dar formação on-line, a ter reuniões on-line, descobrir como funcionam diversos aplicativos, colocar apresentações on-line, enfim... muitos aprendizados. Mas acabei gostando, desenvolvi até um canal de contação de histórias pela internet, o que me deixou bem contente. Lembro de ter trabalhado bem mais nesse período, pois, além de tudo, tinha o contato com professoras que me solicitavam vários tipos de auxílio.

Mas a doença criou um vazio, pois amigos e família só pela internet e nada suplanta a falta de contato, de proximidade. Os meios de comunicação traziam para dentro da bolha o número de vítimas, sempre subindo, e a deflagração da enorme desigualdade social. Todos sofremos muito, mas, mais que todos nós, minha mãe – aos oitenta anos, morando sozinha, ficou bastante isolada. Com medo de contagiá-la, deixávamos as compras na porta, com indicação de que passasse álcool em tudo, e íamos embora sem vê-la. Agora penso que devia tê-la



trazido para casa. A solidão teve um efeito devastador sobre ela. Na Páscoa, decidi fazer diferente – não iríamos almoçar juntos, mas fiz várias travessas de bacalhoada e fui deixar nas casas: dela, dos meus irmãos e do sobrinho, tudo com ar de transgressão, de tráfico de bacalhoada.

Todos adoramos a forma que encontramos de estar juntos. E estive com ela nesse dia, acabei entrando na casa e conversamos, na inesperada felicidade clandestina de estarmos juntas, de nos olharmos nos olhos, de beijos de longe. A alegria da presença da mãe, da presença da filha, tão saudosas, tão amadas.

No caminho e próximo à casa da minha mãe, a desigualdade saltou aos olhos, pois no Jardim Miriam, Americanópolis e demais bairros periféricos era como se não houvesse epidemia. Comércio abertos, inclusive a feira de domingo, e trago na memória a imagem de uma senhorinha de cabelos brancos, que vendia cocadas sentada num banco, a cabeça encostada na fachada de um comércio. Como fazer, se precisavam desta renda para viver o dia a dia?

Não chegamos a perder ninguém diretamente por COVID e, apesar de a família de minha irmã toda e eu mesma ter pegado a doença, sobrevivemos. Mas perdi duas pessoas especiais por efeitos da pandemia e do isolamento, que causou muitas doenças. A mais marcante foi minha mãe. Com toda essa situação de pressão e de solidão, as doenças começaram a se manifestar, principalmente seus rins, que já eram fracos, pioraram muito – ficou internada algumas vezes e os médicos conseguiram convencê-la a fazer hemodiálise. Então, em meio à pandemia, meus irmãos e eu passamos a sair constantemente de casa, primeiro por causa das internações e depois, três vezes por semana, para levá-la à hemodiálise, em sistema de revezamento. Para piorar, ela teve uma fratura leve na bacia! Passou a morar com meu irmão, enquanto minha irmã e eu dormíamos dia sim, dia não com ela, além de carregá-la para a hemodiálise.

Ela tinha crises de mau humor, mas, no geral, foi ficando cada vez mais doce, mais amigável, contava piadas, ríamos juntas de situações absurdas que surgiam, enfim levava a coisa do melhor jeito. Nós, os manos e eu, ficamos bem unidos. Enfim ela sarou do quadril e atravessou a pandemia sem que pegasse a doença. Mas o corpo e os sofrimentos passados deixaram sua marca e ela acabou nos deixando no início da primavera de 2021. A última vez que veio na minha casa foi num almoço de comemoração do aniversário de meu marido, no início de setembro. Em outro dia, ainda brincou no balanço da casa de campo de minha irmã, na beira da represa, e foi com meu irmão levar um potinho de doce para todas as amigas antes de partir. Parece que a pessoa sabe, né?

Aquece o coração saber que ela esperou o anúncio do bisneto. Sim, com pandemia já controlada, meu filho apaixonou-se por uma moça e engravidaram. Montaram casa e, neste momento, meu neto está com três meses. De certa forma, filho da pandemia também. Deu tempo de irem os dois darem a notícia ao vivo para a bisá, que ficou transbordante de alegria. Era seu maior sonho e fico feliz que tenha realizado antes de partir.

Escrevo essas memórias sentada na mesa em frente à janela. A amoreira está perdendo as folhas amareladas, devido ao inverno. Já voltei para o presencial há tempos, mas nova onda nos leva a ter algumas atividades on-line e este ainda é o melhor lugar para trabalhar... e para escrever. Quantas pessoas se foram e quantos bebês nasceram durante a pandemia? Pergunto-me se as pessoas realmente vão embora – me parece que parte delas fica eternamente conosco. E assim segue o eterno ciclo da vida.



# Pandemia poética

*“Tenho sangrado demais,  
tenho chorado pra cachorro,  
ano passado eu morri,  
mas esse ano eu não morro”\**

Sim, porque se você tem um coração de ferro,  
Ahhh faça dele bom proveito,  
O meu,  
O meu é de carne e ele sangra todo dia.  
Das tristezas da pandemia,  
Dos horrores da idolatria.  
Ah, mas ele também pulsa,  
Da ciência que salva,  
Da literatura que jamais se cansa.  
Ahhh literatura, que transcende, que transforma, que transborda.  
Afinal, não se vive sem fabular.  
E se você é como eu,  
Um incansável viajante à terceira margem do rio,  
Um que insiste em carregar água na peneira.  
Esse recado é pra você...  
Viva!  
Porque a vida é sua maior obra de Arte!

\*TRECHO DA MÚSICA "SUEITO DE SORTE", CANÇÃO DE BELCHIOR, CANTOR BRASILEIRO



## O cheiro da leitura

Ainda lembro como se fosse agora. Era sempre por volta desse horário, quando o sol começava a se pôr. Minha mãe me chamava, e eu, que ainda contava meus cinco anos, não hesitava, ia correndo. Ela se sentava sobre um batente de blocos enfileirados na horizontal, colocados cuidadosamente encostados a uma parede que separava a nossa casa da do vizinho, na qual havia um belo quintal repleto de árvores diversas, em especial um Pé de Laranja que ultrapassava o muro e nos presenteava com uma deliciosa sombra. Ela nunca esquecia o livro, pois esse era o motivo de me chamar para aquele local, onde as coisas eram mágicas, docemente mágicas. Eu me sentava ao lado dela e repousava a cabeça em seu colo. Ela me perguntava se eu estava preparado, e eu respondia que sim, sempre respondia que sim. Depois dessa parte quase que cerimoniosa, o livro era aberto, e uma bela história parecia saltar daquelas páginas.

Esse ritual foi seguido por algum tempo, talvez até por anos, mas eu não sabia o que realmente o tempo significava, tampouco agora que o faço valer dessa forma louca como todos fazem, inconscientemente, quando descobrimos que um dia iremos morrer. Com o tempo, aqueles momentos preciosos deixaram de ocorrer diariamente. Eu crescia a cada dia, como qualquer criança saudável, com o diferencial de estar sendo alimentado pelo sabor enigmático da leitura e pelo cheiro verde de pomar que o vento trazia consigo do quintal do vizinho.

Um fato curioso sobre aqueles tempos é que minha mãe sempre levava o mesmo livro. E, na época, nunca parei para pensar como que podia haver tantas histórias dentro dele, mas isso não era importante para uma criança curiosa apenas em saber o que sua mãe lia. Cada dia havia uma bela e emocionante história. Confesso que algumas não eram tão boas, mas ela dava um jeito de ao menos deixá-las agradáveis de ouvir.

Toda vez que vejo a noite invadir o dia, dominando-o por completo, lembro-me daqueles dias incríveis. Às vezes, procuro um lugar tranquilo, e o silêncio parece trazer a voz dela, interpretando cada frase impressa naquelas páginas amareladas.

Quando eu estava no colegial e já tinha o hábito de ler, podia eu mesmo escolher as histórias que me fariam companhia durante alguns dias, a ponto de me fazer sentir prenhes de cada personagem com quem me identificasse. Por alguns instantes, ou até mesmo por dias, eu podia sentir a alegria ou a aflição de cada uma delas. Sentia raiva de umas e compaixão por outras, de uma maneira tal que havia um quê de inexplicável.

Minha mãe parou de ler. O que mais me chamou a atenção, durante muito tempo, foi que eu nunca a vi lendo para si nem sequer uma receita de bolo. Ela só o fazia para mim, exclusivamente para mim. Então descobri algo que me deixou, a um só tempo, triste e emocionado; no entanto, não convém dizer, pois tudo se faz entender por si só. Fiquei calado. Chorei calado.



O tempo, implacável, fazendo valer sua trajetória de sentido único, continuou a passar, e minha mãe foi acometida por uma doença que a fez perder a visão. Lembrando-me das leituras que ela fazia, resolvi retribuir o gesto e passei a ler para ela. Fiz isso por um bom tempo, e ela ficava quieta, parecendo respirar cada palavra que eu entoava.

Alguns anos após a doença que a cegou, enquanto eu arrumava algumas coisas dela, encontrei o livro que ela lia quando eu era pequeno. Reconheci-o pela capa. O título denunciava que da primeira até a última página havia apenas uma história, e não várias como eu imaginara. Era, portanto, um romance. Isso confirmou o que eu já sabia e me deixou com um misto de sentimentos no peito. Havia muitas verdades nessa descoberta, mas a que mais me importava era esse gesto honroso de minha mãe ter-me feito tomar gosto pelo universo da leitura e, consequentemente, pela escrita. Finalmente eu poderia conhecer a verdadeira história contida naquele livro, mas eu queria compartilhá-la com a pessoa mais importante na minha vida: minha mãe. Num finalzinho de tarde, chamei-a para o mesmo local onde ela leu durante minha infância. Contei-lhe qual era o livro que eu lia e percebi em seu semblante, numa expressão sutil, que ela sabia o que aquilo significava. E o significado não era apenas um gesto de gratidão de minha parte, era algo muito maior que isso: era uma forma de eu dizer que sabia de tudo e que ela não precisava se preocupar. Lembro-me de que nenhuma palavra foi dita a respeito disso. Prefiro que ainda seja assim, estimado leitor. E, embora eu tenha conhecimento da importância das palavras, faladas ou escritas, também sei quão grande é o significado de um silêncio.

Passei dias para concluir a leitura, que era feita sempre no mesmo horário. Ao final da última frase, eu disse que era o fim. Minha mãe sorriu, e eu pude ler aquele sorriso. Ouvi um obrigado sair quase surdo por entre seus lábios, mas eu disse que eu é que tinha de agradecer, e agradei com um forte e afetuoso abraço.

Hoje, anos depois, minha mãe e tudo o que ela fez por mim estão somente na minha lembrança, dentro do meu peito e de alguns poemas que leio. Agora estou aqui, sentado na mesma fileira de blocos, à sombra da laranjeira, escrevendo esse mundo mágico que vivi. Toda vez que sinto o cheiro vindo do quintal do vizinho, lembro-me daqueles dias e penso que esse é o cheiro da leitura. Escrever e colocar tudo aquilo que se sente num papel é mágico, e ler é mergulhar num mar em busca de um oceano de novidades.



## O cheiro da leitura

Como não sentir saudade  
Se em dois momentos me lembro de ti:  
Quando de você eu falo  
E quando não falo querendo exprimir.

Quando ouço o que dizem, de causos antigos,  
Te vejo aqui,  
Numa bela imagem que teima em servir  
De lembrança constante te trazendo a mim.

Como não ter saudade  
Se durmo então,  
Sempre memoriando, com um retrato na mão,  
Sonhando que vives  
Em meu coração.

Como não ter saudade  
Se ouço aqui,  
Aquela velha música  
Composta por ti  
Que dizia “I love”  
E “I need it!”

Como não ter saudade  
Se partiste então,  
Tão repentinamente,  
Sem consideração  
Pelo que houve com a gente,  
Omitindo em vão  
Que com tua partida,  
Levou meu coração.

E aqui o tempo passa  
Só não fazendo passar as lembranças,  
Pulsantes e por vezes tristes, querendo se alegrar,  
Do frescor das madrugadas,  
Onde toda embrenhada  
Eu lhe assistia com olhos de quem só os tinha para  
lhes enxergar.

E aqui te sinto em mim,  
Quando sonho e acordo  
Com a face molhada,  
Sem que tenha vontade, sem querer despertar,  
Pois na dura saudade, das memórias que choram  
Está tudo aquilo que não sei apagar:  
Um timbre tonal, um cheiro de sal,  
Um frescor de manhã.

Fragmentos de um ser  
Que só por miragens,  
Memórias, lembranças  
É capaz de viver.



# Memórias de Querina

Recebi meu nome em homenagem à minha avó  
Tenho seis irmãos, por isso nunca fui só  
Quis ser professora desde o primeiro ano  
Inspirei-me em minha Mestra, que até hoje amo

Cursei Pedagogia, com bastante dificuldade  
Trabalhava durante o dia, à noite ia para a faculdade  
Iniciei minha carreira numa rede estadual  
Agora estou encerrando numa rede municipal

De todos os meus trabalhos, que enriqueceram meu painel  
Destaco, com entusiasmo, a nossa amada AEL



# Sempre Cora

Era 1889, agosto com suas quenturas e ventanias.  
Dava-se início a história da menina Aninha.  
É sobre a coragem de Cora.  
Sua vida, suas obras, seus doces e poesias.

Era Aninha,  
a menina feia da ponte da Lapa.  
A menina feia,  
todos diziam,  
mas a sua grandeza ainda não conheciam.

Sua infância foi reprimida e oprimida,  
nove mulheres a limitavam e impediam.  
Eram suas tias, avós, irmãs e sua mãe.  
A única companhia era a sua imaginação e criatividade ilimitada.

Na escola da mestra Silvina  
sempre foi a aluna do banco das atrasadas.  
Escrever sempre a aliviava, iluminava e inspirava.

Acreditava que nunca se casaria,  
que seria moça velha sem casar.  
Porém, em um dia, entre os encontros literários e muita poesia...  
Conheceu Cantídio, 22 anos mais velho.  
Algo em seu coração brotou.

Ele já tinha sido casado em São Paulo  
e teve uma filha, de outro relacionamento,  
com uma indígena dos Guajajara.  
Isso não era aceito na sociedade de 1911,  
muito menos na pequena Villa Boa de Goyaz.



Foi impedida de encontrar com o seu amado  
e juntos decidiram que Villa Boa estava pequena  
para eles.

Foram para São Paulo. Uma viagem a cavalo que  
durou 16 dias.

Em São Paulo, junto com Cantídio, construiu  
uma família.

Uma nova etapa em sua vida,  
mas continuava a escrever.  
Estava livre das mulheres que a limitavam,  
mas uma nova pedra apareceu em seu caminho.

Cantídio a amava,  
permitia que Cora escrevesse,  
mas não permitia que ela publicasse seus escritos.  
Aninha, Cora Coralina, D. Cora  
encontrou mais um que a limitava.

Cora Coralina era sábia e persistente.  
Continuou escrevendo,  
continuou cuidando dos filhos,  
fazendo doces,  
plantando rosas  
e ajudando o próximo.

Por onde ela passava  
sua marca deixava,  
marca de fé e bondade.  
São Paulo, Jaboticabal,  
Penápolis e Andradina  
Foi mãe, sitiante, roceira  
e também candidata a vereadora.

Goiás a chamava de volta,  
o rio vermelho a chamava,  
os pássaros,  
os sinos das igrejas,

a Serra Dourada a chamava de volta.  
Cidade de Goiás, Villa Boa de Goyaz.  
Com filhos casados,  
já era avó quando voltou.  
Levou consigo 45 anos de produções  
literárias.

Voltou para a casa velha da ponte,  
voltou para o seu rio vermelho,  
voltou para os seus becos.  
Escreveu e publicou seus escritos.  
Aos 76 anos publicou seu primeiro  
livro:  
Poemas dos becos de Goiás e estórias  
mais.

Foi reconhecida por Drummond,  
foi reconhecida como escritora.  
Ganhou troféus e medalhas.  
Continuou escrevendo...  
continuou fazendo seus doces  
e removendo pedras.

Ana Lins dos Guimarães Peixoto  
Brêtas,  
Aninha, Anica, Cora, Cora Coralina,  
D. Cora,  
Cora Brêtas,  
Sempre Cora.

*Homenagem à escritora Cora Coralina*



# Tempo

Pássaro liberto é o passado  
Se da gaiola do futuro  
O presente livre está

## *O que a memória ama, fica eterno*

Fui acolhido em seu corpo  
Filho de sua alma  
Natureza de seus sonhos

Nosso encontro foi caminho  
Nosso amor, Abrigo  
Em meu breve voo de passarinho

Te peço, Mamãe,  
Faça luta de teu luto  
Da invisibilidade, Cor  
Do passado, Futuro  
Da saudade, Amor

Bem te vi, Bem te quero  
No voo breve desta vida  
Em minhas asas te levo  
Da esperança Renascida  
*O que a memória ama, fica eterno*



# Mudança

Aquela não seria uma manhã qualquer...

Acordei e desci as escadas para ver quem estava conversando na sala. Percebi que papai e mamãe já haviam arrumado as malas e finalizavam as últimas caixas que eram levadas para um pequeno caminhão estacionado em frente ao quintal.

Naquele momento, pensei na escola e nos amigos que ficariam na pequena Camanducaia. Nos domingos na pracinha e nas idas à igreja matriz. Nas brincadeiras com Carlinhos e Mariana. Nos cânticos dos pássaros que nos acordavam todas as manhãs. Nada mais seria como antes.

Meu pai tinha conseguido um novo emprego em São Paulo, a terra das oportunidades, diziam os jornais, e decidi mudar-se para a metrópole na semana seguinte. Fechou o pequeno bar que tínhamos na cidade e que, há muito tempo, não havia tantos fregueses, fazendo com que o balcão sempre estivesse repleto de contas a pagar. "Era o momento de mudar de vida para sempre", dizia ele, empolgado com o novo posto de trabalho na cidade grande arranjado por intermédio do tio Zequinha, que já morava há anos na terra da garoa.

Eu tinha oito anos e não conseguia imaginar como seria a vida em um lugar que tinha visto apenas através dos livros ou pela tela da TV. O mundo para mim era uma bola, um circo, um coreto, uma pracinha, o verde das matas que cobriam todo o vale. Era a neblina das manhãs e o cheiro de café quente feito por mamãe no fogão a lenha invadindo toda a casa.

Ficariam lembranças em minha memória, em desenhos, fotos, anotações, papezinhos dobrados em meio a um caderno que era meu companheiro diário. A partir daquele dia, tudo mudaria. Tudo ficaria mais cinzento, mais alto, mais concreto, mais barulhento, mais cheio de gente. Talvez não seria mais possível escutar o canto dos pássaros todas as manhãs, porém era necessário mudar. Já estava tudo pronto.

Fechamos a porta daquela casa, enfim, daquele lugar que ficaria para sempre em minhas mais profundas lembranças.



# O beijo

Ainda lembro de me sentar na carteira da frente, sempre fui uma das mais baixas da sala, usava óculos preso com uma cordinha, pois minha mãe tinha medo de que eu o deixasse cair, sempre fui de família simples, meus pais não tinham muito dinheiro, então tudo que tínhamos, precisávamos cuidar com zelo. Gostava de ir para a escola de cabelos soltos, mas minha mãe os prendia, eu costumava pegar piolhos e, sinceramente, gostava quando minha mãe os tirava, ficava horas deitada em seu colo, parecia muito mais um carinho do que um árduo trabalho, quando lembro minha cabeça ainda coça, mas minha mãezinha sempre foi muito zelosa, o problema é que a escola do bairro tinha muitos pombos e diziam que eram deles que pegávamos os "bichinhos", quase todo dia um colega faltava e logo vinham os boatos.

Eu estava na sexta série, era essa nomenclatura que usávamos, e havia um garoto, ele era tão mais alto que eu, nem me olhava, era apaixonado por outra colega de classe e ela por ele, mas eu nutria um amor platônico, desses que te fazem sonhar com o casamento, com filhos e a casa onde vai morar, ainda quando criança. Passava boa parte da aula segurando o queixo e sonhando com um único olhar, quando ele me pedia um lápis ou borracha emprestada era motivo de alegria, segurava aquele objeto por horas.

Já no recreio olhava e suspirava, comia meu lanche, sonhando em dividi-lo, não com qualquer pessoa, mas com meu amor, é óbvio. É engraçado como os amores da infância são tão inocentes, cheios de ilusão, trazem em si pouca malícia e muitos sonhos.

Mas, naquela tarde, eu estava sentada na escada da quadra de fora, o dia não estava quente, mas também não estava frio, a temperatura estava amena, era uma aula vaga, lia o livro indicado pelo professor de português, "Escaravelho do diabo". Ainda lembro do professor, mas melhor não falar sobre ele, as lembranças não são doces ou agradáveis, ele era careca, parecia estar cansado da profissão, não tinha muita paciência. O livro era da coleção vaga-lume e eu estava perdida na minha leitura, o livro falava sobre uma série de assassinatos e estava envolvida na história.

Enquanto eu lia, meus amigos de sala, como sempre, brincavam na quadra, tínhamos entre onze e doze anos, sabe aquela fase em que não sabemos se somos crianças ou adolescentes? Estávamos nessa fase, muitos eram os medos, mas na mesma proporção as descobertas. A maioria dos meus colegas estava provando o primeiro beijo. Sabe aquele beijo inesquecível, que sonhamos que será perfeito, é desse que estou falando. Eu ainda não havia beijado, e sonhava em ganhar o beijo do meu amado. Todos brincavam de "pera, uva, maçã e salada mista", você já deve ter ouvido falar, cada fruta representava uma ação diferente, aperto de mão, abraço, selinho e um beijo mais elaborado. Eu não estava brincando, mas queria, era minha esperança ganhar o beijo, mas e se outra pessoa me escolhesse, e tinha um colega bem parecido comigo, que gostava de mim, mas que eu não queria beijar, preferi não arriscar.

Além disso, sabia que a colega que tapava os olhos tinha um truque, quando ela sabia do interesse de alguém, apertava os olhos com mais força e assim a pessoa escolhia o seu amado. Mas eu não havia contado para quase ninguém, apenas para minha melhor amiga, mas ela não contaria para ninguém, eu confiava muito e tinha



certeza de que levaria o segredo com ela, nossa amizade era assim, guardávamos os segredos uma da outra, sempre que podíamos estávamos juntas.

Enquanto lia meu livro, ouvia a tão famosa pergunta "é essa?" e logo alguém escolhia uma pessoa e uma fruta e era aquela euforia, muitos deram seus primeiros beijos assim, mas eu, eu nem pensava nisso, ou melhor, pensava, mas como escolher a pessoa certa? Era melhor não arriscar. De repente, bem longe, ouvi a tão esperada pergunta "é essa?", e alguém respondeu "sim", fiquei curiosa, mas continuei de cabeça baixa, tive um pressentimento esquisito, parecia que alguém estava apontando para mim, mas eu não estava brincando, então não tinha com o que me preocupar, até porque aquela voz não era estranha, me deu um frio na barriga, um misto de ansiedade e desespero, mil possibilidades passaram pela minha cabeça, era melhor continuar de cabeça baixa, mas em um ímpeto, levantei, olhei por cima do livro e para quem o dedo apontava, adivinhem? Sim, era para mim. Meu impulso foi logo dizer, que não estava brincando, que não fazia parte daquilo, afinal, ele escolheu que me daria um beijo...relutei, me esquivei, meu coração disparou, não era possível que estava acontecendo daquele jeito, não foi como sonhei ou imaginei, mas não via muita alternativa, não encontrei uma forma de fugir. Decidi enfrentar toda ansiedade e lá fui eu, para o primeiro beijo, assim que acabou, percebi que era o dia mais feliz. Mas não o meu e sim do garoto que gostava de mim, assim que acabou, corri e lavei a boca. Hoje lembro com carinho e acho graça, afinal, nem foi tão ruim assim.



# Escape

Os dedos gordinhos tamborilavam no escuro, entre as hastes da beliche, mas não havia um som. Como escrever o silêncio sentido na pele?

As insônias – ainda sem nome – eram dedilhadas, sem saber que no mundo existiriam tantas e tão pesadas teclas.

Outras vezes, ousava a regência dos roncões da família, imaginava uma música para espantar o medo dos barulhinhos da casa. O motor da geladeira sempre atrapalhava. O autodidatismo musical não iria muito além disso. Cresceria sem ritmo, incapaz de cantar parabéns e bater palmas ao mesmo tempo. Fugia dos aniversários.

A mãe dizia que a menina nascera assim, meio coruja, trocando o dia pela noite desde sempre. Muitas vezes, na madrugada, olhava para o berço e lá estava ela, de olhos arregalados no escuro, examinando a dança das sombras formadas pela luz que se infiltrava pelas frestas da janela. Não chorava. Parecia não esperar nada. Durante o dia, queria dormir.

Talvez por isso, todos com o tempo foram deixando de prestar atenção ao que acontecia, demorou um pouco para que percebessem quando a criança de pouco mais de três anos saiu de casa pela primeira vez, decidida a ficar com a madrinha, naquele distante paraíso no final da rua. Lá havia um outro silêncio: o riso nos olhos da tia-avó, bordando alguma coisa, o tio trazendo o pão quente, o cheiro de café... Mas um par de mãos levantou a menina do chão, entre a gargalhada de todos, e antes que ela percebesse, já estava de volta à velha casa.

Enquanto crescia, aprendeu a bordar seu silêncio nas tagarelices, a inventar mentiras que lhe permitissem conviver com a verdade de cada lugar – pelo menos enquanto fosse possível.

Em insônias, saía de lá, daquela mesma casa, muitas vezes. Uma noite, notou que já não dedilhava. Talvez não tenha voltado.



# Quando tudo apagou

O mundo que foi meu  
Vivia repleto de nascimentos, festas e alegrias...  
O mundo que foi meu  
Também salpicou  
Tristezas e decepções.  
Que foram trilhadas do passado  
Refletidas no presente  
E transportadas para o futuro.  
Mas tudo se desfez em ilusões,  
pois:  
Meu futuro já não é meu  
Meu presente é passado  
E meu passado é o único presente que me guia.

*Em homenagem a Maria de Lourdes Ferraz da Silva.*

PORTADORA DE ALZHEIMER

EDUCADOR(A)

**rita de cássia da silva alves** (pseudónimo: **TASSIA ALVES**)  
DRE GUANANASES | CEU ÁGUA AZUL | EMEF INZARÉ NERI DE LIMA



## Sobre des<sup>+</sup> encantos

Uso de abstrações, porque o real é absurdo.

"Preciso de tempo para entender o que escrevo". Falam-me isso, como se anomalia fosse. Durante muito tempo, acreditei. Reconheço. Engulo palavras...

Migrante de alma e paisagens, não sei sobre as tentativas de fixar textos no corpo. Sou fugitivo do destino deus. Transitivo. Dissidente.

Ele nunca soube bem de si... Sua história sempre foi contada a partir da boca e percepções dos outros. Os outros, aliás, sempre foram sua referência de existir. Chegava a admirar quem gritava no mundo com força e vivia suas mentiras, verdadeiramente!

Olhando no espelho, ele não conseguia se ver! Estranho e inadequado ele sempre tentou se adaptar. No entanto, sempre foi dotado de uma memória que conseguia descrever o que observava, de um ponto de vista singular (mania de ler)! Desde criança, conseguia narrar e estabelecer conexões que, às vezes, só estavam em sua mente!

Sempre soube da dor, sempre a espreitou, e esta tornou-se condição! De volta para casa, ele recriava mundos! Podia ser tudo o que imaginava!

Na verdade, ele é tantos, na procura de reconciliação, espelho quebrado desde nascença. Ele se enxerga em todos! A literatura é seu portal! Seu descabimento! Não se acha mais em ninguém! Tornou-se memória, cada vez que seu corpo acorda!

Escreve em bastidores de metais enferrujados. Os fios são curtidos, no compasso menor.

Um "Jão" que sabe ler o mundo, provisoriamente!

Pensando sobre isso diante das Bandeiras Verdes Amarelas, ainda hasteadas, símbolo do Varonil País.



# A casinha

Era uma casa muito engraçada, tinha teto e não faltava nada.

Todo mundo entrava nela, sim, porque chão tinha ali.

Todo mundo podia dormir na rede, porque nessa casa, também, tinha parede.

Todo mundo podia fazer xixi, porque penico não faltava ali.

Era feita com muito avexo, no povoado de Araçás, na cidade de Euclides da Cunha – Bahia.

Há... Como o tempo passa...

Quanta saudade que no peito dói e maltrata, deixava-me triste, pensativo e ansioso para o encontro.

Encontro que só era possível após passar por aquelas estradas escuras, cheias de mato e com a poeira levantada pela carreira dos carros que por lá passavam; chegar ao povoado, atravessar a porteira de madeira, presa por um fio de arame; correr pelo terreiro de terra vermelha, dourada pelo sol escaldante do dia, e assim, chegar naquelas paredes amareladas, com a porta verde, simples amadeirada, dividida em duas partes - fechadas com um prego por dentro, mas segura pela fé e proteção de Deus e da virgem Maria, a quem tanta veneração e confiança lhes prestam quem lá habitava. Ao abri-la, a encontrava alegre e sorridente, de braços abertos para receber-nos a contento.

Nesse momento, o amor exalava, a saudade se acabava e a alegria se refazia. Beijos eram roubados, bênçãos pedidas e dadas, e as notícias de todos que ficaram eram contadas.

A noite perdurava e o dia no horizonte apontava, sendo anunciado pelo galo que, com forte gogó, cantava: cucurucucu...

No espetáculo do amanhecer da roça, o cheiro de café as ventas nos tocava e o cuscuz,quentinho, nos alimentava, assim, nos remetia às memórias da infância - sofrida, polida, mas feliz; onde o galo cantava, a galinha ciscava e os pintinhos piavam; as crianças sob o sol escaldante brincavam, enquanto o almoço se preparava cozido em panela e caçarola, com água que do tanque se tirava e que também, com ela, se enchiam os filtros e as talhas de barro.

Os dias se passavam, encontros e reencontros aconteciam e assim se alongavam dias e dias, mas logo a partida se aproximava e a tristeza voltava a assombrar. Lágrimas tomavam o rosto e revelavam novamente a dor da despedida - ambas as partes sofriam, mesmo contidas, mas sabendo que o amor existia para além da distância em que viviam.

Mãe Lourdes sempre estava e estará esperando de braços abertos, em sua casa engraçada que tem teto e não falta nada: nem chão, nem parede, nem rede ou penico e, principalmente, amor e acolhida.



## Os 20

Fui tão feliz, e feliz sou  
Dei risadas e contigo ele chorou  
Trilhei veredas  
Caminhos andei  
Visitei sonhos  
Outros abandonei  
Concretizei projetos  
Morri também  
Sangrei nas manhãs  
Me curei às 15h  
Renasci aos 20 e poucos  
E desejei seguir  
Tropecei no ego, e longe caí  
Tive erros de acertos  
E acertos que erreí  
Fui feliz e feliz eu sou  
Obrigado menino  
Criança acordou



# Minha lista de memórias da infância

1. Adamantina. A pequena cidade na parte oeste de São Paulo, que sempre é confundida com a irmã mineira. Esta pequena cidade me conheceu com apenas 15 dias, sim, eu tão pequena já tinha percorrido os 600km que a separam da capital.
2. Um quarto cheio de bonecas. Duas ou três compradas com muito sacrifício, mas especialmente para mim, e outras que recebi com muito carinho das primas mais velhas que já não brincavam mais. Todas elas participavam das brincadeiras e sonhos da menina de cabelos amarelos que refletiam o sol.
3. A escola infantil de alfabetização. Esta desbravei mesmo antes da idade, por ser filha da professora. Seu pátio de piso vermelho encerado que brilhava, a casinha de bonecas – refúgio de todas as meninas, os brinquedos do parquinho, as festinhas típicas e alguns passeios que ficaram na memória.
4. A casa do outro lado da rua. Era a casa da Vó Lúcia. Claro que tinha o Vô Nego, mas a Vó que apesar de pequenina e curvada pela artrose, era tão forte e ativa que todos a obedeciam. Sua cozinha sempre repleta de bolachinhas de nata, de pão caseiro quentinho com manteiga, de massas frescas de macarrão e que, aos domingos, reunia a família para a tradicional macarronada com frango assado.
5. A Igreja das Missas de domingo. Aquela que meu pai conta com orgulho de ter participado da sua fundação e na qual seu casamento com mamãe foi um dos primeiros a serem celebrados. Durante as missas, me era permitido cochilar encostada em meu pai durante a longa homilia. Eu adorava cantar as músicas e participar das orações, mesmo daquelas que apenas repetia sem entender.
6. A rua Arno Kiefer. A rua de cima da nossa casa. Era uma rua calma e plana que toda noite se tornava o pátio onde todas as crianças da vizinhança brincavam juntas, não importando a idade. Pega-pega, pique-esconde, taco, vôlei, passa anel e salada de frutas. A brincadeira ia até tarde ou até que eu ouvisse um assovio longo, era meu pai nos chamando. Hora de voltar pra casa.
7. O sofá de alvenaria da sala de casa. Era o "escritório" de mamãe onde se encontravam atividades e provas de seus alunos, e seus catálogos de produtos que revendia. Bem no centro, o único espaço vazio, destinado somente a ela. D. Eulália trabalhava além das horas escolares e, quando o cansaço a vencida, cochilava um pouquinho, mesmo que nunca admitisse. Lá eu me aproximava, feito uma gatinha, para pedir um cafuné, eram momentos preciosos de carinho entre mãe e filha.
8. A estante de livros de papai. Com orgulho e cuidado lá estavam a grande bíblia dourada, enciclopédia, e a coleção dos clássicos da literatura juvenil em capa dura colorida. Seguindo o exemplo de papai, eu explorei e viajei em todas as histórias.



9. O esconderijo dos bombons. Eram caros para a época, mas era o luxo a que o Vô Nego se permitia. Eles ficavam em cima do suporte de calças do Vô dentro do guarda-roupas. Eram consumidos com parcimônia e os únicos intrusos que podiam partilhar deste prazer éramos nós, os netos caçulas. A vó dizia: "Vai lá no guarda-roupa, pega um bombom pro vô, e um pra vocês!". Íamos rápidos e saltitantes, e comíamos juntos, bem devagarinho, saboreando cada pedacinho!
10. A gigante mangueira de manga manteiga. Fazia uma sombra mais que agradável para o calor da cidade, e era o local favorito para as tardes de verão. Vó Lúcia pegava uma bacia pequena e a faca de cortar frutas. Alessandro se preparava para subir e escolher as melhores e mais suculentas mangas. Eu e Vô Nego apenas esperávamos para compartilhar aquela fruta tão deliciosa.

O Vô, a Vó e a Mãe já se foram para um lugar melhor (eu acredito que sim!). O irmão se mudou para outro estado e quase nunca visita a cidade. A velha casa de madeira da vó não existe mais, e nem a mangueira. Só papai continua lá, velhinho, mas ainda bem consciente para contar suas histórias.

Eu também não estou mais lá, vim pra São Paulo, e quando posso faço uma visita. Mas as lembranças, estas estão sempre comigo, elas me lembram da infância maravilhosa que tive e me dão energia para continuar vivendo.



# *AEL em minha vida*

Em 2015, a semente foi lançada  
Uma pessoa, por nome Suelizinha, nos foi apresentada  
O projeto AEL compartilhado foi muito comentado  
Conhecendo-o melhor, fiquei encantada

Que projeto grandioso  
Por cerimônias era marcado  
Eu pensava...para que tudo isso?  
Saí do curso um tanto incomodada.

Em 2017, por fim, para um evento da AEL fui convidada  
E para a Faculdade Zumbi dos Palmares rumava  
Para ouvir uma palestra de Kiusam de Oliveira  
Que já há algum tempo admirava

2018 abracei o que realmente amava  
O projeto AEL que tanto vislumbrava  
Literatura e arte era o que o aluno esperava  
Fiquei perplexa com o tanto de aluno que me procurava

2019 – AEL Carolina Maria de Jesus homenageia Machado de Assis  
Com a apresentação "A FLOR E A NÁUSEA"  
Machado conversa com Carolina, numa conversa informal  
Onde se colocam politicamente, diante de um Brasil ainda colonial

2020 veio a pandemia, o que nos aguardaria?  
Tempos desafiadores,  
E para o bem de todos a AEL esperaria  
O projeto foi tocado pelas tecnologias e, neste ano mesmo, lei se tornaria



2021 AEL ficou suspensa  
Projeto por muitos amado  
Esperando a ciência  
Neste ano então ficou parado

2022, com a vacina no braço  
Professores e alunos se encontrando num abraço  
Tentando entender os malefícios da distância  
Da falta da leitura, da AEL e do Leituraço.

Meus queridos, tudo ocorre em seu tempo  
Só posso dizer uma coisa  
Não esperem vitórias sem luta e até sofrimento  
O final desta história fazemos nós da AEL em todos os momentos e sem isolamento.

Ano do centenário da Semana de Arte Moderna de 22  
Ano da Bienal do livro de São Paulo, nos encontrar, que alegria  
Descobrir-se e revelar-se autor neste ano de memórias,  
Vai ser uma folia.



## *Humanidade em luto (Fevereiro de 2022)*

Motivações inválidas para um corpo desmedido, fragmentado em perdas (não ganhas), ausências mesmo daqueles que nunca conheceu. Incompreensível para uma sociedade limítrofe, que se encerra em regras do sentir. Fala que não alcança, gesto que não toca, face que não reage contra o organismo (quase) dilacerado. As máscaras evidenciam aquele que vigia, olha somente o que está fora de si mesmo, o outro artificial. Confinamento em três lugares, interligados na absorção do mau comportamento, para evitar a solidão profunda, desloca-se para o cerne que lhe deu origem, submetida a falas determinantes do que corrói em cada interior, como livramentos intercalam de modo acumulado coisas “negativas” que inevitavelmente afetam o visitante que oprime sua essência em detrimento com a memória, e culpa (voluntária), assumida sem o próprio consentimento. Corrompido, quase cede, paralisa contra o fluxo de sua própria existência. Reproduz em sociedade aquilo que recebe gratuitamente, a rejeição. Dejetos de um corpo. matéria viva sem alma.



# *Ser ou não ser*

Você sabe o que é levar uma geral aos nove anos  
indo comprar tubaína?

Você sabe o que é ouvir que seu destino  
transita entre o presídio e a cocaína?

Que você é feio  
e a beleza é coisa que nunca te avizinha?

Que você é burro  
e não terá o futuro que tanto queria?

Que as tuas qualidades são poucas  
e somente as loucas te admirariam?

Aos trancos e barrancos  
se aprende o que é ser preto  
E o que é não ser branco

Se sabe os caminhos tortos  
para não sermos mortos  
Se sabe todas as encruzilhadas  
de uma vida ferrada  
Se aprende a chutar a porta  
que te batem na cara  
Em não se submeter  
a essa branquitude empoderada  
A abrir caminhos  
no carinho e na porrada  
Provando ser aquele  
que não se esperava  
E não ser apenas  
uma lápide fúnebre  
pré-fabricada.



## *O melhor da infância são as lembranças*

Não via a hora de as férias chegarem, toda vez, eu viajava para o lugar mais mágico do mundo, a casa dos meus avós.

Cheiro de mato, pés descalços, terra vermelha, gosto de infância. Casa simples no interior de São Paulo, viagem longa, ansiedade de criança pra chegar logo e as famosas frases que ouvia dos pais “dorme pra chegar mais rápido”, “se não dormir, não chega”... dorme, acorda, come, “tá chegando?”.

Ao chegar, a felicidade em saber que ficaria naquele lugar encantado, muitos dias, mais de um mês, que alegria!

Saudade das primas, todas as tardes brincávamos de tudo, principalmente de casinha e comidinhas de barro. Às vezes, íamos para um lugar mais legal ainda, o “corgo” (que hoje não existe mais), a água transparente, que batia na coxa e tinha uma cachoeira deliciosa para ficar embaixo, sentindo a água cair na cabeça e no corpo, que sensação maravilhosa!

A vó, tão doce e carinhosa, o vô, bruto e zangado, a rotina tão diferente, os horários outros, às 5h da manhã, o dia se iniciava na roça e na costura, a noite chegava mais cedo ali, mesmo sem ainda anoitecer. A casa dos meus avós era rodeada de pés de manga, comíamos mangas as férias inteiras, tinha também o doce da cana, o cheiro das laranjas nos pomares, isso sem falar nos pães cilindrados assados no forno a lenha que a vó fazia, comer aquele pão com manteiga, que delícia!

Em meio a cheiros, sabores e sensações inesquecíveis, os dias passavam, até voltar para a realidade, para a casa e para a escola, aguardando ansiosa as próximas férias.



## No canto da foto

Já começo avisando a quem lê estas palavras: a memória que vai ser contada aqui não é ficcional. Está registrada até em foto! Aliás... é exatamente por causa dessa fotografia que este relato existe.

Minha infância, posso dizer que foi privilegiada no quesito passeios e viagens. Muitas vezes, nem esperávamos as férias. Cismava-se com qualquer final de semana, ensolarado ou não, e lá íamos nós, no 4x4, ano 1965 do meu pai, munidos do velho guia de ruas e rodovias, uma garrafa de café e quitutes, feitos na noite anterior por minha mãe e minha avó. Mas era nas férias, com a possibilidade de viagens mais longas, que as aventuras mais bizarras e inesquecíveis aconteciam.

Não me lembro do ano exato, mas, como de costume, fomos passar uns dias na casa dos primos no interior paulista. Para ser mais precisa, em Itapira, cidade onde nascera minha avó materna. Todos moravam na zona urbana, com exceção de um. Ele e a família eram os únicos que continuavam na fazenda onde haviam se instalado os primeiros a chegar da Itália, algumas quatro gerações atrás. Eles tinham alguns animais, entre galinhas, gatos e cachorros, mas, dentre estes, Elegante se destacava. Era verdadeira sombra do seu dono, o primo da minha mãe. Mas quando eu chegava, tornava-se minha sombra.

Minha mãe sempre levava sua câmera com 36 poses nas caminhadas pela antiga fazenda, boa parte abandonada; Elegante sempre junto de mim. As mais conservadas eram as modestas casas de colono, onde meus primos moravam. E a graciosidade delas quase encobria o amargor que aqueles alicerces guardavam. Afinal, as casinhas aproveitavam a estrutura do que outrora fora a senzala. Isso, somado às várias histórias que ouvia, desde pequena, sobre aquele lugar, criaram um manancial de fantasmas em minha memória. Uma dessas narrativas contava que a dona da fazenda fora sempre tão cruel com os escravizados que, quando estava em seu leito de morte, passou horas gritando e falando com pessoas que ninguém conseguia enxergar, até finalmente deixar ir seu último fôlego.

Lá passamos ainda muitas férias. Até que, numa delas, notei a ausência daquela fiel presença que sempre me recepcionava abanando a cauda. "Foi jararaca", disseram. Elegante morrera semanas antes para salvar seu dono, durante o trabalho na lavoura.

Chorei muito. Queria ir embora, mas, por intervenção de minha mãe, acabaram me deixando viver aquela tristeza durante toda tarde. E mesmo ninguém tendo contado nenhuma história bizarra, aquela noite encheu meus sonhos de cães e cobras.

Acordei com o clique do rolo de filmes novo sendo colocado na "máquina fotográfica", como dizia minha avó. O cheiro de café pairava no ar e minha mãe, na tentativa sutil de me animar, propôs um passeio mais longo para aquela manhã ensolarada. Meus primos iriam junto, para nos guiar.

Foi inevitável lembrar Elegante ao longo do caminho, mas aquela tristeza profunda começava a virar saudade, misturando-se às novas paisagens. Assim, depois de um tempo de caminhada, avistei o objetivo calculado pela



minha mãe para me animar: a velha casa grande. Astuta como ela só, minha mãe sabia do meu gosto, herdado dela, por ruínas e casas antigas desde a mais tenra idade.

Exploramos a casa com cuidado, pois havia muito estava abandonada. Em alguns cômodos, a natureza tomava de volta o que sempre foi seu. Havia uma beleza que ainda pesava sobre o lugar; na época eu ainda não entendia bem. Minha mãe fez algumas fotos, mas guardou uma para captar a fachada do casarão. Para guardar mais do momento, disse pra criançada que lá estava, meus primos e eu, para nos postarmos na escadaria. Houve aquele silêncio de foto, que terminou em risadas, que ecoaram pelos dias seguintes.

A despedida dos primos foi como sempre, cheia de falatório, abraços e mãos abanando até virarem pontinhos no retrovisor.

No dia seguinte, na nossa volta para casa, meu pai levou os filmes para serem revelados. Tínhamos que esperar um ou dois dias para podermos ver as fotos. Mas o grande dia chegou e, ansiosos, abrimos os envelopes. Queria mostrar logo o velho casarão para minha avó.

Com a calma de quem viaja a outros tempos, minha avó foi contemplando cada foto, passando-as para nós em seguida. Então, entre suspiros melancólicos e ternos sorrisos, ela franziu a testa e, com a foto na mão, indagou por que havíamos mentido pra ela que o cachorro havia morrido. Diante do nosso silêncio confuso, minha avó estendeu a fotografia para olharmos melhor. Confesso que, mesmo depois de décadas, sinto o mesmo frio na espinha de quando botei os olhos naquela imagem pela primeira vez. No canto da foto, em pé, no degrau, o heroico Elegante continuava ao meu lado.



# Dentro do meu matolão

Lá, em Pernambuco, tudo era diferente  
Labutava diariamente  
E um dia, sem comida  
Pra São Paulo dei partida  
Aqui nada foi tranquilo  
Duras palavras ouvi  
Mas, com elas, aprendi  
Aos poucos me restabeleci  
Trabalhando pelas ruas  
Dessa imensa cidade  
Carregando, para muitos, o que não tinha validade  
Suado e com muita dor  
Pude tudo sobrepor  
E foi em meio a tudo isso  
Que, um dia, encontrei um livro  
Ele veio me libertar  
E o brilho, outra vez, chegou em meu olhar  
Era como poesia  
Me trazendo esperança  
E retomando a alegria  
Que já não tinha desde criança  
Mas um dia, eu ousei  
Na biblioteca pública adentrei  
Foi ali que renasci  
Minha mente se expandiu  
Porque a leitura me nutriu  
Depois disso, fui além

Aos estudos retornei  
Hoje faço meu mestrado  
Também sou professor concursado  
Minha vida transformei  
E com o diploma de doutor  
Dentro do meu matolão  
Muito em breve voltarei  
Porque no coração  
Estarão guardadas para sempre  
As mais belas lembranças do meu  
sertão.



# Paz

Pelos campos gelados de maio  
Em uma visita amorosa e acolhedora  
Reencontrei minha ancestralidade  
Entre sorrisos doces e olhos de amor  
A infância visitou-me entre as flores  
Como num transporte do tempo...  
Aquele jardim lembrou a casa da vó  
Cheiro de café fresco, colhido por ela  
Sorrisos por anos desconstruídos  
Voltaram com gosto de saudades...  
Com doces lembranças  
Do balançar...  
Das brincadeiras natalinas...  
Daquilo que não volta mais.



# Memórias, ancestralidade Griô

Minhas memórias se iluminam, ao lembrar dos finais de semana na casa de meus avós, na Cidade de Ferraz de Vasconcelos, Grande São Paulo. Uma cidade pitoresca, que outrora foi conhecida como "Cidade da uva".

Éramos tantos netos, dezenas de meninos e meninas que brincavam em um quintal enorme. As brincadeiras aconteciam em meio a diversas aves que ciscavam e cantarolavam; cachorros correndo para lá e para cá; gatos que subiam no telhado da casa ou se embrenhavam no mato das chácaras vizinhas, das plantações de flores, verduras e árvores frutíferas. A casa era de cômodos e telhado de barro, foi construída em um morro bem alto, exatamente ao "pé do morro" como diziam nesse tempo. Subíamos a pé e dava a impressão de que nunca chegaríamos na bendita casa.

Além das brincadeiras, tinha um outro momento muito importante, ao menos para mim era muito importante, a hora de ouvirmos as histórias contadas pelos meus avós paternos: Seu Adão e dona Maria. E lá ficávamos atentos a cada fala, a cada passagem da história daquelas pessoas de semblantes sofridos e envelhecidos pelo tempo.

Minha avó, uma mulher de estatura baixa, cabelos pretos e lisos. Nasceu filha de portugueses em maio de 1916, não chegou a conhecer seus pais, fora adotada por uma família de Belo Horizonte. Sempre ouvi dizer que seus pais adotivos eram afortunados e prósperos. Nunca os conheci e nem sei se é verdade essa conversa de serem afortunados e bem de vida.

Mas minha avó era pobre e vivia de maneira muito simples, porém tinha lá bem no fundo, bem no fundo mesmo, uma certa arrogância e orgulho que só aqueles que conheceram a fome, o frio, a falta de tudo podem dar-se o direito de ter quando conseguem a superação e a conquista de condições dignas de vida, mesmo que sejam mínimas.

Seu olhar firme e austero lhe acentuavam as rugas no meio da testa, o que lhe conferiam o adjetivo de "mulher braba", destemida e forte. Mãe de onze filhos, trabalhava arduamente para manter a família, a casa e suas tarefas religiosas que realizava na Igreja Central Nossa Senhora da Paz. Sua beleza escondia-se atrás de uma pele acinzentada do fogo a lenha, do cansaço de cuidar dos filhos e filhas, da casa, da roupa que lavava para fora, de lidar com a fome e falta de dinheiro para o sustento de todos. Mulher de fala ríspida e imperativa, apresentava traços feministas em seu discurso e em suas ações, mesmo sem saber que esse termo existia. Não deixava que ninguém a interpelasse ou dissesse o que devia ou não fazer de sua vida. Não aceitava mando e desmando de nenhum de seus cinco filhos homens e nem de seu esposo. Isso em um tempo histórico em que o patriarcado e o machismo imperavam com todas as nuances possíveis dentro das famílias.

Quando chegávamos em sua casa, sempre estava realizando seus afazeres: catando gravetos e troncos pequenos para o fogo de lenha no matagal, matando uma galinha para o almoço, engomando as camisas brancas de seus filhos e de meu avô ou atrás de suas ervas para o benzimento das crianças e adultos que a procuravam com sintomas de bucho virado, mal olhado, verme e outros males que afetavam as pessoas do entorno de sua casa. Uma católica de muita fé, que recebia os padres das basílicas das cidades do interior de São Paulo, como também das cidades de Caeté e Belo Horizonte. Apesar de ser católica fervorosa, também exercia seus momentos de bruxaria, quando se utilizava da alquimia, no preparo dos banhos de ervas, dos chás, dos arranjos alinhados de



ervas que serviam para varrer os miasmas que invadiam as casas com energias negativas, de quem por ali passava, e dos benzimentos. As pessoas a conheciam como Dona Maria benzedeira.

Meu avô, um homem negro, de olhar terno e carinhoso que transparecia em um par de olhos verdes com tons alaranjados como as folhas no período de outono, sobre uma pele cor de ébano que se harmonizavam em um equilíbrio perfeito. Nascido em Minas Gerais em 1912, filho de uma mulher negra que nasceu durante o ano de 1888 e cresceu na casa de uma família portuguesa, onde trabalhou sem remuneração, mesmo tendo nascido após a Lei do ventre livre.

Em uma dessas histórias contadas, meu avô dizia que sua mãe se suicidara, devido tamanho sofrimento e infelicidade que a vida lhe causara. O pai, ele não conheceu. Penso que nessa época poucas crianças negras tinham o privilégio de conhecer seus pais e serem reconhecidos por eles.

Um certo dia, estávamos, eu e minhas irmãs, em um dos cômodos da casa de meus avós onde as histórias corriam soltas, depois do almoço. Meu avô dizia que havia roubado minha avó a cavalo, nas terras onde ela morava. E assim fugiram para se casarem em outra cidade de Minas. Eu, como boa ouvinte e criança, imaginava a cena em minha cabeça: "meu avô montado em um cavalo preto enorme, passando na varanda da casa de minha avó e ela pulando na garupa, escondido dos pais dela, para ficarem juntos e felizes para sempre". Mas do nada ouvia uma voz forte e imponente dizendo bem alto: "ninguém me roubou não, eu fui porque eu quis, e não teve cavalo nenhum, fomos de trem para Caeté, não fica inventando lorota para as crianças de 'Rerê' (apelido de meu pai, um dos filhos caçulas deles)". Mas meu avô, não se dava por vencido e continuava a contar seus causos de menino e adolescente.

No meio das contações, entre concordâncias e discordâncias por parte de minha avó, ele enchia seus olhos de lágrimas quando falava da morte de sua mãe, do sofrimento que passou por morar sozinho nas ruas, desde pequeno, por não conhecer seus irmãos que foram sendo distribuídos por todos os cantos assim que nasciam, para não gerar gastos extras para a família a qual sua mãe servia. Ou mesmo quando lembrava que minha avó foi esquecida pela família quando fugiu para morar com ele. Fugiu com um homem negro, filho bastardo de uma mulher que engravidou solteira, um homem preto, pobre e sem futuro, como diziam os brancos, que até hoje se acham superiores e melhores que a humanidade toda junta.

Contava ele, que para conseguir sobreviver com seus filhos e minha avó, precisou vir para São Paulo. Chegando aqui foram morar no bairro da Penha, em uma região bem afastada. Nesse bairro, meu avô conseguiu um trabalho na Tecelagem Santa Therezinha, próxima à extinta estação Carlos de Campos. E nesse mesmo bairro criou seus filhos e casou alguns deles.

Na década de sessenta, conseguiram comprar um terreno na Cidade de Ferraz de Vasconcelos, construíram a primeira casa própria e assim deixaram o aluguel.

Meu avô, senhor Adão, e seus filhos precisaram enfrentar muitas discriminações, muito racismo e tudo o que ser negro e pobre no Brasil pode oferecer.

Nem todas as histórias contadas foram de tristezas, mas também relatos que anunciaram conquistas, amores e experiências vividas, a própria vida pulsando.

Posso afirmar que meus avós assumiram em nossa família o papel de Griôs, passando seus saberes e fazeres tanto para seus filhos como para os netos e bisnetos. Assim, dando continuidade à construção histórica e social da cultura de seus ancestrais.



# Cheiro de infância

Uma música, um livro, um filme, um cheiro...

São suficientes para nos transportar para um tempo longínquo. Numa dessas viagens que nem dá vontade de retornar.

Vou contar para vocês uma dessas aventuras fantásticas, vividas por uma garotinha chamada Clara, que estava mudando para uma nova casa e, com certeza, uma nova vida, com sua família.

Sua mãe dizia que era um vilarejo mágico, muito simples e muito especial!

A ansiedade tomava conta do coraçãozinho de Clara, seus olhinhos pretos, feito jabuticabas, brilhavam de alegria.

Finalmente haviam chegado...

Que lugar fantástico, uma casinha pequena, branquinha, e todas as outras casas eram parecidas, cada qual de uma cor diferente, enfeitadas com flores, que beleza. As casas formavam um círculo e, no centro, uma praça linda, que, para Clara, parecia mais uma floresta, havia muitas árvores gigantes, crianças brincando, flores coloridas e muitos bichinhos para sua alegria: joaninhas, borboletas, pássaros, besouros, tatus-bolas e o bichinho preferido de Clara... as paquinhas, um gosto bem peculiar.

A brincadeira e a fantasia iniciavam ao nascer do sol e duravam até o despontar da lua no céu. Clara era tão pequena que ainda não frequentava a escola, mas sonhava e se encantava com as crianças maiores realizando suas tarefas escolares, como os adultos chamavam. Hummm... cheirinho de caderno novo, lápis de cor ... um sonho!

Sonhava também em ser bailarina, essa pequena menina.

Nesse tempo, nem havia televisão na maioria das casas, as crianças brincavam de pega-pega, esconde-esconde, bola de meia, bonecas feitas de sabugo de milho. A farra era tanta que cansava e, no final do dia, era banho, cheirinho de bolinho de chuva, bala de café, suspiro...

Cheirinho de infância, que ficará para sempre guardada no coração, na memória e na vida de Clara, que cresceu e aprendeu a ler e escrever e não virou bailarina, virou professora.



40 dias, 40 semanas, 40 anos  
Velozmente se formam  
Na poeira do tempo  
Na poeira das estrelas  
Que se formam nas noites  
Que nunca aproveitei em quartos  
Por desaguar em mares  
E perceber as vagas que há  
No respirar pausado  
Comprimido entre batidas  
De portas  
Por encontrar na corrente  
Que engana que inflama  
Os pensamentos digitalizados  
Na impressora,  
Na memória,  
Na decepção da vaga,  
Minha alma arredonda a conta  
Não em copos cheios de química  
Mas em águas e círculos  
Que descem pela minha garganta  
Quiçá minha vida fosse um nó  
A doar formatos seguros  
De aparecer em seu olhar duplo  
Ao repetir minha presença  
Em seus passos tranquilos.  
Queria ser a sombra, e a luz que irradia

Assim eu poderia ofertar  
Tapas e alívios  
Quando a soma de nossos oferecer  
A contagem multiplicada das pérolas  
A descer pelos vitrais  
Que desfalece diante da música  
Compassada e dura  
Que sai da sua boca, mãe.



## Memórias daquela casa

Era uma quinta-feira comum, retornando do trabalho, assim como os demais dias, mas, ao perceber que a data da mudança se aproximava e que em poucos meses eu não faria mais o meu caminho rotineiro de volta para casa, aquela sensação de saudade, sem mesmo estar sofrendo a ausência no presente momento, já se abrigava em meu peito.

Algumas pessoas não entendem muito quando falo que sinto saudades da casa onde morei por mais de 20 anos com a minha família. Não é uma questão de espaço físico apenas, um bairro ou um lugar. É muito mais do que isso. Foram tantas vivências naquela área de poucos metros quadrados, mas que abrigou uma família inteira com animais de estimação. Animais não só nossos, mas os de vizinhos também. Aquela casa acolhia visitas, conhecidos, crianças, amigos, parentes, cachorro, gato, tartaruga, todos sempre foram muito bem recebidos, com um copo de café ou uma bolacha de água e sal.

Aquela casa também presenciou momentos muito difíceis e dolorosos, mas, por sorte, havia um quintal que servia de refúgio para parar e respirar sentindo a brisa do vento no rosto, secando lágrimas, ajudando a tomar fôlego para continuar seguindo. E por falar em seguir, é por estar seguindo o curso da vida que não estamos mais morando naquela amada casa. Cheguei nessa morada iniciando a adolescência junto de meus irmãos e pais, e hoje, entro em uma nova morada, mais especificamente um apartamento, pois a vida adulta e profissional já não permite ficar debaixo das asas de nossos pais, além de ser também uma conquista de conseguir um lugar próprio para chamar de meu. É para frente que devemos caminhar, traçar novos planos e viver novas fases. Mas é engraçado como, mesmo a casa não sendo nossa, pois era alugada, a sensação de pertencimento e de apropriação nunca esteve tão forte. A questão não é a diferença entre casa e apartamento, pois ambos têm seus prós e contras, mas sim, o "recheio", as experiências. Acho que esse apego à casa diz mais sobre essa realidade de crescer, de se tornar adulto. Ah, quantas lembranças. Em minha mente ficam vívidas as imagens do gato caçando barata, da panela assoviando a pressão, anunciando que o feijão está pronto, e das conversas que eram muito presentes.

A casa, em estrutura, permanece lá, até foi reformada para receber novos moradores e, com eles, novas histórias e memórias. E a casa, quando era meu lar, a qual eu chamava de minha, faz morada agora em outra parte, carregando em mim grandes histórias para prostrar ao receber novas visitas.



# O cãozinho sortudo

Ele era um cãozinho esperto e inteligente. Tinha muita vontade de conhecer o mundo e as coisas que nele existem.

Um dia, enquanto seu tutor estava arrumando as plantas do jardim, o cãozinho foi ver o que havia lá fora. Como o portão estava aberto, ele resolveu explorar a rua. Pronto. Estava agora livre para um passeio.

Andou muito e, como era pequeno e inexperiente, não conseguiu encontrar o caminho de volta.

E agora? Perdido, sem casa, sem família. Como sobreviver na selva de pedra?

Tentou pedir ajuda aos humanos, mas ninguém lhe deu atenção. Alguns até ameaçaram um pontapé, uma vassourada.

Seus iguais, cães adeptos da vida livre, disseram para encontrar um lugar e se acomodar. A noite se aproximava, com sinais de chuva e frio.

Nosso amiguinho entrou num local com algumas pessoas que lhe deram comida e água e ofereceram pousada para a noite. Mas logo foram embora para suas casas e trancaram o portão.

Passaram-se alguns dias e noites, frio e chuva constante. Ele ficou ali, esperando que alguém o socorresse e acolhesse.

De repente, chegou alguém. A pessoa ficou admirada que o cãozinho ainda estivesse lá, muito sujo, molhado de chuva, com fome.

Aquela alma generosa rapidamente tomou uma atitude. Levou o pobrezinho para sua casa, onde havia uma menininha que desejava muito um cãozinho. Deram-lhe banho, arrumaram uma cama quentinha e, mesmo muito assustado, com medo, comeu toda a comida oferecida e bebeu bastante água.

Deitou-se aos pés de seus novos amigos e dormiu.

No dia seguinte, acordou com uma mãozinha fazendo carinho em sua orelha e um novo prato de comida ao seu lado.

O cãozinho sentiu saudades de sua família, mas percebeu que havia encontrado muito amor com os novos amigos.

Os dias seguintes foram de descobertas, brincadeiras, passeios e um novo nome, ao qual logo se acostumou, Binho.

Um dia, no fim da tarde, seu tutor dormia no sofá da sala e Binho ao lado de seus pés.

De repente, um barulhinho. Percebeu uma "coisa escura" entrando na sala. Binho conhecia aquele ser que não lhe era simpático. Já haviam se encontrado, e não fora agradável. Tratava-se de um rato que lhe tirara um bocado de comida.

Binho rosnou feio e foi pra cima do roedor, que se escondeu atrás de uma estante. Isso fez com que Binho ficasse mais bravo.

Seu tutor acordou, mas como não viu nada, achou que o cãozinho estava "doido".

Binho ficou de guarda na frente do móvel.

Mais tarde, outros membros da família chegaram. Com a movimentação da casa, o rato saiu de seu esconderijo. Foi o que bastou para o pequeno caçador ficar uma fera e decidir capturar aquele imenso rato, que era quase do seu tamanho.

A única coisa que se viu foi uma massa muito escura, correndo pra fora da casa. O valente cãozinho atrás, latindo muito, muito bravo.

Quando teve certeza de que seu rival não voltaria, Binho entrou em casa com ar muito superior e foi beber água.

Muito surpresa, sua nova família lhe fez festa. O pequeno poodle se tornou um grande herói. Havia conquistado seu espaço na casa e no coração de seus novos tutores.



# O vestido lilás de Deia

Era fim de tarde, o sol já estava se pondo. A paisagem da serra estava linda! Do interior do carro, eu via o céu iluminado por uma luz alaranjada e os raios do sol que recortavam as folhas das árvores que dançavam numa coreografia harmônica ao som do vento e com os feixes de luz que as vestiam como se fosse uma roupa de gala. Ao fundo, uma canção antiga tocava no rádio do carro. Eu estava recostada no banco do passageiro e não conseguia tirar os olhos da janela. Aquela paisagem me inebriava e os pensamentos me retiraram, por breve momento, do meu corpo físico, me levando para um lugar celestial e encantado onde a fantasia se tornou uma realidade, ainda que fosse por breves instantes. Eu estava sonhando...

Vi-me flutuando por sobre aquela paisagem e, como faziam as folhas nas copas das árvores, eu dançando com o sopro do vento também. Senti uma sensação tão boa! Eu abria e fechava os meus olhos diante daquela paisagem, fiz isso por várias vezes, e quanto mais eu tentava despertar daquela espécie de transe mais eu me aproximava e me perdia pelo infinito daquele sonho. Pensei no quanto aquilo me parecia irreal, mas tudo se tornou encanto e, então, me entreguei e, bailando ao som daquela canção que falava sobre a tranquilidade de algumas coisas imperceptíveis aos nossos olhos, senti que uma sensação de paz tomou conta de mim. Sem saber se era um sonho mesmo, enxerguei nitidamente um vestido lilás com nuances cintilantes, feito de um tecido leve que proporcionava liberdade. Eu estava vestida nele e o meu corpo bailava em movimentos lentos. O tecido do vestido esvoaçava e se enroscava suavemente por entre minhas pernas, marcando os contornos e se adaptando nelas para um próximo movimento. Senti-me livre e feliz naquele momento e, ao olhar para trás, eu vi o sorriso da Deia.

Deia era uma mulher única, daquelas que todas as pessoas desejavam ter ao seu lado, uma amiga para todos os momentos. Falava alto, mas com uma voz doce que acariciava nossos ouvidos, e sempre com uma bela história para contar. Ela era alta, esguia, cabelos encaracolados, longos, avermelhados e o tempo todo decorados com algum arranjo floral. O seu rosto era fino e o seu sorriso enorme e contagiante enchia de alegria qualquer olhar e lugar. Gostava de dançar e amava a paisagem da serra, principalmente quando já despontava aos olhos a imagem do mar. Ela amava vestidos, que eram inúmeros em seu guarda-roupas. Vestidos de todos os tipos, cores, tecidos e para todas as ocasiões, mas o preferido dela era um vestido lilás que sempre usava quando íamos juntas à praia. Confesso que eu não era muito fã daquela cor ou modelo - sendo bastante honesta, ele era feio, mas eu sempre dizia que ele era lindo só para encorajá-la ainda mais a usá-lo. Ele era esvoaçante, um tecido com leve transparência e três camadas de babados que se arrastavam até o chão, tinha uma única alça composta por vários apliques imitando flores e mais de um metro de tecido que, após amarrado ao pescoço, imitava uma espécie de



echarpe que flutuava conforme a direção do vento, deixando as costas à mostra, além disso, ficava enorme naquele corpo magro, mas ela se sentia livre dentro dele e sempre dançava ao som das ondas do mar com aquele vestido. Era lindo de se ver!

Nesses momentos, que ela usava esse vestido, ao sair dançando descalça pela praia com os pés por sobre a areia e o tecido do vestido misturando com a água do mar, eu a observava e ali eu enxergava a verdadeira felicidade e alegria que ela tinha em viver. Era surpreendente o quanto ela enfeitiçava qualquer pessoa ao sincronizar perfeitamente tantos elementos numa coisa só. Sua beleza, que ia além do seu corpo físico, era uma beleza que emanava de sua alma. E foi exatamente num cenário assim, com ela vestida naquele vestido lilás, que soubemos que seríamos amigas para sempre, e fomos, mas um dia algo terrível aconteceu e isso tudo deixou de existir e Deia se foi sem dizer adeus.

...Ouvi um barulho alto, o carro passara por sobre alguns galhos de árvores e um solavanco me fez acordar abruptamente daquele sonho. Eu ainda estava como os que sonham, mas, mesmo após despertar, a imagem da Deia vivia em minha cabeça. Fora o sonho mais bonito que eu já tive e nele eu estava vestida com o vestido lilás da Deia!

Após alguns dias, já em casa, por entre muros, paredes e concreto, eu me lembrei desse sonho e concluí que de tudo ficou uma doce lembrança, inclusive daquele vestido lilás que eu achava tão feio, mas que para sempre marcaria a minha história e todas as pequenas e grandes coisas que eu e a Deia tínhamos vivido juntas. Então, aquele vestido feio se tornou o vestido mais lindo, pois me trazia à memória dias que foram tão bons e doces, dias de amizade sincera e risos largos, dias de parcerias incríveis e aventuras amalucadas, mas também dias de dor, iguais ao dia que ela se fora... Num estalo, pensei em dar vida novamente a esses momentos e fui procurar por aquele vestido. As coisas da Deia tinham ficado em minha casa após sua partida e eu não tinha me desfeito do vestido, ele estava em algum lugar muito bem guardado. Encontrei-o dentro de uma caixa, guardada no fundo de um quarto em meio a tantas outras caixas e outras relíquias.

Ele estava lá, diante de mim, impecável e perfeito mesmo após tantos anos e, com sorte, após alguns ajustes, ele me serviria perfeitamente. Assim feito, aquele vestido lilás passou a regar os momentos mais incríveis e lindos da minha vida, como o dia em que me apaixonei. Eu estava vestida com ele quando o vi pela primeira vez. Meu coração batera forte e eu senti, após tantos anos, que o amor chegara para mim. Certo dia, ele me pediu para vestir o vestido lilás da Deia e assim o fiz. Estávamos numa praia lindíssima, já era fim da tarde, com uma brisa branda e as águas calmas. Naquele cenário e com ele me observando, me coloquei a caminhar suavemente por sobre a areia que se misturava aos meus pés e ao tecido do meu vestido. As águas do mar batiam levemente no tecido do vestido e então eu me lembrei da Deia... O mar ao fundo e o vento que ali soprava cantavam docemente, como uma canção dessas que ouvimos nos rádios. Assim, comecei a dançar como naquele sonho que tive, mas agora era real. Lembrei-me de como Deia me olhava de forma doce e alegre, e de como meus olhos se alegravam ao vê-la dançando com aquele vestido lilás. Nessas horinhas, eu percebia o quanto aquela amizade era bonita, como era bom gargalhar e correr pela praia com ela vestida naquele vestido flutuante. Engraçado que eu tinha medo do mar, mas não conseguia, naqueles momentos com ela, me apavorar com nada, apenas ouvia o som das águas ao fundo e olhava para a Deia e, então, ela abria um sorriso largo e terno. De certo, ela ficaria feliz em me ver naquele momento tão sublime e com o vestido lilás dela por testemunha, pois fora o dia que ele me pediu para ficar ao seu lado quanto fosse o tempo que o amor durasse.



Ao procurar o vestido por entre as coisas da Deia, encontrei também uma fotografia dela com aquele vestido e, atrás da fotografia, suas palavras escritas com caligrafia impecável, diziam: “que tantas outras pessoas sonhem da mesma forma como eu sonhei cada vez que vesti esse vestido”. Na época, eu não havia entendido bem o que isso significava e, por isso, fiquei com o vestido lilás que me acompanhou por um longo tempo e depois ficou guardado por longos anos dentro de um armário. Esses dias, numa tarde ensolarada, ouvi novamente no rádio aquela mesma canção que eu havia escutado no carro quando eu despertara do sonho lá na serra, e naquele instante eu soube que aquele vestido seria sempre o nosso sonho, o elo que nos uniria para sempre, mas que era hora de ele vestir os sonhos de outras pessoas. Coloquei-o dentro de uma caixa e o doei. Acredito que até hoje o vestido lilás da Deia esteja bailando por aí, vestindo outros corpos, em outras praias, ao som de outros ventos, outras músicas, mas trazendo a mesma felicidade que sentíamos em nossos corações e construindo tantas outras histórias lindas de amor.

**(CONTO BASEADO NA HISTÓRIA REAL DE UM VESTIDO LILÁS QUE FOI VESTIDO DE CASAMENTO DE UMA AMIGA. APÓS O CASAMENTO, ESSE VESTIDO FOI DOADO E JÁ FOI VESTIDO DE OUTROS CASAMENTOS E MOMENTOS ESPECIAIS PARA OUTRAS PESSOAS. AO TODO, CINCO MULHERES USARAM O VESTIDO LILÁS DA DEIA. HOJE, JÁ BASTANTE SURRADO, ELE ESTÁ BEM GUARDADO E GUARDANDO MUITAS HISTÓRIAS FELIZES.)**



# O homem cinza

Dizem que sou um homem cinza. Que vibro em baixa sintonia e que caminho como se não esperasse nada da vida...

Que as músicas que ouço são da categoria “deprê”, que os quadros que me atraem são os mais densos. Que admiro as leituras que buscam retratar as tristezas humanas e que as roupas que uso me misturam ao asfalto.

Entendo que pensem assim e para olhos desatentos realmente deve ser assim que pareço, mas não poderiam estar mais errados.

Quando criança, um rapazote de não mais de 9 anos poderia ser considerado igual a outras mil crianças e realmente não me diferenciava em nada. Correr, pular, brincar e rir: essa era minha infância, e era boa.

Mas somos criaturas moldadas pelo ambiente que nos cerca e meu ambiente mudou.

Nada demais. Uma mudança de casa, um bairro novo e uma escola nova. Tal qual outras mil crianças, essas foram as mudanças que ocorreram em minha vida.

Mas essas mudanças somadas a todas as pequenas mudanças que se seguem, assim como na vida de todos, me tornou esse homem visualmente cinza.

Em uma nova casa, sem amigos, em uma nova escola sem conhecidos e em um novo bairro sem crianças. Apenas isso foi necessário.

Uma criança em uma casa vazia, sem amigos e sem nada para fazer, meus dias eram longos e meus pensamentos voavam pelos mais estranhos caminhos.

Então minha professora passou um dever: ler um livro.

Apenas isso, apenas ler um livro. Em uma tarde de sol daqueles que não ardem, mas aquecem prazerosamente, me sentei no quintal para ler.

Uma explosão, um choque e o sentimento de ter duas vidas dentro de mim. Assim eu me senti após terminar a leitura. De repente, não estava mais só. Pessoas, acontecimentos, vidas diferentes habitavam dentro do meu ser. E isso foi bom.

Como uma necessidade física, procurei e li tudo que encontrei, Machado de Assis, Júlio Verne, Erasmo de Roterdã. Não existia gênero, não existia diferença, a tudo eu lia como um buraco negro sugando tudo à sua volta e, a cada leitura, uma nova vida habitava dentro de mim.

Dez, vinte, quarenta, cem, duzentos, perdi a conta. Só sei que até hoje continuo colecionando vidas e vivendo cada uma delas com os personagens que me são apresentados.

Mas o livro é uma coisa curiosa. Ele grita! Chora! Ri e viaja. Mas tudo isso no silêncio das palavras. Por fora parece apenas um livro, mas em minha mente ele explode em mil vozes, cores e sons.



Não sou cinza. Sou uma galáxia. Para quem olha desatento apenas enxerga o negrume da noite.

Mas para quem se posta de telescópio em mãos e se senta para observar, vai encontrar planetas e constelações, supernovas tão brilhantes que são impossíveis de se olhar a olhos nus. Planetas com aventuras, planetas em canto, planetas em silêncio, planetas vivos e planetas mortos. Explodo em cores e em sons, em gritos e risadas, e continuo em constante expansão. Mas, assim como o universo, é preciso atenção para perceber.

Uma pessoa que aprendeu a ter calma ao longo da vida é ponderada, pois aprendeu a se controlar e entende que alegrias e tristezas são passageiras perante a longitude da vida.

O que dizer então de uma pessoa que viveu mil vidas e continua a se expandir?

Não sou cinza, mas sou a soma de tudo que vivi aqui e nos livros que li. Sou uma amálgama, sou um herói, um bandido, um monge e um guerreiro.

E, até hoje, me surpreendo que tudo isso tenha começado com um livro, uma professora e uma tarde ensolarada.



# Descobrir-se

Quando olho no espelho,  
Me encaro, me vejo  
E de súbito, disparo:  
"quem é você?"  
A resposta,  
Ignota,  
Meu olhar provoca,  
Não é fácil dizer.

No entanto, eu sei  
Que tentarei  
Nos próximos versos  
Me expressar.  
Quem sabe assim me descubro  
E para o espelho, tão mudo  
Vou me revelar.

Sou aquela que,  
Na foto, ainda bebê  
Fixava o fotógrafo.  
Sou aquela que,  
Criança que era  
Vivia a quimera  
De médica ser.  
Sou aquela que,  
Já mais crescidinha,  
Vivia sozinha,  
A devanear.  
Sou aquela que,  
Já a par das letrinhas  
Tinha dificuldade  
Do número dois desenhar...

Sou aquela que  
Mais velha dos filhos,  
Mais velha dos netos,  
Exemplo devia dar.  
Sou aquela que,  
Já desde menina  
Apaixonou-se pelas rimas  
E suas poesias.

Sou aquela que  
Devorava tantos livros  
Que deixava preocupada  
Minha pobre vó.  
"Essa menina só vive lendo?  
Está empalidecendo..."  
Pena, ela não sabia  
Que nos livros eu vivia  
Mil vidas em uma só.

(Hoje, tadinha,  
A minha velhinha,  
Briga com a memória.  
Esquece das coisas  
Mas vive repetindo  
As mesmas histórias).

Sou aquela que,  
Já adolescente  
Na leitura se escondia  
Era minha rebeldia  
Contra os males da idade.  
Sou aquela que  
Abandonou o sonho da medicina  
E rendeu-se às Letras  
E entrou para a faculdade.



Sou aquela que,  
 Mais velha dos filhos,  
 Mais velha dos netos,  
 Estudou na faculdade pública.  
 Sou aquela que  
 Apesar de ser a primeira  
 A ter um diploma universitário  
 Tem orgulho de dizer  
 Que na família não é a única.

Sou aquela que  
 Da minha família  
 Fui a primeira a viajar para o exterior  
 E a falar outra língua.  
 E o que mais me orgulha é saber que  
 Só pude viver isso porque  
 Meus familiares lutaram outras lutas.

Sou aquela que casou,  
 Tem pets, trabalha,  
 E tem, para muitos,  
 Uma vida comum.  
 Sou aquela que  
 Apesar disso é singular  
 E diferente de qualquer um.

Sou aquela que,  
 Na escolha das Letras  
 Encontrou no magistério sua profissão.  
 Sou aquela que  
 Apesar das dificuldades  
 E dos dias difíceis,  
 Ainda crê na Educação.

Sou aquela que,  
 Quem diria,  
 Sobreviveu a uma pandemia  
 Mas assume o medo da morte.  
 Sou aquela que,  
 Em meio a tantos altos e baixos  
 Se tornou madrinha  
 De uma criança de sorte!  
 (É o que digo a ela...)

E agora, de volta ao espelho  
 Encaro meu olhar, me vejo.  
 Sou o produto das minhas histórias,  
 Particulares, únicas, vívidas ou liquefeitas.  
 E o que me traduz são estas memórias  
 De uma vida ímpar e (im)perfeita.

PS.: PENSEI MUITO NO QUE IRIA ESCREVER... QUERIA UM RELATO DO PRIMEIRO DIA QUE FUI PARA A ESCOLA COMO PROFESSORA... OU DA EMOÇÃO AO PASSAR NO VESTIBULAR...PENSEI NA PANDEMIA E EM TUDO O QUE ACONTECEU NO MUNDO NOS ÚLTIMOS ANOS. MAS ENTÃO ME LEMBREI DE QUE A FACULDADE DE LETRAS ME AFASTOU DAS POESIAS SIMPLES QUE EU ESCREVIA DESDE PEQUENA, POIS ERAM TANTAS ANÁLISES DE TEXTOS CANÔNICOS, QUE VOCÊ SE SENTE PEQUENININHO E INVISÍVEL. NADA PARECE BOM. COM A PROPOSTA DO TEMA "MEMÓRIAS", RESOLVI VOLTAR À PRÁTICA DA POESIA SIMPLES. FIQUEI FELIZ COM O RESULTADO.



# Índice



Adriana Alves Izác Santos.....	4
Adriana Lemos e Silva (pseudônimo Adeli Rossian).....	6
Aline da Costa Silva.....	8
Ana Helena Branco Maia.....	9
Ana Paula Ortega.....	10
Ana Regina Barbosa Spinardi.....	11
Andréia Fernandes de Souza (pseudônimo Déia Nandes).....	12
Andreia Tairon.....	13
Artur Antonio Azevedo Amorim.....	14
Braz Gomes da Silva Filho.....	16
Bruno Arruda Felipe.....	17
Bruno Carvalho da Silva Barros.....	18
Carlos Roberto Bortolotto.....	20
Cinthia Krayuska de Araujo.....	22
Cíntia Amélia Campos da Silva.....	23
Creusa Aparecida de Lima Ruiz (Pseudônimo: Cre Ruiz).....	24
Cristiana de Paula Pena Reis.....	26
Daniela de Lima Solla.....	27
Débora de Almeida Azevedo.....	29
Débora Osemeberg Chirumbolo.....	31
Denise Aparecida de Melo Da Silva.....	32
Denise Souza da Rocha Franco.....	34
Diane Paula da Silva Simões.....	35
Eduardo de Oliveira Santos (pseudônimo: Eduardo Salveira).....	36
Egle Anny dos Santos.....	39
Elaine Donizete Martins (pseudônimo: Tullipreta).....	40
Elaine Santos Nascimento Leite.....	41
Eliane Pereira Cabral de Andrade.....	42
Elizabe Freitas de Almeida.....	44
Emerson da Silva Gonçalves.....	45
Ester Marques de Paula Dionisio.....	46
Eva Vilma.....	48
Fabio dos Santos Pinheiro.....	49
Fernanda Depizzol.....	51
França Helena Amandio Berton.....	52
Gedilsa Lourenço da Silva.....	54
Geni Alves Caetano.....	56
Gentil Tadeu Gomes.....	57
Gilberto Araujo Rosa (pseudônimo: Gil Miri).....	59
Gláucia Pereira de Brito Ungaro.....	60
Idemar Alves.....	63
João Rosalvo da Silva Junior.....	66
Jonathan do Espírito Santo Constantino.....	67
Jose Luiz da Cunha.....	69
José Roberto Almeida Tersl.....	70
Joyce de Moraes Santana (Pseudônimo: Joy Santana).....	73
Juliana Cavalcanti Candelária.....	75
Juliana do Couto Machado de Castro.....	76
Juliene Codognotto.....	77
Kátia Cavalcanti Beltrano Fico.....	79
Kátia Cilene Moreira.....	80



Laura Aparecida Guimarães Corrêa.....	82
Leandro Alves Machado Torres .....	85
Leila Nigro .....	86
Leonardo Angelo Baruffaldi (pseudônimo: Baruffa).....	87
Lina Ribeiro Guedes Diorio .....	88
Lourdes Fátima Basílio.....	89
Luciene Cioffi.....	91
Lucinéia de F. Guerra Souza.....	92
Marcelle Reis da Silva.....	93
Marcia Cristina dos Santos Jupi .....	94
Márcio dos Santos Leite Oliveira .....	96
Maria Angélica de Oliveira Paula.....	98
Maria Célia Gonçalves Silveira (Pseudônimo: Miss Mary).....	99
Maria Inês Alves Pereira .....	102
Maria Luziene dos Santos.....	103
Maria Rozineide Rodrigues.....	104
Maria Sueli Fonseca Gonçalves (Suelizinha) .....	106
Mariana Ferreira da Cruz.....	107
Marlei Valverde de Oliveira .....	108
Miriã Pissamiglio Marques .....	109
Mônica Dionísio da Silva .....	110
Natasha Sonna Santos Verde.....	112
Nilda Aparecida Conrrado de Paula.....	113
Patrícia Cavazzana da Silva .....	114
Patrícia dos Santos Ciorfi Freitas.....	115
Patrícia Lima Vieira.....	116
Patrícia Zerino Agullera.....	117
Paula Gardenia Lucena Gallego (pseudônimo: Paula Pagú).....	119
Plácido Rodrigues da Silva .....	120
Priscila Pettine .....	122
Querina Felisardo Tenorio Rocha .....	123
Rafael Marques da Silva.....	124
Renata Aparecida da Silva Fico (pseudônimo: Renata Maria).....	126
Renata Cristina Oliveira.....	127
Renata Rodrigues Caldeira da Silva .....	128
Rita de Cássia Almeida Braga .....	130
Rita de Cássia da Silva Alves (pseudônimo: Tássia Alves).....	131
Roberto Antonio Maciel.....	132
Rodrigo de Macedo França (pseudônimo: Rfrança) .....	133
Ronaldo Rodrigues .....	134
Rosângela Aparecida Paschoal Brighenti Dayyoub.....	135
Rosemeire Gonzalez Piccoli Menolli .....	137
Sílvia Maria Garcia Pinto .....	139
Sérgio Tenório de Almeida .....	140
Thalita Garcia Lopes .....	141
Tais Freitas de Souza .....	142
Thais Thomaz Bovo .....	144
Tâmara Rodrigues Ferreira .....	145
Tânia Regina da Silva .....	146
Valeria Silva Nascimento de Oliveira.....	148
Vanessa Andrade.....	149
Vanessa Batista dos Santos.....	150
Vera Lúcia de Aguiar Bertolotti Gonçalves.....	151
Viviane Cristina Almeida da Silva .....	152
Wagner Ferreira Neves.....	155
Wania Aparecida Guedes da Silva.....	157



# COORDENADORES DA AEL NAS DRES

## **BUTANTÃ**

Rita de Cassia Almeida Braga

## **CAMPO LIMPO**

Cleomar de Souza Lima  
Elaine Silva Lacerda

## **CAPELA DO SOCORRO**

Deusdete Cassio de Jesus

## **FREGUESIA/BRASILÂNDIA**

Roberto Antônio Maciel

## **GUAIANASES**

Maria Inês Alves Pereira  
Tânia Regina da Silva  
Valéria Silva Nascimento de Oliveira

## **IPIRANGA**

João Rosalvo da Silva Junior  
Renato Brunassi Neves dos Santos Silva

## **ITAQUERA**

Cinthia Krayuska de Araújo Sousa  
Lúcia Ramalho Nunes Munis

## **JAÇANÃ/TREMEMBÉ**

Ana Carolina Cuofano Gomes da Silva  
Ivan Venturini

## **PENHA**

Thalita Garcia Lopes

## **PIRITUBA/JARAGUÁ**

Patricia Zerino Aguilera

## **SANTO AMARO**

Cláudia Gonçalves da Silva

## **SÃO MATEUS**

Priscila Alexandre do Nascimento Pereira  
Izabel Cristina Macedo Amaral

## **SÃO MIGUEL**

Vanessa Carneiro Dias



**CIDADE DE  
SÃO PAULO**  
EDUCAÇÃO

